UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

JULIA FLEIDER MARCHEVSKY

Progresso e ordem na obra de Adam Smith

**São Paulo
2018**

JULIA FLEIDER MARCHEVSKY

Progresso e ordem na obra de Adam Smith

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Filosofia pertencente à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Rolf Nelson Kuntz

**São Paulo
2018**

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M317p Marchevisky, Julia Fleider
 Progresso e ordem na obra de Adam Smith / Julia
 Fleider Marchevisky ; orientador Rolf Nelson Kuntz. -
 São Paulo, 2018.
 121 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Filosofia. Área de
concentração: Filosofia.

1. Adam Smith. 2. Progresso. 3. Teoria dos Quatro
Estágios. 4. Estética. 5. Linguagem. I. Kuntz, Rolf
Nelson, orient. II. Título.

Nome: MARCHEVSKY, Julia Fleider

Título: Progresso e ordem na obra de Adam Smith

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

aos meus pais,
as pessoas com quem mais aprendi nessa vida

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes) para a realização desta dissertação.

À Marie Marcia Pedroso, à Luciana Nobrega, à Geni Ferreira Lima e à Susan Thiety, pelo auxílio e pela disposição frente às burocracias relativas à pesquisa.

Ao Prof. Dr. Rolf Kuntz por ter concordado em me orientar ao ler meu projeto, sem sequer me conhecer. Suas leituras e suas críticas foram fundamentais para a minha formação e para a realização desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Maurício Coutinho, pela ajuda desde o começo do projeto e pela maravilhosa companhia ao longo de todo esse processo. Por participar da minha banca de qualificação e de defesa do mestrado. Não consigo pensar em uma pessoa melhor para ter me introduzido ao mundo da história do pensamento econômico.

Ao Prof. Dr. Pedro Paulo Pimenta, por ter me ensinado tanto sobre o século XVIII e por ter me acolhido no departamento. E também pela participação na qualificação e na defesa do meu mestrado.

Ao Prof. Dr. Hugo da Gama Cerqueira, por ter me mostrado que é possível sair da graduação em economia para a pós-graduação em filosofia e por ter concordado em vir participar da minha banca de defesa.

Ao grupo de pesquisa Rousseau, por ter sido o primeiro a me acolher no departamento e por me apresentar pesquisadores tão competentes e solidários como Thomaz, Thiago, Ciro e Dario.

Ao grupo de pesquisa sobre filosofia natural, sem o qual meu aprendizado não seria tão profícuo e nem tão prazeroso. Conviver com pessoas como Bel, Celi, Dirce, Lara, Eveline, Amaral, Galé, Pedro, Leo, Rodrigo, Mauro e Ivan contribuiu de maneira imensurável para a minha formação.

Ao grupo dos seminários da pós-graduação, fundamental para a minha permanência no mestrado. Sem a companhia de pessoas como Sacha, Lory, Lucas, Lucila e Jeff, a vida de mestranda teria sido mais difícil.

À Ana Paula, por me mostrar que a pesquisa acadêmica pode ser feita com base em relações de amizade, solidariedade e respeito mútuo.

Às amigas de Ana, Carol, Mel e Nina. Pessoas entre as quais mais me proporcionam o prazer da simpatia mútua.

Aos demais amigos, principalmente de longa data, que procuraram sempre compreender as dificuldades de uma pós-graduanda.

À minha irmã, Veridiana, por estar ao meu lado sempre que chamo pedindo socorro.

Aos meus pais, Vera e Jorge, por terem me apoiado nas minhas escolhas.

Wonder, therefore, and not any expectation of its discoveries, is the first principle which prompts mankind to the study of Philosophy, of that science which pretends to lay open the concealed connections that unite the various appearances of nature; and they [those of liberal fortunes] pursue this study for its own sake, as an original pleasure or good itself, without regarding its tendency to procure them the means of many other pleasures (Adam Smith, *History of Astronomy*, III.3)

“O espanto, portanto, e não qualquer expectativa de suas descobertas, é o primeiro princípio que incita a humanidade ao estudo da Filosofia, da ciência que pretende expor as conexões ocultas capazes de unir as diversas representações da natureza; e eles [privilegiados] perseguem esse estudo devido ao próprio, como um prazer original ou um bem em si mesmo, sem se importar pela disposição de prover os meios de muitos outros prazeres ” (Adam Smith, *História da Astronomia*, III.3).

RESUMO

MARCHEVSKY, Julia Marchevsky. **Progresso e ordem na obra de Adam Smith**. 2018. 126f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

A obra de Adam Smith é expressão de uma nova concepção de progresso elaborada principalmente durante a segunda metade do século XVIII. O desenvolvimento da sociedade passa a ser compreendido enquanto resultado da interação entre os indivíduos e expressão das faculdades e disposições humanas. Examinamos como essa nova perspectiva aparece nos estudos de Smith sobre as mais diversas áreas, como produção de riquezas, linguagem e ciência, mostrando como a relação entre essas esferas da sociedade é de interdependência dentro de um sistema. Ao analisar como Smith aborda diferentes temas, destacamos um aspecto comum importante entre os diferentes textos do autor: a noção de ordem. A procura desta aparece enquanto estímulo para as transformações da sociedade. Ela também conforma o método de investigação utilizado por Smith: a criação de sistemas explicativos com base nas regularidades entre as mais diferentes sociedades. Esse modelo possibilita, por exemplo, a formulação da teoria de desenvolvimento baseada em quatro estágios. Também acaba por conformar uma nova forma de se produzir história: em vez de narrar os acontecimentos de certos grupos particulares, procuram-se as regularidades entre estes para construir a história da espécie. Em suma, esta dissertação interpreta como as ideias de progresso e ordem na obra de Adam Smith estão fortemente interconectadas.

Palavras-chave: Adam Smith. Progresso. Teoria dos quatro estágios.

ABSTRACT

MARCHEVSKY, Julia Marchevsky. **Progress and order in Adam Smith's work**. 2018. 126f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

The work of Adam Smith is an expression of a new conception of progress elaborated mainly during the second half of the eighteenth century. Society's development comes to be understood as an effect of the interaction between individuals and of the expression of human faculties and dispositions. We examine how this new perspective appears in Smith's studies on different topics, such as the production of wealth, language and science, showing how the relationship between those spheres of society is characterized by an interdependence within a system. In analyzing how Smith addresses distinctive themes, we highlight an important common aspect among the author's different texts: the notion of order. The demand for it appears as a stimulus for the transformations of society. It also corresponds to the method of investigation used by Smith: the creation of explanatory systems based on the regularities among the most different societies. This model enables, for example, the formulation of the four-stage theory of development. It also ends up in a new way of producing history: instead of narrating the events of particular groups, one searches for the regularities between them to construct the history of the species. In short, this dissertation interprets how the ideas of progress and order in Adam Smith's work are strongly interconnected.

Keywords: Adam Smith. Progress. Four-stage theory.

Abreviaturas

Obras de Smith publicadas em vida:

TMS	<i>The Theory of Moral Sentiments (Teoria dos Sentimentos Morais)</i>
WN	<i>The Wealth of Nations (A Riqueza das Nações)</i>
<i>Considerações</i>	<i>Considerations concerning the first formation of languages (Considerações sobre a primeira formação das línguas)</i>

Demais obras:

EPS	Essays on Philosophical Subjects (Ensaaios sobre temas filosóficos), publicado em 1795 e inclui:
HA	<i>The History of Astronomy (História da Astronomia)</i>
HM	<i>The History of the Ancient Logic and Methaphisics (História da Lógica e da Metafísica Antigas)</i>
HP	<i>The History of the Ancient Physics (História da Física Antiga)</i>
IA	<i>Of the Nature of that Imitation which take place in what are called The Imitative Arts (Das Artes Imitativas)</i>
<i>External senses</i>	<i>Of the External Senses (Dos sentidos externos)</i>
<i>Johnson</i>	<i>The Review of Johnson's Dictionary (Crítica ao dicionário de Johnson)</i>
<i>Edinburgh Review</i>	<i>A Letter to the Authors of the Edinburgh Review (Carta aos autores da Revista de Edimburgo)</i>
<i>Stewart</i>	<i>Dugald Stewart, Account of the Life and Writings of Adam Smith (Relato da vida e dos escritos de Adam Smith, escrito por Dugald Stewart)</i>

Anotações de aulas:

LJ (A)	<i>Lectures on Jurisprudence. Report of 1762-1763 (Lições de Jurisprudência, relatório de 1762-1763)</i>
LJ (B)	<i>Lectures on Jurisprudence. Report dated 1766 (Lições de Jurisprudência, relatório datado de 1766)</i>
LRBL	<i>Lectures on Rethoric and Belles Lettres (Lições de Retórica e Belas Letras)</i>
AN	<i>Anderson Notes (Anotações de John Anderson)</i>

Demais textos:

<i>Correspondências</i>	<i>Correspondence of Adam Smith (Correspondência de Adam Smith)</i>
ED	<i>Early Draft from the Wealth of Nations (Esboço de a Riqueza das Nações)</i>

Sobre as referências às obras de Adam Smith

Seguimos o padrão estabelecido na *The Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith* para todas as referências às obras de Smith, conforme segue:

TMS I.i.1.1 corresponde à parte I, seção i, capítulo 1, parágrafo 1 da *Teoria dos Sentimentos Morais*.

WN I.i.b.1 corresponde ao Livro I, capítulo i, segunda seção e parágrafo 1 de *A Riqueza das Nações*.

LJ (A), i.1 e LRBL, i.1 correspondem à manuscrito número 1 e parágrafo 1 das *Lições de Jurisprudência* das aulas de 1762-63 e das *Lições de Retórica e Belas Letras*, respectivamente.

HA, I.1, IA, I.1 e Stewart, I,1 correspondem à seção 1 e parágrafo 1 de A História da Astronomia, de *Das Artes Imitativas* e do *Relato da vida e dos escritos de Adam Smith* escrito por Dugald Stewart, respectivamente.

Considerações, 1; *Edinburgh Review*, 1; HM, 1; HP, 1 e LJ (B), 1 correspondem ao número do parágrafo de *Considerações sobre a primeira formação das línguas*, da carta para a *Edinburgh Review*, da *História da Metafísica*, da *História da Física Antiga* e das anotações das *Lições de Jurisprudência* datadas de 1766, respectivamente.

Correspondências, 11 corresponde ao número da carta das Correspondência de Adam Smith.

Sobre as citações diretas da obra de Adam Smith

Todas as traduções dos textos escritos por Smith e da biografia realizada por Dugald Stewart foram feitas por nós. Portanto, suprimimos o termo *tradução nossa* nesses casos. De resto, sempre mencionamos se a citação é traduzida.

Sumário

Introdução	p. 12
Capítulo 1 - Da experiência ao progresso	p. 15
1.1. A teoria dos quatro estágios	p. 16
1.2. Do progresso da filosofia	p. 24
1.3. Das faculdades para falar	p. 30
1.4. Da posse até a propriedade	p. 35
1.5. A sociedade das trocas	p. 40
1.6. Considerações sobre o capítulo	p. 46
Capítulo 2 - Do prazer da ordem	p. 49
2.1. O tempo da música	p. 51
2.2. A ordem das estrelas	p. 56
2.3. A regularidade das palavras	p. 60
2.4. O padrão da beleza	p. 64
2.5. O ritmo da simpatia	p. 67
2.6. A ordem social	p. 72
2.7. O motivo de toda a labuta	p. 77
2.8. Considerações sobre o capítulo	p. 80
Capítulo 3 – Do progresso dos sistemas	p. 83
3.1. A composição didática	p. 84
3.2. O método para investigar as línguas	p. 89
3.3. O método das ciências	p. 94
3.4. A investigação sobre o capital	p. 99
3.5. A ciência das trocas	p. 104
3.6. Considerações sobre o capítulo	p. 107
Considerações finais	p. 109
Referências bibliográficas	p. 114

Introdução

A obra de Adam Smith contribuiu significativamente para o surgimento e a consolidação, a partir da segunda metade do século XVIII, de uma nova concepção de progresso. Esta fundamenta-se na compreensão das instituições sociais enquanto frutos das relações entre indivíduos. Sob tal ponto de vista, a linguagem, as leis, a ciência e o mercado passam a ser explicados com base nas faculdades e nas inclinações dos seres humanos. Suas transformações começam a ser investigadas a fim de encontrar-se fatores universais, comuns a todas as sociedades. Essa mudança de perspectiva – bastante presente em outros autores escoceses do período, em particular Adam Ferguson, John Millar, Lord Kames e David Hume – acaba por conformar um novo método nos estudos sobre a formação da sociedade.

Considerando tais aspectos, esta dissertação tem o objetivo de analisar a mobilização da noção de progresso ao longo dos trabalhos de Smith. Para tanto, não nos concentramos em um texto único. Buscamos compreender como tal conceito está inserido no decorrer dos mais diversos temas, como moral, jurisprudência, economia, linguagem e ciência. Devido a essa abrangência, não examinamos profundamente partes específicas da obra e seus respectivos intérpretes. Tentamos, por outro lado, fazer uma espécie de sobrevoo entre os diversos escritos do autor, olhando para a formulação da ideia de desenvolvimento. Esperamos por meio desse percurso, apresentar certo panorama sobre a manifestação do conceito de progresso nas investigações de Smith sobre os mais distintos tópicos¹.

As diferentes partes da obra de Adam Smith são relacionadas ao longo desta dissertação principalmente pela propensão do ser humano a sistematizar, a procurar uma ordem. Essa inclinação é muito presente nas análises do progresso da sociedade feitas pelo autor. Ela funciona como um forte estímulo para o desenvolvimento de instituições como o mercado, a linguagem e a ciência. Ademais, a ideia de construir um sistema dotado de certa regularidade delineia o próprio método utilizado por Smith. Dessa maneira, o conceito de ordem é um importante elemento para perceber uma unidade entre textos como *A Riqueza das Nações*, *História da Astronomia* e *Considerações sobre a primeira formação das línguas*. Por isso, procuramos ao longo desta dissertação destacar como a noção de ordem – análoga a ideia de sistema – permeia diferentes partes da obra de Smith.

¹ Entre os intérpretes de Smith, houve um intenso debate ao longo das décadas de 1970 e 1980 sobre se a *Teoria dos Sentimentos Morais* e *A Riqueza das Nações* seriam contraditórias ou não. Essa questão ficou conhecida como *Das Adam Smith Problem*. Hoje, a maioria dos comentadores do autor concordar que não há uma grande contradição entre as duas grandes obras de Smith. Nesta dissertação, além de concordarmos com tal visão, também buscamos estabelecer relações de ambos os livros com demais textos de Smith, como *A História da Astronomia*, *Considerações sobre a primeira formação das Línguas*, *Lições sobre Jurisprudência* e *Lições de Retórica e Belas Letras*.

Ao longo dessa pesquisa, nossas principais questões giraram em torno do lugar ocupado pela economia no desenvolvimento humano dentro da obra de Smith. Seria, por exemplo, o crescimento econômico o principal aspecto determinante para o aprimoramento da sociedade? Ou teria ele um peso equivalente às demais esferas? O interesse pela acumulação material seria o principal fator das transformações sociais? Ou outros aspectos também contribuiriam no processo? Ademais, qual foi o método utilizado por Smith para examinar o capital em *A Riqueza das Nações*? Seria o mesmo nos trabalhos restantes do autor? Procuramos, em cada capítulo, trazer elementos para a reflexão sobre tais perguntas.

A fim de refletir sobre as questões levantadas, organizamos a dissertação em três capítulos. Cada um tem o escopo de abordar aspectos específicos, embora interconectados, da noção de progresso de Smith. De maneira geral, o primeiro é destinado a examinar o significado de desenvolvimento na obra do autor, em especial por meio da teoria dos quatro estágios. O segundo propõe investigar o engendramento das transformações do corpo social. Por último, busca-se explorar como essa concepção de progresso está além da prática de narrar uma história particular e fornece as bases para o surgimento de um novo método para as investigações de fenômenos sociais. Em síntese, o progresso é analisado em cada capítulo por um ângulo diferente: seu significado, seu motor e seu método.

Entrando em detalhe, o primeiro capítulo traz aspectos da constituição das formas de produção. Para tanto, partimos do exame da teoria dos quatro estágios utilizada por Smith principalmente nas aulas de jurisprudência ministradas na Universidade de Glasgow. O desenvolvimento da sociedade em quatro etapas – caça, pastoreio, agricultura e comércio – permite destacar a importância do acúmulo de experiências nesse processo. Também expõe como a formação das instituições sociais é explicada com base nas faculdades dos seres humanos. Logo em seguida, a fim de compreender a importância das diferentes esferas da sociedade para o progresso das formas de produção, voltamos para o exame de Smith sobre os desenvolvimentos da ciência, das línguas e da propriedade privada. Dessa forma, aprofundamos a análise empreendida na primeira parte do capítulo que se detém na teoria dos quatro estágios. Procuramos ressaltar que as diferentes instituições se relacionam como partes integradas de um todo, destacando o caráter sistemático da obra de Smith.

O segundo capítulo procura mostrar quais são os motores do progresso para Smith. Nossa interpretação acaba por privilegiar o lugar da estética na obra. Para tanto, a chave de leitura utilizada é a propensão dos seres humanos a sistematizar. A espécie humana, segundo Smith, apresenta uma sensibilidade apurada ao ponto de a aparência dos objetos ser prazerosa ou desagradável a sua mente. Seus gostos estão ligados, principalmente, à presença de certa regularidade. Tais aspectos são observados, primeiramente, no ensaio *Das Artes Imitativas*.

Logo depois, analisamos de que modo a atração por padrões proporciona o estímulo para o desenvolvimento da ciência e da linguagem. Ao apreciarmos o aperfeiçoamento dessas duas instituições, notamos o quanto o progresso da humanidade está mais ligado ao prazer suscitado na mente humana devido à construção de sistemas que às vantagens práticas do próprio desenvolvimento. Em seguida, vemos como a disposição por encontrar ordens possibilita o progresso por promover o enriquecimento individual enquanto meio de obter aprovação dos demais membros da coletividade, estabelecendo, inclusive, a estratificação da sociedade. Em suma, pretendemos investigar como a propensão humana para procurar regularidades tem função fundamental no desenvolvimento e na coesão de todas as sociedades.

Já o terceiro capítulo examina como os estudos acerca do progresso implicam uma nova forma de investigação. Esta se contrapõe a uma visão de história narrativa e aproxima-se de um estudo de caráter sistemático, focando aquilo que é comum aos diferentes grupos da espécie humana. Tal diferenciação é bastante evidente ao olharmos para a análise das distintas composições presente nas *Lições de Retórica e Belas-letras*. O professor explicita que a arte de escrita histórica tem funções diferentes do texto voltado para a produção de conhecimento sistemático. Em seguida, vemos como essa segunda forma de composição caracteriza outros ensaios de Smith, como *Considerações sobre a primeira formação das línguas e História da Astronomia*. À luz dos aspectos levantados, pretendemos olhar para *A Riqueza das Nações* enquanto a elaboração de um sistema de Economia Política (*Political Economy*). A proposta da obra acaba por revelar-se a proposição de um modelo que consegue abarcar as regularidades entre os diversos processos de enriquecimento da sociedade.

Em suma, esperamos trazer elementos para se pensar relações entre as diferentes partes da obra de Smith. Elas, ao nosso ver, são imprescindíveis para entender a posição do filósofo nos debates iluministas e nos estudos de história do pensamento econômico. Ao mesmo tempo, também permitem apreender melhor o conceito de progresso, o qual não equivale ao crescimento econômico. Acreditamos, portanto, que olhar para os trabalhos de Smith nas áreas de linguagem, moral, estética e teoria do conhecimento pode contribuir para o entendimento dessa outra forma de se pensar a economia. Em todo caso, independente dessas possíveis utilidades, esperamos que esta dissertação tenha o potencial de despertar curiosidade no leitor, pois, ao concordar com a própria concepção de filosofia de Adam Smith, nossa pesquisa foi motivada principalmente pelo prazer de perseguir a nossa própria curiosidade.

Capítulo 1 - Da experiência ao progresso

A concepção de progresso presente nas obras de Adam Smith está associada aos estudos das instituições sociais como invenções humanas e formações constituídas gradualmente ao longo do tempo. Este projeto de pesquisa foi compartilhado por autores como Lord Kames, Adam Ferguson, John Millar e David Hume durante os meados do século XVIII, principalmente na Escócia. Com base nesse contexto, exploramos como tal noção aparece nas investigações de Smith voltadas a diferentes objetos, como linguagem, direito e economia política. Para tanto, percorremos diferentes partes da obra do autor, desde *A Riqueza das Nações* até as anotações de suas aulas de jurisprudência, e os ensaios *História da Astronomia* e *Considerações sobre a primeira formação das línguas*. A partir dessas análises, buscamos compreender a concepção de progresso para Smith como um processo ancorado no aprimoramento do indivíduo. Nossa interpretação almeja ressaltar que em tal trajetória não há predominância de uma esfera da sociedade sobre as demais ou certa determinação histórica.

Para descrever o progresso da humanidade, Smith utiliza o modelo da teoria dos quatro estágios, comum no século XVIII, de maneira a partir da etapa mais simples, tribos de selvagens, até a mais complexa, a sociedade comercial. Apresentamos esse modelo na primeira seção a fim de ilustrar características fundamentais da compreensão de desenvolvimento presente na obra de Smith, como a importância de um acúmulo de experiências e o declínio como destino quase certo para qualquer nação. A partir da teoria dos quatro estágios, começamos a delinear a relação entre as transformações de um corpo social e as vivências de seus membros, tema a ser mais aprofundado nas seções seguintes dedicadas a examinar a formação de certas instituições ao longo do progresso da humanidade.

A partir do ensaio publicado postumamente *História da Astronomia*, a segunda parte do capítulo tem o intuito de analisar a formação da ciência, a fim de perceber como o conhecimento é fundamental no progresso da nação. Não apenas fundamental, a produção de conhecimento também está interligada às demais esferas sociais, condicionando-as e, ao mesmo tempo, sendo condicionada por elas. Destacamos, inclusive, como a trajetória da ciência é demarcada por diversas descontinuidades e interrupções, trazendo mais elementos para pensar o progresso como um caminho incerto. A importância das faculdades humanas nesse processo já é brevemente explorada, no entanto o tema consegue ser melhor abarcado na seção seguinte, sobre o progresso da linguagem.

Smith publicou um breve ensaio denominado *Considerações sobre a primeira formação das línguas*, no qual examina os mecanismos de formação da linguagem e realça a importância das faculdades mentais e do acúmulo de experiências e observações para o desenvolvimento das nações. Como o estabelecimento de uma linguagem é imprescindível para o funcionamento

das demais instituições sociais, o aprimoramento das operações mentais ligadas à linguagem é condição necessária para o progresso do corpo social. Por outro lado, a trajetória da linguagem também permite refletir sobre os efeitos negativos desse processo. Esses prejuízos são tema recorrente ao longo das obras de Smith, pois as línguas tornam-se cada vez mais imperfeitas em determinado momento de sua formação.

Abordamos, na quarta seção, a expansão da noção de propriedade ao longo do tempo desde a posse imediata até a prática de herança. Pretende-se mostrar como, segundo Smith, as experiências provocam um estímulo nas operações da mente e, conseqüentemente, novas formas de organização social. Um olhar para a formação do direito de propriedade, trajetória descrita principalmente nas aulas de jurisprudência, permite estabelecer clara conexão entre o aprimoramento do indivíduo e a teoria dos quatro estágios, além de ressaltar como as operações mentais são essenciais no progresso geral da humanidade, inclusive para o crescimento econômico.

Por último, voltamo-nos para a divisão do trabalho – principal causa do aumento de produtividade e do crescimento econômico da nação – para averiguar como a análise do aprimoramento das faculdades humanas está presente nas investigações sobre a produção de riquezas. O funcionamento das operações da mente conforme a intensificação da divisão do trabalho, segundo descreve Smith, mostra a atuação de diversos aspectos imateriais, como habilidades e técnicas, no processo de acumulação de bens materiais. Esses fatores ressaltam a existência de múltiplas esferas na determinação do desenvolvimento da sociedade. Por outro lado, ao expor o atrofiamento das faculdades mentais da maior parte da população como efeito negativo do progresso, Smith destaca ainda mais como sua interpretação da trajetória da humanidade não corresponde à construção de um mundo ideal.

1.1. A teoria dos quatro estágios

A fim de melhor compreender a concepção de progresso presente na obra de Smith, é necessário voltar a atenção às anotações de suas aulas de jurisprudência na Universidade de Glasgow, devido ao amplo uso da teoria dos quatro estágios. Esse modelo tem a finalidade de mostrar o desenvolvimento da sociedade por meio de etapas. Sua utilização em um curso sobre jurisprudência², isto é, a teoria dos princípios gerais da lei e do governo (LJ (B), 1), justifica-se

² Jurisprudência, teoria acerca dos princípios gerais do governo e da lei, foi o cerne das aulas de Adam Smith na Universidade de Glasgow realizadas entre meados das décadas de 1750 e 1760. Não se tem acesso às anotações feitas pelo próprio Smith para suas aulas, pois o filósofo mandou queimar todos os seus manuscritos pouco antes de falecer. Porém é possível se aproximar do que foi o curso de jurisprudência de Smith no decorrer dos anos por meio de três principais manuscritos. O primeiro são notas produzidas por um copista datadas de 1766, mas como Smith deixou Glasgow em janeiro de 1764, é provável que as anotações sejam frutos das aulas de 1763-64. Tais

pela ideia da formação gradual das instituições ao longo do tempo, partindo de estruturas menos para mais complexas. Em outras palavras, o governo e as leis para Smith são constituídos progressivamente por meio da interação humana, passando a serem considerados como fenômenos sociais, ainda que não-intencionais. No entanto, o modelo também é empregado em outras obras, como *A Riqueza das Nações* e *Historia da Astronomia*, mas não com tanta ênfase como nas anotações das aulas de jurisprudência. Por isso, a fim de compreender os principais aspectos do conceito de progresso na obra de Smith, optamos por começar por um breve exame da teoria dos quatro estágios segundo as *Lições sobre Jurisprudência*.

O emprego da teoria dos quatro estágios na análise de instituições foi comum no século XVIII, aparecendo em trabalhos de autores como Lord Kames, John Millar, William Robertson, John Darymple e Anne-Robert Turgot (MEEK, 1976, p.68; 99-112); PHILIPSON, 2006, p.70 e 71)³. O modelo, razoavelmente simples, consiste na descrição do desenvolvimento de cada sociedade pela passagem sucessiva de quatro etapas: caça, pastoreio, agricultura e comércio (LJ (A), i.27; LJ (B), 149). A trajetória do corpo social, demarcada por Smith, apresenta uma progressão no grau de complexidade, pressupondo-se a necessidade de passar por organizações mais simples para ser possível atingir certo nível de aprimoramento. Por exemplo, em uma tribo de selvagens não há, segundo Smith, propriamente um governo em comparação com a grande máquina burocrática da sociedade comercial. Cada estágio, indicado por sua forma de produção, corresponde também ao grau de complexificação de suas estruturas e instituições, como governo, leis, conhecimentos e estratificação social.

O percurso de desenvolvimento do corpo social, apresentado nas *Lições sobre Jurisprudência*⁴, inicia-se com a existência de tribos de poucas pessoas vivendo, em condições bastante precárias, apenas da coleta de frutas e da caça de animais. Tais circunstâncias configuram um fator limitante para o crescimento populacional. Este, por sua vez, é um componente de pressão para os indivíduos buscarem formas mais eficientes de adquirir o

anotações foram editadas pela primeira vez pelo professor Edwin Cannan em 1896, mas encontradas um ano antes. Já o segundo manuscrito, descoberto apenas em 1958, são anotações de um aluno das aulas de 1762-3 e publicados pela primeira vez na *The Glasgow Edition of the Works and Correspondence of Adam Smith* em 1978. O terceiro, não publicado nas obras completas, foi encontrado em 1970 e são anotações breves na parte de trás do caderno de John Anderson provavelmente das aulas de jurisprudência do início da década de 1750 (MEEK, RAPHAEL, STEIN, 1982 [1978], p. 5-9).

³ Entre os trabalhos citados como referência para a Teoria dos Quatro Estágios estão *A Origem das Distinções Hierárquicas* (*The Origin of the Distinction of Ranks*) de Millar; *Esboços da História do Homem* (*Sketches on the History of Man*) de Kames; *História do Reino do Imperador Carlos V* (*History of the Reign of the Emperor Charles V*) de Robertson; *Ensaio sobre uma História Geral da Propriedade Feudal na Grã-Bretanha* (*Essay towards a General History of Feudal Property in Great Britain*) de John Darymple e *Plano em Dois Discursos sobre a História Universal* (*Plan de deux discours sur l'histoire universelle*) de Turgot. Cf. MEEK, 1977, p. 18-32; 1976, p.68-124; PHILLIPSON, 2000, p.70 e 71.

⁴ Em seu livro *Social Science and the Ignoble Savage*, Meek descreve que a teoria dos quatro estágios corresponde à “teoria na qual sociedades passam por um desenvolvimento por estágios sucessivos baseados em distintos modos de subsistência” (MEEK, 1976, p. 6; tradução nossa).

próprio sustento – entre as quais a domesticação de animais antes caçados é a mais provável, pois requer menos habilidades e menor acúmulo de observações do que o cultivo de plantas –, ocasionando-se o desenvolvimento em direção ao segundo estágio: o pastoril. Após um período com a prática de rebanhos, tal atividade poderia tornar-se insuficiente para garantir o sustento de um grupo maior, estimulando-se o surgimento da agricultura, característica fundamental do terceiro estágio. Por fim, o estoque gerado pela prática agrícola permitiria a intensificação da divisão do trabalho ao nível de cada pessoa poder ser responsável por uma única tarefa. E, pela remuneração desta, cada um adquire os bens necessários para sua sobrevivência por meio de trocas, originando-se a sociedade comercial, último estágio de desenvolvimento no modelo (LJ (A), i. 27-32).

A teoria dos quatro estágios viabiliza a realização de um estudo comparativo⁵ entre diversas sociedades, possibilitando a investigação das propriedades presentes de maneira universal nas mais diversas instituições, como as leis, no caso dos estudos de jurisprudência. Como há variações muito grandes entre os específicos regimentos de cada nação, a compreensão do geral requer uma comparação, método já presente na obra *O Espírito das Leis* de Montesquieu⁶: “a lei, em geral, é a razão humana, enquanto governa todos os povos da terra; e as leis políticas e civis de cada nação devem ser apenas casos particulares onde se aplica essa razão humana” (MONTESQUIEU, 2000 [1748], p. 16). Inclusive, segundo Stewart, *O Espírito das Leis* teve impacto bastante considerável em Smith e outros autores do período ao considerar as leis como derivadas principalmente de circunstâncias sociais (Stewart, 50 e 51).

Todavia, há uma diferença crucial nos métodos de Montesquieu e Smith, pois apenas o último enfatiza a noção de como as leis e demais instituições, além de variar, são formadas de maneira gradual. A ideia do desenvolvimento paulatino do corpo social é muito bem sintetizada por Adam Ferguson⁷, no início da obra *Ensaio sobre a História da Sociedade Civil*: “as produções da natureza são geralmente formadas por graus [...]. Esse progresso no caso do homem tem uma extensão maior que o de qualquer outro animal. Não apenas o indivíduo avança da infância até se tornar adulto, mas a própria espécie desde a brutalidade [*rudeness*] até a civilização (FERGUSON, 1995 [1767], p.7). A lei, portanto, é produto desse desenvolvimento. Por isso, a teoria do direito compreende o exame das transformações das leis conforme o aprimoramento da sociedade, o qual, por sua vez, também passa a ser um

⁵ Na seção *Das faculdades para falar*, abordamos com mais detalhes a importância da faculdade humana de comparação na construção do conhecimento e da linguagem na teoria de Smith.

⁶ Montesquieu é citado diversas vezes por Smith em suas aulas de jurisprudência e na obra *A Riqueza das Nações*. Cf. LJ (A), ii.150 e iv.4; LJ (B), 113-155; WN, I.ix.17; II.iv.9; V.i.f.40. Diversos textos comentam sobre a importância de Montesquieu no método de Smith. Cf. SPADAFORA, 1990, p. 266; MEEK, 1976, p. 31-34.

⁷ Importante destacar que a visão de Ferguson, apesar das semelhanças, apresenta importantes diferenças com a teoria dos quatro estágios. Enquanto o modelo de Ferguson sai da brutalidade em direção à civilização, o de Smith implica uma mudança de um estado selvagem para o comercial. Cf. FERGUSON, 1995 [1767].

importante objeto de análise. A partir da concepção das instituições como fenômenos sociais desenvolvidos ao longo do tempo, os estudos sobre o progresso da humanidade ganham maior relevância durante o século XVIII, principalmente, em sua segunda metade, na Escócia.

Durante suas aulas de jurisprudência, Smith investiga como é o processo de surgimento das leis. Apesar de Smith reconhecer a existência de alguns direitos naturais nas sociedades mais rudimentares, como o direito à vida, sua atenção é voltada para examinar os direitos adquiridos⁸, isto é, surgidos no decorrer do tempo e não intrínsecos à humanidade (LJ (B), 11). O interesse em compreender o caminho de formação das leis leva a necessidade de estudar como elas são transformadas conforme o desenvolvimento do corpo social. Esse modelo de investigação parece estar presente desde o início da carreira de Smith, segundo indica as anotações de John Anderson⁹ – feitas enquanto este acompanhava o curso de jurisprudência ministrado por Smith em Glasgow, muito provavelmente na primeira metade da década de 1750. Elas contêm um esboço da teoria dos quatro estágios na análise do desenvolvimento de certas instituições, como a direito à propriedade e a escravidão (AN, 1-2; 30-39). Em suma, os estudos sobre as instituições sociais feitos com base no exame do desenvolvimento delas parecem ter acompanhado Smith, pelo menos, durante os seus anos enquanto professor na Universidade de Glasgow.

De maneira similar às anotações de John Anderson, a descrição do progresso da sociedade, contida nas *Lições sobre Jurisprudência*, não é organizada segundo cada estágio, e sim a partir de cada objeto a ser analisado. No início das duas anotações dos cursos de jurisprudência da década de 1760, a jurisprudência é dividida em quatro partes: justiça, administração¹⁰, arrecadação e defesa¹¹, sendo a primeira ainda subdividida entre direitos público, privado e doméstico¹². Em cada tópico abordado, Smith emprega a teoria dos quatro

⁸ Em *Lições de Jurisprudência* das aulas de 1763-64, Smith descreve como “a origem dos direitos naturais é bastante evidente. Que uma pessoa tenha direito sobre seu corpo livre de lesões e sua liberdade livre de violações sem causas apropriadas, ninguém dúvida. Mas **direitos adquiridos [acquired rights]** tais como a propriedade requerem uma maior explicação” (LJ (B), 11; *grifos nossos*). No entanto, nas aulas de 1762-63, Smith classifica a propriedade como um direito natural, embora seja “o único caso no qual a origem de um direito natural não é completamente evidente” (LJ (A), i.25).

⁹ Em julho de 1970, o pesquisador A. H. Brown, enquanto buscava materiais sobre o jurista russo Semyon Desnitsky, que inclusive assistiu também às aulas de Smith, encontrou um caderno de anotações de John Anderson, filósofo presente nos círculos de Smith. Após uma detalhada verificação de Ronald Meek, as evidências indicam que as anotações são das aulas de teoria do direito de Smith da primeira metade da década de 1750 (MEEK, 1977, p. 76).

¹⁰ Optamos por traduzir o termo *police* por administração, pois refere-se às políticas internas de um Estado.

¹¹ A jurisprudência para Smith é dividida em quatro temas de investigação: justiça, administração, arrecadação e defesa (*justice, police, revenue and arms*). Promover a segurança contra quaisquer danos é o objeto da justiça. As regulamentações concernentes à manutenção da limpeza de áreas públicas da cidade, à segurança pública e à opulência de bens materiais são objeto da administração. Investigar a forma de financiamento do poder público corresponde à arrecadação. Por último, as diversas maneiras de realizar a segurança contra ameaças externas de um estado são objeto da defesa (LJ (B), 5 e 6).

¹² O direito público refere-se aos direitos do homem como um membro do Estado, enquanto o privado, aos direitos do homem como homem e o doméstico, aos direitos do homem como membro de uma família (LJ (B), 6).

estágios, de forma a examinar as causas daquela instituição. Por exemplo, as análises do casamento e da escravidão, partes constituintes do direito doméstico, são feitas separadamente e, em cada uma, descreve-se a situação prevalecente tanto na etapa rudimentar quanto na sociedade bastante aprimorada. Ao passar várias vezes ao longo dos quatro estágios durante suas aulas de jurisprudência, Smith investiga as mais diversas causas do progresso da humanidade a partir das perspectivas de cada instituição, sempre de maneira parcial, não como um todo.

Essa análise de certa maneira fragmentada entre as diferentes instituições remete-se mais às limitações do conhecimento humano que à existência da autonomia de uma esfera social perante às demais. Nenhum ser humano, segundo Smith, tem a capacidade de conseguir compreender a complexidade das interações da sociedade de forma a obter o entendimento da totalidade do sistema¹³. Por isso, o estadista deve buscar respeitar o funcionamento dos mecanismos que lhe escapam o controle. Partindo desse raciocínio, a teoria dos quatro estágios não poderia ser uma explicação que abarcasse a totalidade da ordem social, mas é o estabelecimento de relações presentes ao longo do progresso da sociedade. Essa diferença é de crucial importância, pois a primeira concepção implica um poder de transformação e controle muito grande sobre as transformações sociais, enquanto a segunda envolve uma limitação do poder da espécie humana.

A organização de suas aulas também mostra como a ênfase de Smith não era simplesmente narrar os fatos históricos do surgimento de alguma sociedade específica, e sim compreender os princípios por trás do progresso da humanidade ou, nas palavras de Lord Kames, a história da espécie humana (KAMES, 2007, p.3). Nesse contexto, a teoria dos quatro estágios, como destaca Phillips (2000, p.172), corresponde tanto a uma nova maneira de se fazer história – dotada de um caráter mais sistemático em contraposição à história em um sentido mais restrito – quanto a proposição de um estudo científico sobre o ser humano em sua sociabilidade, pertencendo ao método reconhecido como *História Conjectural* – expressão cunhada por Stewart em sua biografia de Smith (Stewart, 48) – *História Natural* ou, ainda, *História da Filosofia*¹⁴. Esse método consiste na investigação do progresso da humanidade a

¹³ Smith, ao comentar sobre a forma dos objetos produzidos pela natureza, enfatiza “as infinitas combinações de impulsos, as quais conspiram para a produção de cada um dos seus efeitos” HA, IV.64. Da mesma forma como os objetos, os efeitos de cada instituição são resultado de inúmeros impulsos, não de uma única causa. Inclusive, em *A Riqueza das Nações*, há uma ênfase na limitação de conhecimento por parte de um estadista ou de qualquer homem, pois ninguém poderia ter uma noção de totalidade para empregar os capitais de cada indivíduo da maneira mais proveitosa (WN, IV.ii.10).

¹⁴ Segundo Stewart, o termo *História Conjectural*, ou *História Teorética*, é uma “expressão que coincide de maneira bastante próxima com o significado de ‘História Natural’, como empregado pelo Sr. Hume, e com a denominada *Histoire Raisonnée* [História Racional] por alguns escritores franceses” (Stewart, 48). Esse novo modo de se fazer história apresenta um caráter mais sistemático e não foca em determinada época ou sociedade, tendo um caráter

partir das faculdades humanas, ou seja, uma explicação do desenvolvimento das sociedades enquanto desdobramentos da interação dos indivíduos. No entanto, a teoria dos quatro estágios representou apenas uma das formas do emprego do método conjectural. Filósofos como David Hume e Jean-Jacques Rousseau, ainda que com diferenças, também descreveram situações hipotéticas com base nas características psicológicas e antropológicas observáveis dos seres humanos. Pensar nesses termos é o que permite um estudo universal, pois as faculdades dos indivíduos são a variável constante entre as mais diversas sociedades.

Ademais, o modelo de investigação de Smith não se baseia exclusivamente em fatos históricos, pois, como afirma Dugald Stewart, “muito antes daquele estágio no qual o homem começa a pensar em registrar suas realizações, muitos dos mais importantes passos do seu progresso já foram dados” (Stewart, 45). Por isso, no decorrer de suas aulas, Smith utiliza conjecturas voltadas principalmente para a “infância”¹⁵ do corpo social. Seu intuito é criar uma situação bastante simples para refletir sobre a interação humana nessas circunstâncias. Tal recurso – explicado por Kames como o processo de “substituir o desejo de fatos positivos por conjecturas racionais” (KAMES, 1761, p.254) – permite imaginar como as faculdades humanas teriam originado as instituições sociais. Nesse sentido, a teoria dos quatro estágios não é uma descrição de cunho propriamente histórico, pois não é um relato de acontecimentos ocorridos no passado, embora trace, de certa forma, a história do desenvolvimento da humanidade.

Não obstante, o uso de conjecturas não torna as investigações de Smith menos empíricas¹⁶, pois qualquer hipótese é criada a partir de observações e evidências históricas com o auxílio da imaginação, levando-se em consideração a uniformidade da natureza humana no decorrer do tempo¹⁷. É necessário para Smith ir além dos documentos históricos para refletir sobre a origem de diversas instituições sociais, como a linguagem, a propriedade, a religião e a desigualdade. Por exemplo, os relatos sobre o modo de vida dos indígenas do continente americano são importante fonte de informação para refletir sobre o funcionamento da sociedade em seus primeiros estágios, como explora John Millar na introdução de *A Origem das distinções de posição* (2006, p.90)¹⁸. Entretanto, eles não são suficientes, pois não abarcam o momento de surgimento, de fato, dessas instituições. Portanto, com base nas descrições do

mais abrangente. Cf. PHILLIPS, 2006, p. 171-190, PIMENTA, 2013, p. 151-170 e SPADAFORA, 1990, p. 253-257.

¹⁵ Em diversos textos, Smith refere-se à infância da sociedade, a qual pode ser relacionado como o crescimento de um ser humano, da infância à velhice. Cf. HA, IV.22; WN, IV.vii.b.22; LJ (B), 31; 105 e 287; *Considerações*, 22.

¹⁶ Alguns interpretes, como Marouby (2007, p.99 e 100), argumentam que as investigações de Smith não seriam empíricas.

¹⁷ Como a espécie humana não se altera conforme o tempo, é possível imaginar como ela se comportaria, seguindo os mesmos princípios, em uma outra circunstância imaginada. Cf. LJ (B), 220; Phillips, 2000, p.180.

¹⁸ Conforme Millar “nossa informação, portanto, em relação à situação da humanidade em um estado rudimentar no mundo, é principalmente a partir de relatos de viajantes [...]” (MILLAR, 2006, p.90). Sobre a importância dos relatos sobre os indígenas do continente americano, ver MEEK, 1976.

comportamento humano em diversas sociedades e, inclusive, nas observações da experiência cotidiana, imaginam-se os primeiros passos do corpo social.

Considerando a importância da imaginação, não é de se estranhar que Smith inicie sua análise do direito de propriedade com uma conjectura, ao supor “10 ou 12 pessoas de sexos diferentes estabelecidas em uma ilha deserta” (LJ (A), i.27 e 28). Nessa situação, o primeiro método que eles utilizariam para sua subsistência seria se prover de frutas selvagens e animais selvagens que a terra fornece” (LJ (A), i.27 e 28)¹⁹, inclusive, de maneira similar a Ferguson (1995 [1767], p.10)²⁰. A suposição não é um fato histórico, no sentido de descrever o começo das sociedades, e sim uma conjectura a fim de imaginar o comportamento das interações humanas nas circunstâncias mais simples possíveis. Ou seja, ela é um ponto de partida para pensar a trajetória de complexificação da sociedade até a etapa comercial. Portanto, Smith não está puramente descrevendo o início de todas as sociedades, mas refletindo sobre a atuação de certos princípios na formação das instituições humanas.

Assim como não é uma descrição história, a teoria dos quatro estágios também não é uma determinação. O progresso para Smith não ocorre necessariamente, em todas as sociedades, passando pelas etapas venatória, pastoril, agrícola e comercial, respectivamente. Essa direção é apenas provável e depende de circunstâncias específicas²¹. Por exemplo, uma comunidade com base na caça tende a aprimorar sua subsistência ao estabelecer a domesticação de parte dos animais selvagens capturados. Entretanto, tal passagem para Smith, embora provável, pode não ocorrer, como no caso de certas tribos indígenas norte-americanas, as quais desenvolvem noções de agricultura sem ter praticado a atividade pastoril (LJ (A), i.29 e LJ (B), 150)²². Hume, em seu ensaio *Da origem do governo*, apresenta de maneira mais explícita a indeterminação do progresso ao descrever que “apesar desse progresso dos empreendimentos humanos parecer certo e inevitável [...], fundado em princípios óbvios da natureza humana, não se pode ter a expectativa que a humanidade consiga de antemão ser capaz de descobri-los ou prever sua operação” (HUME, 1994 [1777], p.39)²³. Apesar da concepção de progresso

¹⁹ De maneira similar, nas anotações de 1766, Smith descreve o início da teoria dos quatro estágios como “se um número de pessoas tivesse naufragado em uma ilha deserta, seu primeiro sustento seria das frutas produzidas naturalmente pelo solo e dos animais selvagens que conseguisse matar” (LJ (B), 149).

²⁰ Segundo Ferguson: “Temos todos os motivos, portanto, para acreditar, no caso da realização de um experimento, nós suporíamos, com uma colônia de crianças transplantadas da maternidade e deixadas para formar uma sociedade aparte, sem aprendizados e indisciplinadas, teríamos as mesmas coisas repetidas [...]” (FERGUSON, 1995 [1767], p.10)

²¹ Christian Marouby (2007, p. 94) e, em certa medida, Evensky (2005, p.56) percebem a teoria dos quatro estágios como inevitável. Uma síntese do debate sobre a determinação do progresso para Smith é oferecida por Alvey (2003).

²² Reisman (1976, p. 136) classifica o progresso para Smith como um processo “não inevitável”, trazendo uma ideia de incerteza.

²³ Embora Hume não tenha feito uso da teoria dos quatro estágios, sua ideia de progresso é bastante próxima de Smith. No entanto, Hume chega a fazer menções a etapas da sociedade. Por exemplo, no ensaio *Do Comércio*, ele afirma que: “logo que os homens deixam seu estado selvagem, quando vivem primordialmente da caça e da pesca,

apresentar diferenças em ambos autores, a instabilidade é um aspecto bastante próximo entre os dois amigos.

Somada a essa incerteza, a decadência da nação está sempre iminente, principalmente por invasões militares segundo Smith, pois a manutenção do acúmulo gerado de riquezas, técnicas e instituições é bastante frágil. Tal manutenção é tão instável que o declínio para Smith parece ser inevitável, constituindo-se na única certeza do Estado, como a morte é certa para os seres humanos²⁴. Ademais, segundo as *Lições sobre Jurisprudência*, Smith descreve como “a fadada dissolução” é “aguardada por todo e qualquer Estado e constituição” (LJ (B), 46) e afirma que certas medidas não podem evitar a queda da nação, apenas “retardar sua decadência” (LJ (B), 39). Entretanto, o declínio não significa retrocesso, no sentido de retornar a um momento anterior – como em um processo cíclico –, parecendo estar mais próximo da ideia de morte, isto é, do fim daquela sociedade.

Apesar dos diversos obstáculos e da morte certa, toda sociedade tende a seguir o caminho descrito por Smith – o qual, como já mencionado, parte da caça, passando pelas práticas de pasto e agricultura, em direção à sociedade comercial –, assim como todo indivíduo tem a inclinação ao envelhecimento. No entanto, a passagem de um estágio para outro não implica a extinção do anterior, e sim na incorporação dele, envolvendo um acúmulo, pois as atividades das etapas anteriores não deixam de ser praticadas conforme o desenvolvimento do corpo social²⁵. Logo, a sociedade atinge alto grau de aprimoramento somente quando tiver acumulado diversas experiências ao longo do tempo. Smith, por exemplo, refere-se à ausência do cultivo de plantas na maior parte dos grupos vivendo quase exclusivamente de rebanhos e à presença destes nas sociedades agrícolas como um forte indicativo da necessidade de vivências da etapa pastoril para se conseguir praticar agricultura (LJ (A), i.29). Portanto, o progresso humano para Smith envolve a incorporação dos procedimentos e das habilidades desenvolvidos ao longo de cada estágio, como uma bola de neve descendo montanha abaixo e tornando-se cada vez maior.

eles devem passar por essas duas classes [agricultores e produtores de manufaturas]” (HUME, 1994 [1777], p. 256; tradução nossa).

²⁴ Reisman (1976, p.136), ao comentar sobre a inevitabilidade do declínio, aproxima Smith de autores como Montesquieu, Maquiavel e Ferguson, os quais olhavam para o processo de ascensão e queda das sociedades.

²⁵ Esta interpretação contrapõe-se a compreensões do conceito de progresso de Smith como evolutivo, no sentido de haver uma espécie de seleção daqueles melhor adaptados como na teoria de Charles Darwin da origem das espécies. Uma associação entre Smith e Darwin está presente em autores como Friedrich Hayek (2013, p.244) e David Reisman (1976, p. 137 e 138). Segundo a *Origem das Espécies*, “seleção natural quase inevitavelmente causa a maior parte da extinção das menos aperfeiçoadas formas de vida” (DARWIN, 1996, p.7 e 8, tradução nossa). No caso de Smith, não há uma seleção das mais aprimoradas sociedades, além do progresso não envolver perdas, como extinções, ao longo do processo de aprimoramento, pois é, conforme buscamos argumentar, um processo cumulativo. Evensky (2005, p. 11 e 12) também ressalta diferenças entre ambas as interpretações, como o aspecto divergente da evolução entre espécies para Darwin em contraposição à convergência presente no progresso das sociedades para Smith.

Por essa interpretação, um estágio representa, além da forma de produção, certo nível de experiências, conhecimentos e habilidades. A criação de rebanhos, por exemplo, envolve um saber acerca dos animais construído no decorrer da prática da caça. Esse processo é marcado tanto pelo avanço das capacidades mentais dos próprios indivíduos estimuladas pelas mais diversas circunstâncias quanto pelo aprimoramento da organização do corpo social. Ao relacionar as faculdades mentais dos seres humanos com o progresso da sociedade, Smith está realizando uma investigação nos termos da história natural da humanidade – expressão utilizada por John Millar (2006, p.285) e por Adam Ferguson (1995 [1767], p.10) –, pois busca compreender as transformações sociais como resultado das interações humanas. Em outras palavras, procura-se estabelecer quais são os degraus no desenvolvimento da espécie humana.

Em síntese, a teoria dos quatro estágios não deve ser compreendida como uma simples descrição dos fatos ocorridos ao longo da história ou, até mesmo, uma determinação, pois, apesar de ser um processo cumulativo, o progresso pode ser interrompido a qualquer momento por circunstâncias específicas. Embora cada etapa corresponda a uma forma de produção, a esfera econômica da sociedade não é condição suficiente, apesar de necessária, para garantir o desenvolvimento do corpo social. Nas próximas sessões, buscamos examinar a formação de certas instituições a fim de explorar os demais elementos presentes na concepção de progresso na obra de Smith, a começar pela ciência por meio do percurso dos sistemas astronômicos descrito no belo ensaio *História da Astronomia*.

* * *

1.2. Do progresso da filosofia

O progresso da sociedade nas obras de Smith não está associado apenas ao desenvolvimento da forma de produzir riquezas, mas também ao aprimorando da filosofia. Em seu ensaio *História da Astronomia* (*The History of Astronomy*)²⁶, Smith descreve o aperfeiçoamento dos sistemas astronômicos, desde os gregos até o modelo proposto por Isaac Newton. Seu objetivo é ilustrar a maneira pela qual a ciência ou a filosofia²⁷ – o estudo dedicado à busca de regularidades nas manifestações da Natureza – é construída como produto das relações humanas ao longo do tempo. Ao olharmos por essa perspectiva, o conhecimento é um fator presente no decorrer do progresso da humanidade. Consequentemente, condiciona os mais diversos fatores sociais –

²⁶ Ensaio publicado em 1795, após a morte de Smith, na coletânea Ensaaios Filosóficos (*Essays on Philosophical Subjects*). Considera-se que o texto tenha sido escrito durante a juventude de Smith (WIGHTMAN; BRYCE, 1982a, p. 6 e 7).

²⁷ Ciência e filosofia são utilizado como sinônimos por Smith. Nessa dissertação, também vamos empregar ambos os termos como equivalentes. A concepção de ciência para Smith é explorada no capítulo *Do Progresso dos Sistemas* desta dissertação.

como o nível de riqueza e as leis vigentes – e também é condicionado por eles. O modo que o conhecimento se aprimora na humanidade e a importância dele no desenvolvimento da sociedade são os temas tratados ao longo desta seção.

A relação entre o saber e o progresso da sociedade é explicitada ao estabelecermos um paralelo com a teoria dos quatro estágios, pois, segundo Smith, o cultivo da ciência é possível somente em situações com certas condições de segurança e de garantia de sustento, presentes apenas após certo aprimoramento. Por outro lado, a filosofia é essencial para o avanço das regras de justiça – que por sua vez contribuem para o nível de segurança do corpo social – e para o aperfeiçoamento das formas de produção. Portanto, cada etapa de desenvolvimento apresenta e requer, simultaneamente, possibilidades distintas para a produção de conhecimento. Em outras palavras, a sociedade pode ser vista enquanto um sistema, no qual a ciência corresponde a uma parte integrada às demais. Por ser um componente importante da história natural da humanidade, a análise do avanço da ciência – representada pelo caso dos modelos astronômicos – permite aprofundar nossa compreensão sobre a concepção de progresso na obra de Smith.

A trajetória dos sistemas astronômicos é descrita por Smith a partir da propensão psicológica dos seres humanos para encontrar padrões na natureza a fim de acalmar a mente²⁸. Os astros no céu, devido a sua beleza e a sua grandeza, seriam uma das primeiras fontes de curiosidade. Por conseguinte, o estudo de seus movimentos corresponde aos primeiros trabalhos de sistematização das representações da natureza (HA, IV.1). Como explica Andrew Skinner (1996, p. 35), o aperfeiçoamento da astronomia no ensaio de Smith é realizado por dois procedimentos distintos, apesar de complementares: pela complexificação do modelo já existente ou pela criação de um sistema a partir da proposição de um novo princípio conector. Ambos caminhos apresentam o intuito de aumentar o grau de coerência da teoria com as observações disponíveis dos astros. Ademais, eles são imbricados, pois “quando você convenceu o mundo que um sistema estabelecido deve ser corrigido, não é muito difícil persuadi-lo de sua destruição” (HA, IV.25). Ou seja, quando um modelo já foi corrigido ao ponto de se tornar muito complexo para a imaginação, há estímulos para a invenção de uma nova explicação. O aprimoramento da astronomia, logo, é um caminho de adequação às observações feitas pelos seres humanos.

O processo de procurar conectar as percepções obtidas por meio do contato com a natureza deve-se somente, segundo Smith, ao prazer propiciado por ele. Afinal, “quando [a

²⁸ Smith parte, em *História da Astronomia*, de três paixões – espanto, surpresa e admiração – como os estímulos para buscar uma organização nas representações da natureza (HA, I e II). Este ponto é melhor abordado no segundo capítulo dessa dissertação.

conexão é] descoberta, parece não servir a qualquer outro propósito que tornar o teatro da natureza um espetáculo mais conectado para sua imaginação” (HA, III.1). Devido à precária situação, os agrupamentos de selvagens não conseguem dedicar-se devidamente para uma atividade com o único intuito de propiciar prazer, pois todos os seus esforços estão voltados para a própria sobrevivência. Isso não significa a ausência de conhecimento em povos sem a prática da filosofia. As explicações desses grupos para os fenômenos da natureza estão assentadas antes nas variações passionais de entes superiores do que no estabelecimento de padrões²⁹. Por isso, o progresso nas sociedades selvagens é lento, pois enquanto reina condições de insegurança, é muito difícil superá-las. Nota-se que certas condições materiais e institucionais são consideradas essenciais na obra de Smith para o desenvolvimento da ciência.

Em decorrência dessas dificuldades, tarda-se muito para o início da ciência, cultivada primeiramente, segundo Smith, na Grécia Antiga e suas colônias, onde as circunstâncias de segurança e liberdade permitiram pessoas dedicarem-se ao prazer de encontrar regularidades nas manifestações da natureza. Nesse contexto, o primeiro modelo astronômico, denominado de Esferas Concêntricas (*Concentric Spheres*), surge. Ele organiza os deslocamentos dos astros por meio de um firmamento sólido contendo as estrelas em posição fixa, o qual ficaria em contínuo movimento ao redor da Terra. Para explicar o caminho dos astros distinto do realizado pelas estrelas, adicionavam-se esferas específicas ao modelo³⁰. Por causa de observações cada vez mais detalhas, acumulou-se maior número de esferas nessa construção teórica, como as propostas de Eudoxo, Cálipo e Aristoteles, com 27, 37 e 56 esferas, respectivamente (HA, IV. 9). Apesar disso, o sistema de Esferas Concêntricas foi, segundo Smith, “capaz de conectar, pela imaginação, as maiores e mais aparentemente desconexas aparições dos céus” (HA, IV.4). Contudo, devido ao crescimento do número de observações, ele se torna tão emaranhado ao ponto de não mais satisfazer a mente humana. Por tornar-se “tão intrincado e complexo quanto as próprias aparições” (HA, IV.8), emergem as motivações para a formulação de um novo sistema. Nessas circunstâncias, o modelo de Esferas Excêntricas (*Eccentric Spheres*) é inventado por Apolônio, sendo, posteriormente, aperfeiçoado por Hiparco e Ptolomeu. Não vamos entrar nos detalhes dessa teoria³¹, apenas queremos destacar como o processo de

²⁹ Uma explicação similar aparece em *História Natural da Religião* de David Hume (1998 [1779], p.138-144).

³⁰ Segundo o ensaio *História da Astronomia*, as estrelas, “aparecendo sempre na mesma situação, e com a mesma distância entre uma e outra, e aparentando revolver todos os dias em torno da terra [...], foram consideradas como tendo as características de serem fixas, como tantas pedras preciosas, no lado côncavo de um firmamento, e de serem carregadas pelas revoluções diárias deste corpo sólido” (HA, IV.1). E quanto aos demais astros, como a lua e o sol, “sempre mudando sua distância e situação em relação aos demais corpos celestes, não podiam ser compreendidos como presos na mesma esfera que elas [estrelas]. Assinalaram a cada um deles, portanto, uma esfera própria”, assim “supôs que cada um deles tivesse um movimento próprio e, ao mesmo tempo, sofresse interferência do movimento das estrelas fixas” (HA, IV.2).

³¹ Cf. HA, 9-12.

complexificação dos modelos astronômicos abre margens para a formulação de novos. Essa passagem já elucida o caráter provisório de cada sistema, pois todos estão sujeitos às novas evidências e à possibilidade de uma teoria mais simples ser criada.

Conforme descreve Smith, os dois principais modelos da Antiguidade³², Esferas Concêntricas e Esferas Excêntricas, são resgatados – após um período de decadência nos estudos astronômicos – pelos povos árabes e utilizados por estudiosos como Peurbach para formular um novo sistema baseado em uma síntese dos sistemas astronômicos gregos. Esse processo gera explicações com um grau ainda maior de complexidade (HA, IV.26; RAPHAEL; SKINNER, 1980, p. 9). Nesse contexto, Copérnico cria um modelo capaz de conectar os movimentos dos astros de maneira bastante simples ao propor a rotação da Terra em torno do Sol, e não ao contrário (HA, IV.34). Entretanto, tal hipótese não consegue tranquilizar as mentes da época, por causa da não familiaridade com a ideia de a Terra estar em contínuo movimento, não sendo aceita de maneira imediata. Durante as décadas seguintes, há muitas propostas de aperfeiçoamento em cima da teoria de Copérnico, devido, principalmente, ao aumento das observações realizadas por homens como Tycho Brahe e Galileo e aos avanços técnicos que possibilitaram tal feito (HA, IV.44). Após explorar as contribuições de Kepler, Gassendi e Descartes, além dos já citados Galileo e Tycho Brahe, o último modelo mencionado por Smith é o de Newton, como um dos grandes avanços da filosofia por conectar de maneira tão simples – pelo princípio da gravidade – uma variedade de movimentos e por ser “um sistema que as partes estão todas mais estritamente conectadas que qualquer outra hipótese filosófica” (HA, IV.76). De maneira geral, o aperfeiçoamento da astronomia apresentado por Smith corresponde à trajetória do desejo de tranquilizar a mente.

Apesar de o impulso para a construção de sistemas ser individual, a ciência para Smith não deixa de ser uma produção social. Portanto, ela depende de múltiplos outros fatores sociais³³. A influência do governo, por exemplo, está presente na menção de Smith sobre as circunstâncias dos povos egípcios e caldeus, caracterizadas pelas condições de subsistência e de segurança suficientes para o surgimento da filosofia, mas marcadas por um despotismo capaz de minar o cultivo dela (HA, III.4). Já o peso dos costumes é enfatizado por Smith em sua carta para a *Edinburgh Review*. Nela, o autor destaca como certos atributos dos ingleses e dos franceses dão contornos específicos às composições textuais (inclusive a filosofia) de cada nação:

³² Smith comenta a existência de outros modelos presentes na Grécia Antiga, como o estoico, porém sem o alcance dos sistemas de Esferas Concêntricas e de Esferas Excêntricas. Cf. HA, IV.15.

³³ Smith chega a afirmar que a queda do império romano “produziu uma completa negligência ao estudo de conectar os princípios da natureza, o qual apenas o lazer e a segurança podem sozinhos fazer surgir” (HA, IV.21). A partir dessa citação, pode-se interpretar como o lazer e a segurança determinam a produção da ciência, no entanto, ao olhar o texto como um todo, compreendemos o lazer e a segurança como as condições mais necessárias para o surgimento da ciência, porém não as únicas que as influenciam.

os primeiros são distinguidos pelo talento da imaginação, da engenhosidade e da invenção, enquanto os segundos destacam-se pelas características de juízo, gosto, adequação e ordem (*Edinburgh Review*, 4). Ambos os casos ilustram o modo como as produções de arte e conhecimento, assim como o progresso em geral, são fenômenos sociais efeitos de quantidade incontável de particularidades da sociedade.

Ademais, as diferentes matérias da ciência para Smith não se desenvolvem de maneira equivalente ao longo do tempo, pois circunstâncias específicas – como costumes e aspectos geográficos – também podem favorecer a certo objeto de estudo. Durante o Império Romano, por exemplo, os estudos sobre astronomia foram negligenciados em relação a outras áreas da filosofia, em particular retórica, dialética e ética (HA, IV.18). De forma similar, os principais avanços nas investigações de moral e de metafísica entre o século XVII e a primeira metade do XVIII pertencem aos ingleses e, a partir de meados do século XVIII, tais áreas são mais cultivadas pelos franceses³⁴ (*Edinburgh Review*, 10). Devido às inúmeras influências e aos diversos percalços na formação do conhecimento, a construção da ciência, de acordo com Smith, ocorre de maneira desigual, tanto entre as diferentes sociedades como nos mais diversos tópicos abordados, apresentando ritmo movido por inconstâncias e interrupções em seu aprimoramento.

A incerteza e a inconstância desse percurso são resultado de dois fatores bastante explorados ao longo de *História da Astronomia*: o fato de um novo modelo não ser necessariamente superior, em termos explicativos, em comparação aos seus antecessores e a existência de períodos com um declínio no cultivo da ciência. Quanto ao último fator, períodos de decadência – como após a queda do Império Romano, caracterizado pela “subversão de toda lei e ordem” e pela “completa negligência daquele estudo de conectar os princípios da natureza” (HA, IV. 21) – podem interromper o aprimoramento de uma ou mais áreas da filosofia. Eles chegam a envolver, muitas vezes, perda de teorias elaboradas anteriormente. No entanto, deve-se ressaltar a possibilidade, embora um tanto fortuita, de recuperar modelos já abandonados, caso dos árabes ao resgatar os sistemas da Grécia Antiga (HA, IV.26). Aliás, Smith parece aceitar a possibilidade de ter existido produção científica entre os egípcios e os caldeus, antes mesmo dos gregos, embora não haja documentos que a comprovem (HA, III.4).

Voltando ao primeiro fator ligado à inconstância do aperfeiçoamento da ciência, um sistema astronômico tende a ser superior aos mais antigos, pois tanto o acúmulo de observações

³⁴ Para se referir ao período de avanços da filosofia por parte dos ingleses, Smith utiliza o termo “nos tempos modernos” (*in modern times*) e cita filósofos como Hobbes, Shaftesbury, Locke, Mandeville, Butler e Clark (*Edinburgh Review*, 10). Levando em consideração a publicação dos trabalhos desses autores, pode-se dizer que Smith referia-se ao período entre o século XVII e primeira metade do XVIII. Smith comenta que naquele momento tal tradição estaria sendo melhor recuperada pelos franceses, como a carta para a *Edinburgh Review* foi publicada no ano de 1752, portanto, supomos ser meados do século XVIII o momento referido pelo autor.

é maior quanto as novas hipóteses são formuladas a partir das teorias disponíveis. Por exemplo, o modelo de Tycho Brahe é considerado por Smith “em todos os aspectos, mais complexo e incoerente que o de Copérnico” (HA, IV.43), apesar de buscar aperfeiçoá-lo. Tycho Brahe desconsidera a hipótese da rotação da Terra em torno do Sol, devido aos preconceitos prevalecentes na época, embora suas observações confirmassem tal teoria. De forma similar, Descartes, ao propor um princípio com capacidade de conectar os movimentos dos astros de maneira bastante simples e familiar, manteve as órbitas circulares, diferente da proposta anterior de Kepler das órbitas elípticas, confirmada por observações posteriores (HA, IV.57 e 58). Em suma, devido às dificuldades de aperfeiçoar um sistema já consolidado, o desenvolvimento da astronomia é muito mais tortuoso que linear.

Portanto, o progresso dos modelos astronômicos, assim como das demais áreas da ciência, não apresenta aprimoramento contínuo. Todavia, somente com o passar do tempo, as teorias tendem a ter maior poder explicativo, pois tanto elas são colocadas mais vezes à prova quanto o acúmulo de observações e hipóteses aumenta. A necessidade de certo intervalo de tempo para ser possível obter o aperfeiçoamento dos modelos astronômicos deve-se, principalmente, à existência de preconceitos para aderir a novos sistemas. As pessoas precisam desse intervalo, segundo Smith, para conseguirem abandonar crenças já consolidadas na sociedade e substituí-las por outras. Em *História da Astronomia*, há passagens ressaltando os preconceitos frente às inovações dos modelos astronômicos, como a obra de Copérnico, “universalmente desaprovada, tanto pelos letrados como pelos ignorantes” (HA, IV.35), e das órbitas elípticas de Kepler, negligenciadas devido ao enorme apego ao movimento contínuo e circular dos astros (HA, IV.54).

Tais situações mostram que o progresso da ciência não é um processo automático, no sentido de cada novo avanço ou descoberta ser imediatamente incorporado pela sociedade. Ou seja, há a necessidade de tempo para cada proposta ou transformação ser consolidada. Em *História da Astronomia*, Smith cita como os povos árabes, após entrarem em contato com os modelos gregos, não tiveram a oportunidade de aperfeiçoá-los, porque “o estudo da ciência, naquele poderoso império, aparenta ter sido muito breve ou muito interrompido para os permitir fazer correções consideráveis nas doutrinas daqueles antigos matemáticos” (HA, IV.22). De maneira análoga, na teoria dos quatro estágios, a passagem de um estágio a outro não é imediata. Por exemplo, o surgimento da prática de domesticar animais demora até a obtenção de um acúmulo de experiências e o aprimoramento das faculdades humanas. Esse ponto é muito importante nas investigações conduzidas por filósofos como Smith, Hume, Millar e Kames, pois enfatiza a construção gradual das instituições humanas, de forma a se contrapor ao conhecimento inato dos seres humanos.

O desenvolvimento da ciência descrito por Smith é gradual, pois, apesar de cada novo modelo não ser sempre superior, há uma busca por fornecer sistemas mais coerentes, os quais corrijam as imperfeições dos anteriores em relação às observações disponíveis. De maneira próxima, a teoria dos quatro estágios também apresenta um movimento de aprimoramento, embora os sistemas astronômicos tornem-se cada vez mais simples e as sociedades, mais complexas. Apesar dessa diferença, ambas descrições, da história da astronomia e do desenvolvimento da sociedade por etapas, enfatizam a presença de múltiplas causas e a inconstância do progresso das instituições humanas. Ademais, mostram a passagem do tempo como fundamental nesse processo por causa da necessidade do acúmulo de experiências e observações, imprescindível para o aperfeiçoamento das faculdades humanas.

O ponto de partida de Smith em *História da Astronomia* é a propensão humana para buscar uma regularidade nas manifestações da natureza a fim de obter prazer. Portanto, Smith parte das potencialidades da mente humana para explicar o desenvolvimento da ciência ao longo do tempo, conforme o projeto de investigar a história natural da espécie humana. Nesse sentido, o aprimoramento da humanidade é um processo presente nos próprios indivíduos devido ao desenvolvimento das faculdades mentais, como abstração e generalização, sem as quais não haveria a possibilidade de construção de um sistema astronômico. O progresso dessas faculdades é explorado por Smith principalmente em seu ensaio *Considerações sobre a primeira formação das línguas*, pois o desenvolvimento da linguagem está imbricado com o aperfeiçoamento das capacidades da mente humana, tema a ser examinado na próxima seção.

1.3. Das faculdades para falar

O progresso, de acordo com Smith, está atrelado não apenas ao processo de complexificação da sociedade, mas envolve também o desenvolvimento das faculdades dos próprios indivíduos, principalmente aquelas ligadas ao intelecto³⁵. As faculdades mentais do ser humano, como a reflexão e a abstração, são aspecto imprescindível das transformações da coletividade. Sem elas, não é possível sequer estabelecer um meio de comunicação. Smith aborda esse tema principalmente em seu ensaio *Considerações sobre a primeira formação das línguas*³⁶, ao

³⁵ As habilidades físicas do ser humano também se alteram com o tempo, no entanto, elas tendem a ficar, de certa forma, atrofiadas conforme o desenvolvimento da sociedade, pois atividades como caça e guerra deixam de ser exercidas, exceto por uma pequena parcela de pessoas. Cf. WN, V.i.a.15 e LJ (B), 331.

³⁶ Doravante, nos referimos ao ensaio apenas por *Considerações*. O nome completo do ensaio é *Considerações, sobre a primeira formação das línguas e sobre a diferença de gênio entre as línguas originais e compostas* (*Considerations, concerning the first formation of languages and the Different Genius of original and compounded languages*). Apesar de não ter escrito uma obra extensa sobre linguagem, Smith valorizava muito este ensaio segundo Dugald Stewart (Stewart, 44). Depois de sua publicação, em 1761 na revista *Philological*

analisar o desenvolvimento gradual da linguagem como fenômeno social e processo estreitamente ligado ao aprimoramento de certas operações da mente³⁷.

O estudo sobre as línguas é parte importante do projeto comum no século XVIII de examinar o desenvolvimento da humanidade a partir das propriedades da mente. Inclusive, autores como Condillac e Rousseau escrevem trabalhos significativos sobre o tema, os quais tiveram grau considerável de influência sobre Smith³⁸. A linguagem é relacionada ao progresso geral da humanidade porque é condição necessária para a formação de demais instituições, como a ciência e a justiça. Basta imaginar a impossibilidade de construir sistemas astronômicos ou elaborar leis sem ter os meios de expressá-los. Por outro lado, enquanto instituição adquirida em constante transformação, a linguagem precisa ser examinada no seu desenvolvimento de forma que a sua análise contemple suas variações e mudanças ao longo do tempo. Portanto, suas investigações pertencem aos estudos da história da humanidade. Em outras palavras, a ideia de progresso está presente, ao mesmo tempo, como objeto de estudo e método.

Com o objetivo de compreender como as línguas surgem e transformam-se, Smith realiza uma investigação sem, no entanto, empreender uma narrativa histórica, no sentido de contar como, de fato, deu-se tal construção. Isso decorre porque, além de não haver relatos disponíveis sobre a origem da linguagem, o ponto principal é mostrar, de maneira lógica, que a arte de comunicação é invenção humana³⁹. Por isso, volta-se para certas conjecturas a fim de ilustrar e refletir sobre a atuação das faculdades humanas na infância da sociedade, dentro do método denominado por Stewart de *História Conjectural*, mencionado anteriormente. Em *Considerações*, Smith parte do exemplo hipotético de “dois selvagens que não tivessem aprendido a falar, mas fossem criados longe da sociedade” (*Considerações*, 1) a fim de imaginar o funcionamento dos mecanismos da linguagem em uma circunstância simples. Dessa forma,

Miscelany, publica-o como um apêndice da *Teoria dos Sentimentos Morais* a partir de sua terceira edição em 1767 (BRYCE, 1983, p. 27 e 28).

³⁷ A relação entre o conhecimento e a linguagem é um importante debate nos séculos XVII e XVIII, como aponta Marcelo Dascal. A principal questão é se a linguagem seria apenas um reflexo das operações da mente, sem lhe exercer impactos ou, ao contrário, se o processo de formação da linguagem seria parte fundamental dos próprios pensamentos. A visão de Smith pertenceria ao segundo grupo, segundo o intérprete (DASCAL, 2006, p. 81 e 82). Cf. BRYCE, 1983, p. 25

³⁸ Condillac dedica a primeira seção da segunda parte de sua obra *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos* (*Essai sur l'origine des connaissances humaines*) à origem das línguas (CONDILLAC, 2012), obra contida na biblioteca de Smith (MIZUTA, 1967, p. 61 e 62). Rousseau, por outro lado, escreve *Ensaio sobre a Origem das Línguas* (*Essai sur l'origine des langues*) e também abarca o tema da linguagem em seu *Discurso sobre a origem da desigualdade* (*Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*) (ROUSSEAU, 1973). Este último texto é explicitamente criticado por Smith em *Considerações*, com alguns trechos traduzidos, em sua carta para *Edinburgh Review* (*Considerações*, 2 e *Edinburgh Review*, 11-17). Inclusive, diversas obras de Rousseau também faziam parte da biblioteca de Smith (MIZUTA, 1967, p. 217 e 218).

³⁹ Os estudos da linguagem no século XVIII apresentavam majoritariamente duas concepções distintas sobre a origem das línguas: dádiva de Deus ou invenção humana, como explica David Spadafora (1990, p.134). Smith, como adepto da segunda concepção, precisava apresentar um mecanismo capaz de originar a linguagem a partir da própria sociedade.

seria possível explicar a origem das primeiras palavras, de maneira similar à descrição da teoria dos quatro estágios nas *Lições sobre Jurisprudência* (LJ (A), I. 27 e 28 e LJ (B), 149.)⁴⁰. Tal semelhança sugere a presença do método conjectural nos diferentes estudos de Smith sobre a formação de instituições sociais, constituindo-se certa unidade de método com o propósito de investigar o progresso das sociedades a partir das faculdades humanas.

Por isso, um dos principais problemas levantados acerca do progresso das línguas, em *Considerações*, é a influência das faculdades mentais na linguagem. Essa relação é muito bem ilustrada pelo percurso apresentado por Smith com base nas partes do discurso⁴¹. Cada classe gramatical compreende um grau de abstração que requer certo desenvolvimento das operações da mente, em particular comparação, generalização e abstração. Como suas vivências ainda seriam bastante limitadas, os selvagens não teriam grande aprimoramento de suas habilidades mentais. Consequentemente, as primeiras palavras empregadas por eles são as menos abstratas. Caso dos substantivos próprios e dos verbos impessoais. Ambos apresentam maior concretude, pois denotam objetos ou fenômenos específicos, estabelecendo total correspondência entre signo e objeto⁴².

Portanto, as línguas para Smith começariam por nomes próprios, seja de objetos seja de fenômenos. A partir deles, surgiriam os signos associados a ideias mais gerais. Por exemplo, Smith conjectura como, nos princípios da sociedade, os termos rio e caverna fariam referência a um rio ou uma caverna em particular e os verbos impessoais como *pluit*, (chove, em português) e *nevit* (neva, em português) representariam todo um evento⁴³. No primeiro caso, a palavra rio passa a significar todo um conjunto pelo aumento da experiência – ou seja, o contato com vários rios –, pois o ser humano, ao deparar um objeto similar a outro já conhecido, tende a utilizar a mesma expressão para se referir ao novo e “aquelas palavras, as quais eram originalmente os nomes próprios de indivíduos, cada uma dela torna-se, insensivelmente, o nome comum de uma multidão” (*Considerações*, 1). No caso dos verbos, Smith descreve uma

⁴⁰ Inclusive, há uma semelhança notável com a descrição de Condillac do início das línguas em *Ensaio sobre a origem do conhecimento humano* (CONDILLAC, 2012, p. 192). Sobre o início da descrição dos quatro estágios, ver a primeira seção deste capítulo.

⁴¹ As partes do discurso mobilizadas por Smith em *Considerações* são, principalmente, substantivo, adjetivo, preposição, verbo, pronome e numeral. Segundo David Spadafora (1990, p.179), a escola de Gramática de Port-Royal, liderada por Claude Lancelot e Antoine Arnaud, teria iniciado os estudos da linguagem pelas partes do discurso, isto é, categorias comuns a todas as línguas.

⁴² Apesar de Smith apresentar primeiro o desenvolvimento da língua a partir dos substantivos, e em seguida por meio dos verbos, é possível interpretar que os verbos impessoais seriam anteriores aos substantivos em sua teoria, pois corresponderiam a um todo maior em relação a um objeto e, portanto, não haveria necessidade de realizar algum tipo de distinção. Inclusive, na carta enviada a George Baird em 1761, Smith explica que “se eu fosse tratar do mesmo assunto eu deveria me empenhar a começar com a consideração dos verbos; sendo estes, na minha compreensão, a parte original do discurso, primeiramente inventada para expressar em uma palavra todo um evento” (*Correspondências*, 69). Em *Considerações*, Smith não teria começado pelos verbos, pois, segundo Bryce, editor das *Lições de Retórica e Belas Letras*, o sistema lexical do substantivo ilustraria melhor o processo de abstração da língua apresentado em seu ensaio (BRYCE, 1983, p. 25).

⁴³ Smith fornece diversos exemplos a partir de expressões em latim. Optamos por citá-las como no original.

conjectura com base na palavra latina *venit* (vem, em português). Esta poderia denotar para um grupo de selvagens, a princípio, a aproximação de um leão. Quando outros animais perigosos, como ursos, acercassem-se, a primeira palavra a vir à mente dos selvagens seria *venit*, devido à semelhança entre as aproximações do leão e do urso. Aos poucos, segundo aumenta o progresso da experiência dos selvagens, a palavra *venit* poderia se referir à chegada de qualquer objeto terrível (*Considerações*, 29). Dessa forma, Smith descreve como a experiência de um conjunto de objetos e eventos singulares semelhantes, sejam rios seja a aproximação de animais perigosos, origina um nome abstrato e geral. Em outras palavras, os indivíduos, segundo Smith, precedem à espécie⁴⁴.

Os percursos dos nomes próprios e dos verbos impessoais, bastante similares, reforçam a necessidade do aperfeiçoamento das operações da mente para o progresso das línguas e da própria sociedade. Tal aperfeiçoamento decorre do acúmulo de experiências, estímulo necessário para a realização de comparações entre o já familiar e o recém-conhecido, permitindo o exercício da generalização, da abstração e da contínua criação de nomes gerais para se referir a conjuntos de indivíduos singulares. Por outro lado, a formação contínua de signos também é um instrumento importante para o exercício das operações da mente, de maneira a aperfeiçoá-las. Seria muito difícil para a imaginação estabelecer as semelhanças entre diversos itens sem ter meios para se referir ao conjunto. Essa relação entre linguagem e faculdades humanas explicita como o desenvolvimento da sociedade está associado ao aprimoramento de seus membros por meio do acúmulo de vivências, pois uma instituição somente pode ser resultado da sociabilização de experiências individuais acumuladas progressivamente.

Como as faculdades humanas são sempre as mesmas, elas apenas podem ser aprimoradas a partir das mais variadas vivências praticadas ao longo do tempo. Por isso, o progresso da linguagem depende da concentração de experiências e observações, constituindo-se em um processo cumulativo. As capacidades, por exemplo, de raciocínio, abstração e imaginação estão presentes entre os selvagens na primeira etapa de desenvolvimento da sociedade. A linguagem e as demais instituições são apenas desdobramentos sucessivos dessas e de outras faculdades humanas que vão conformando um corpo social mais complexo. Todavia, na teoria dos quatro estágios, as instituições tornam-se cada vez mais complexas, enquanto os mecanismos da linguagem passam a ser mais simples, como os modelos astronômicos⁴⁵.

⁴⁴ Dascal associa Smith a certo nominalismo, pois as classes surgem a partir de um grupo de indivíduos, todavia menos radical por compreender as semelhanças entre objetos como realmente existentes e não criadas puramente pela imaginação (DASCAL, 2006, p. 89).

⁴⁵ Deve-se ressaltar que a simplificação das línguas se remete ao processo de a linguagem tornar-se mais abstrata e mais complexa em sua composição, e menos precisa, efeitos avaliados por Smith como prejudiciais ao exercício

A simplificação da linguagem para Smith corresponde à diminuição do grau de complexidade dos mecanismos utilizados para construir expressões. As línguas antigas, como o grego e o latim, apresentam muitos casos de declinações e conjugações. Essa estrutura bastante complexa permite a comunicação ter um grau baixo de abstração, ou seja, ser bastante precisa. Ela surge da necessidade de fazer referência a certas qualidades e relações, funções de partes do discurso com alto grau de abstração – os adjetivos e as preposições – que não poderiam ter surgido no início da formação da língua (*Considerações*, 7 e 12)⁴⁶. Nesse contexto, a forma mais provável, segundo Smith, de se ter começado a expressar qualidades e relações seria pela declinação dos substantivos, dando origem as diferentes terminações indicativas de gênero, número e caso, como o dativo e o genitivo (*Considerações*, 8 e 13)⁴⁷. Embora a linguagem, em sua origem, apresente aspectos gramaticais bastante complexos, eles vão se perdendo conforme o contato entre povos diferentes. Smith explora o exemplo de um lombardo querendo dizer *eu amara* (*I had loved*) em latim, mas que não lembra da palavra *amaveram* (conjugação correta) e tenta dizer algo como *ego habebam amatum* ou *ego habui amatum*. Em vez de precisar de apenas uma palavra, *amaveram*, utiliza-se três palavras para designar a mesma expressão, realizando alterações de maneira a facilitar, ao simplificar mecanismos, o manuseio da língua (*Considerações*, 35). O exemplo da influência dos lombardos no latim enfatiza como a linguagem, para Smith, resulta das interações entre os indivíduos e sofre mudanças em sua estrutura a partir do contato com o estrangeiro, realçando a importância da sociabilidade na construção dessa instituição.

O surgimento do circunlóquio gramatical – expressão de Smith para se referir à utilização de cada vez mais palavras para se expressar a mesma ideia – pelo contato com diferentes nações remete-se ao processo de imperfeição das línguas (*imperfection of language*). Estas, devido à simplificação de seus princípios, tornam-se menos flexíveis quanto à ordem das palavras, mais prolixas e menos agradáveis sonoramente (*Considerações*, 43, 44 e 45)⁴⁸. Se não sofressem nenhuma interferência externa, elas teriam o nível mínimo de abstração para a comunicação de necessidades e desejos entre as pessoas. Esse grau basilar de abstração é a característica das línguas originais, conformadas sem envolver outras já existentes, em especial o grego antigo e

da comunicação. Os modelos astronômicos, por outro lado, tornam-se mais aperfeiçoados conforme mais simples seus princípios.

⁴⁶ O primeiro homem a distinguir um objeto particular pelo epíteto de *verde* deve ter observado outros objetos sem ser verdes, a partir dos quais ele desejou separá-lo por sua designação. A instituição desse nome, portanto, pressupõe comparação. Igualmente, pressupõe certo grau de abstração” (*Considerações*, 7). O mesmo raciocínio é aplicado às preposições (*Considerações*, 12).

⁴⁷ Os verbos passam por um processo análogo com as flexões para indicar, por exemplo, pessoa, pois os pronomes são termos bastante abstratos (*Considerações*, 32). Segundo Plank (1992, p. 47) o processo de alteração das flexões é para Smith linear e irreversível.

⁴⁸ Ponto a ser retomado no segundo capítulo desta dissertação.

o latim (*Considerações*, 38). Diferentes são, segundo Smith, as línguas compostas, como o francês, o italiano e o inglês, construídas a partir da combinação de outras línguas. Elas apresentam um grau de abstração para além do preciso para comunicar-se (*Considerações*, 40, 41 e 42). Nessa perspectiva, a sugestão de Smith, apontada em suas aulas de retórica e belas letras de fazer uso apenas de palavras nativas do inglês a fim de aumentar a precisão de um texto é uma medida para buscar conter os efeitos negativos presentes no progresso das línguas (LRBL, i.1). Percebe-se, portanto, como as trocas entre as diferentes nações contribuem para a corrupção das línguas, ao contrário do comércio internacional que provê o aumento de riquezas. Tal contraposição mostra como a intensificação das trocas ao longo do tempo não traz apenas efeitos benéficos para a sociedade. Ou seja, o progresso não corresponde à aproximação de um mundo ideal, de maneira teleológica.

O percurso de desenvolvimento da linguagem permite perceber a importância das experiências e o papel das faculdades humanas no decorrer do progresso da sociedade na obra de Smith. Por um lado, sem o aprimoramento das operações da mente, não haveria meios de um grupo estabelecer comunicação entre seus membros. Por outro, o exercício de atribuir signos a objetos e fenômenos funciona enquanto estímulo, junto das experiências, para o aperfeiçoamento de habilidades, em especial comparação, abstração e generalização, mostrando como a linguagem e as faculdades da mente são partes integrantes de um mesmo sistema. Nessa perspectiva, é possível compreender que todas as instituições para Smith estão imbricadas em uma relação de interdependência, fazendo parte do corpo social e sendo determinadas por múltiplos fatores. Por exemplo, a noção de propriedade, aspecto importante do desenvolvimento segundo a teoria dos quatro estágios, está também associada ao aprimoramento das faculdades humanas, tópico a ser explorado nas próximas páginas.

1.4. Da posse até a propriedade

A instituição do direito de propriedade, descrita principalmente nas anotações das aulas de jurisprudência ministradas por Smith, ilustra muito bem as relações entre a passagem de estágios e o aprimoramento das faculdades humanas⁴⁹. O progresso da propriedade é fundamental para a geração de riquezas e o estabelecimento de segurança. Por exemplo, Smith descreve como a garantia de propriedade para os arrendatários após o declínio do feudalismo é um importante fator no aumento de investimentos na terra, pois sem o mínimo de segurança, não haveria perspectivas de ganho (WN, III.ii.16). Ademais, sem o aprimoramento das

⁴⁹ As análises de Smith sobre a propriedade estão concentradas nas seguintes partes das *Lições de Jurisprudência*: LJ (A), i.25-ii.13 e LJ (B), 149-171.

faculdades humanas em decorrência do acúmulo de experiências, não haveria a formulação do conceito de propriedade para além da posse imediata. A acumulação de riquezas e o desenvolvimento geral da sociedade, portanto, estão vinculados ao aperfeiçoamento das operações da mente.

Smith compreende a propriedade como um direito adquirido, conformado ao longo do tempo. Não sendo a propriedade imanente à natureza humana, é necessário analisar seu surgimento e suas modificações no decorrer do progresso de diversas sociedades. Tal investigação pertence ao projeto de examinar a história natural da humanidade, de forma similar aos trabalhos de Kames e Ferguson também sobre a formação da propriedade⁵⁰. Portanto, assim como a linguagem, o direito à propriedade faz parte do campo de estudos com o escopo de compreender o funcionamento de certas instituições a partir das faculdades e interações dos indivíduos.

Em sua análise da propriedade, Smith ressalta cinco formas de adquiri-la: ocupação, acessão, prescrição, sucessão e transferências voluntárias. A ocupação é resultado da aprovação do espectador imparcial⁵¹ da posse sobre algum objeto, sendo sua privação considerada um dano; a acessão é resultado da conexão de algo com um bem já considerado propriedade; prescrição ou usucapião refere-se à obtenção de propriedade por um uso longo e contínuo; a sucessão é o direito adquirido por herança; e, por último, as transferências voluntárias são equivalentes a doações (LJ (A), i.25 e 26; LJ (B), 149). A maior parte de nossa análise concentra-se na origem da propriedade a partir da ocupação e da acessão, pois as demais são apenas desdobramentos delas. Somente os dois primeiros procedimentos, segundo Smith, criam propriedade, os outros apenas a transferem (LJ (A), i.63). No entanto, examinamos brevemente um caso de sucessão a fim de explorar um alto grau de extensão da propriedade ao ponto de tornar-se prejudicial ao progresso geral da sociedade.

A fim de explicar o fundamento da propriedade por ocupação, Smith volta-se para sua teoria moral desenvolvida na *Teoria dos Sentimentos Morais*⁵². Ele destaca a importância da perspectiva do espectador imparcial – o que se imagina ser o padrão de comportamento aceitos pela maior parte da sociedade – para conferir o direito aos itens sob a posse imediata como justos de serem reivindicados. Não é óbvio, conforme exemplifica Smith, que se alguém toma

⁵⁰ Kames analisa o surgimento da propriedade no primeiro livro de *Esboços sobre a História do Homem* (KAMES, 2007 [1774], vol. 1, p. 68-73). Ferguson confere uma análise da propriedade na segunda parte de seu *Ensaio sobre a História da Sociedade Civil* o de referência imaginário para o comportamento dos indivíduos (FERGUSON, 1995 [1767], p. 80-105). Sobre a relação entre espectador imparcial e propriedade na obra de Smith, ver HAAKONSSSEN, 1981, 104-112 e RAPHAEL, 2007, p.105-114.

⁵¹ O espectador imparcial para Smith é um padrão de referência imaginário para os indivíduos se comportarem com base nas regras sociais. Este conceito é aprofundado no segundo capítulo.

⁵² Ao explicar o fundamento da ocupação pelo espectador imparcial, Smith faz referência a um sistema já explicado anteriormente (LJ (A), i.36), muito provavelmente o contido em sua obra *Teoria dos Sentimentos Morais*.

à força uma maçã sob a posse de outra pessoa, refere-se a um roubo. Por conseguinte, a tentativa de recuperá-la, mesmo por meio de violência, é percebida como adequada pelos que testemunham o ocorrido⁵³. Essa percepção advém somente da simpatia⁵⁴ pela expectativa do possuidor original de desfrutar daquele objeto (LJ (A), i.35 e 36). Todavia, nos diversos graus de aprimoramento da sociedade, o espectador imparcial acompanha essa expectativa em distintos níveis: quanto maior for o progresso, maior pode ser a distância entre o sujeito e o objeto de sua propriedade. Logo, em uma tribo de caçadores, ainda no primeiro estágio da sociedade, uma expectativa só pode ser formada por artigos sobre posse imediata.

O conceito de propriedade, portanto, entre caçadores é muito restrito, compreendendo apenas a posse imediata (LJ (A), i.41 e LJ (B), 150), pois a experiência desta coletividade não permite o desenvolvimento das capacidades necessárias para construir uma definição mais extensa de propriedade. Nas anotações de suas aulas sobre jurisprudência, Smith relata – a fim de ilustrar a restrição do direito de propriedade entre os selvagens – a disputa por um colar entre duas indígenas das tribos norte-americanas de Charlevoix⁵⁵. Enquanto uma mulher deixa-o sob uma árvore para colher cereais, a outra toma-o para si. A indígena, que recém perdera a posse do adereço, fica indignada e reivindica-o de volta, sendo atendida por sua tribo devido ao incomodo com a avareza e não ao fato de ser considerado um roubo (LJ (A), i.49). O exemplo representa que nas sociedades selvagens a posse é o limite da extensão da propriedade, “confinada, primeiramente, a própria pessoa, suas roupas e qualquer instrumento que se poderia, ocasionalmente, portar” (LJ (A), i. 47)⁵⁶.

A noção de propriedade para além da posse imediata é uma ideia consideravelmente abstrata para ter surgido na infância da sociedade, pois ela requer certo acúmulo de experiências por parte dos seus membros. Esse aspecto é ilustrado por Smith pela origem da propriedade de animais domesticados nem sempre sob guarda de seus respectivos pastores, denominados de *Mansuefactae*. A domesticação de animais, segundo Smith, inicia-se pelos *Mansuefactae*, embora a noção de propriedade fosse compreendida somente nos momentos sob guarda. Apenas depois do estabelecimento da domesticação de animais *Mansuetae* – isto é, sempre sobre a posse de seus donos – a ideia de domínio seria aprofundada. Dessa forma, os animais

⁵³ O espectador imparcial é um conceito elaborado na *Teoria dos Sentimentos Morais* por Smith, sendo um resultado do mecanismo de simpatia. Ele é melhor analisado no segundo capítulo desta dissertação.

⁵⁴ A simpatia é o mecanismo de se solidarizar com qualquer paixão de outras pessoas. Ela é o principal princípio abordado durante a obra *Teoria dos Sentimentos Morais*. Cf. TMS, I.i.1 e seção *O ritmo da simpatia* desta dissertação.

⁵⁵ Sobre a importância de relatos de viajantes e explorados sobre tribos indígenas do continente americano para a construção da teoria dos quatro estágios, ver MEEK, 1977.

⁵⁶ Smith apresenta em suas aulas uma discussão sobre o momento que a ideia de propriedade começaria na caça, seja pela própria posse do animal ou ter apenas o visto. Apesar do debate, reitera que a propriedade no estágio de caçadores remete-se apenas à posse (LJ (A), i.38 39 e 40).

Mansuefactae tornam-se propriedade inclusive durante o tempo que estivessem distantes de seus donos (LJ (A), i. 45 e 46). Esse processo é fruto da extensão da ideia de propriedade devido ao aumento da vivência de práticas pastoris. Esta, por sua vez, contribui para o aprimoramento da capacidade de abstração dos pastores, permitindo aos animais deixarem “de estar em sua posse por um longo tempo e, ainda assim, serem considerados totalmente parte de sua [do pastor] propriedade (LJ (A) i. 47 e 47).

O desenvolvimento da ideia de propriedade, portanto, é similar à invenção da linguagem, pois ambos dependem do aprimoramento das faculdades humanas, principalmente do poder de abstração. Sem um acúmulo de experiências para propiciar o exercício da mente humana não seria possível construir a compreensão do domínio sobre um objeto distante. No caso da propriedade sobre os animais *Mansuefactae*, a distância ainda é bastante limitada, pois há um contínuo retorno aos seus respectivos donos. É como se nesse estágio de desenvolvimento, os indivíduos tivessem a capacidade de estender a noção de propriedade até certo ponto, pois a imaginação só conseguiria estabelecer uma conexão entre objetos minimamente próximos, embora já fosse um pouco além da posse imediata.

De forma análoga à domesticação de animais, o conceito de propriedade particular da terra apenas surge após a introdução da agricultura. Esta atividade permite certo grau de fixação ao solo, sem a qual não seria possível a imaginação acostumar-se com a associação entre o indivíduo e o terreno por ele cultivado⁵⁷. Ou seja, a noção já bastante abstrata da propriedade privada é posterior aos primeiros assentamentos do ser humano a um pedaço particular de terra, e não ao contrário. Embora promova a fixação de homens e mulheres a certas áreas, o domínio sobre um território delimitado não poderia ter sido anterior à própria experiência do sedentarismo. Por isso, as primeiras atividades agrícolas, segundo Smith, provavelmente ocorrem em terras coletivas, porque não haveria propriedade particular da terra. Esse processo mostra como o hábito precisa preceder o estabelecimento de regras. E também enfatiza que a instituição tem origem no aperfeiçoamento das faculdades humanas, em especial a abstração.

O percurso da propriedade apresenta uma forte conexão com a ideia de tempo. É apenas um intervalo de tempo que permite o acúmulo de práticas e vivências⁵⁸. Por outro lado, as próprias experiências propiciam o aperfeiçoamento do conceito de tempo em relação à propriedade. O primeiro aspecto destaca que as instituições são formadas gradualmente, somente conforme o passar do tempo. Já o segundo fator mostra como a distância entre

⁵⁷ A conexão entre um sujeito e certo terreno só ocorre com o surgimento das cidades, segundo Smith, quando cada pessoa passa a cultivar habitualmente as áreas próximas de sua moradia e, por causa das dificuldades de partilhar uma produção agrícola nessa situação, introduz-se uma divisão das terras (LJ (A), i.51).

⁵⁸ De maneira muito similar, há duas concepções de tempo no ensaio *Das Artes Imitativas*. Elas são abordadas na primeira seção do segundo capítulo desta dissertação.

indivíduo e objeto pode ser avaliada pela duração dela. Quanto mais longo for esse intervalo, maior a necessidade de aprimorar a faculdade de abstração, porque conectar elementos distantes requer mais esforço da imaginação do que associar objetos próximos. Smith explicita, por exemplo, a brevidade da propriedade da terra no segundo estágio, o pastoril, ao comparar com a posse de um espectador no teatro sobre seu assento: ao final de cada atividade, ambos se levantam e vão para outro lugar. Ou seja, a propriedade, ainda predominantemente efêmera, não dura para além daquele momento, diferente da propriedade particular da terra. (Cf. LJ (A), i. 49). Em síntese, a humanidade precisa de tempo para acumular experiências e aperfeiçoar suas capacidades de maneira a poder conectar elementos mais distantes no próprio tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, uma distância ainda maior é conferida à propriedade pelo princípio de acessão. Este procedimento corresponde ao direito sobre um objeto em consequência da estreita conexão com algo já considerado propriedade. Como requer um grau relevante de abstração, a propriedade por acessão não seria praticada entre caçadores e muito pouco por pastores, exceto em casos óbvios, como o leite de uma vaca pertencer ao dono desta, exemplo citado por Smith durante as aulas de jurisprudência (LJ (A), i.65 LJ (B), 152). No entanto, após o surgimento da propriedade da terra, haveria diversos casos de acessão, caso dos minérios e das árvores associados a certo terreno (LJ (A), i.64-67). Nota-se como há uma extensão considerável, pois a distância entre o sujeito e o elemento ligado a sua propriedade é maior e mais abstrata do que a relação entre o mesmo sujeito e suas posses diretas.

Como a experiência estimula a capacidade de abstração, a expansão da noção de propriedade depende das vivências entre os membros da coletividade. As transformações nas formas de produção, como a domesticação de animais e a agricultura, propiciam a formação de novos hábitos e a criação de regras para consolidá-los. Por isso, “quanto mais aperfeiçoada é a sociedade e maior a quantidade dos meios que provêm a subsistência de seus habitantes, maior será o número de leis e regulamentos necessários para manter a justiça e impedir danos contra o direito de propriedade” (LJ (A), i. 35). Por outro lado, a concepção de propriedade também influencia no progresso econômico, porque a garantia da propriedade perante os animais domésticos traz segurança para os pastores, estimulando sua atividade, assim como a divisão da terra é um melhor mecanismo para a prática da agricultura do que o emprego do uso coletivos da terra. O direito de propriedade e as formas de produção, portanto, condicionam-se mutuamente, como partes da mesma máquina. Esta também é composta pela linguagem e pelo conhecimento, destacando-se a perspectiva de progresso nas obras de Smith como determinada por múltiplas esferas, e não apenas pelo crescimento econômico.

Contudo, apesar de a extensão da propriedade tender a contribuir para o progresso dos meios de subsistência, Smith enfatiza casos nos quais os direitos de domínio se estendem ao

ponto de prejudicar o enriquecimento da nação. Um dos principais exemplos é a prática de origem feudal de sucessão por morgados (*entails*), caracterizados pela determinação de um território específico ser passado continuamente ao filho progênito. Tal prática, segundo Smith, dificulta os investimentos no campo, pois os proprietários de grandes parcelas de terra geralmente não dispõem dos recursos necessários para realizar investimentos de altas proporções e, ao mesmo tempo, não podem se desfazer de parte de sua propriedade. Smith chega a avaliar a sucessão dos morgados como uma extensão da propriedade excessiva por envolver pessoas já mortas e ainda nem nascidas (LJ (B), 169). Este caso ilustra como o progresso de certas instituições não tem apenas aspectos positivos, podendo trazer alguns prejuízos, inclusive para a riqueza da nação.

A história da aquisição da propriedade, delineada por Smith, destaca ainda mais a múltipla determinação de fatores no progresso da humanidade. A noção de propriedade requer, claramente, um grau de desenvolvimento das faculdades humanas, as quais, por sua vez, precisam de experiências para o seu aperfeiçoamento. Um ótimo exemplo é a fixação à terra, experiência que permite a articulação do conceito de propriedade e, por outro lado, este é imprescindível para a garantia desse assentamento. O desenvolvimento da noção de propriedade é essencial para o enriquecimento da nação, pois o aperfeiçoamento da agricultura e das cidades requer certo grau de segurança em relação às terras cultivadas. Logo, a intensificação da divisão do trabalho – principal causa do acúmulo de bens materiais segundo Smith – depende do aprimoramento de outras instituições, inclusive do conhecimento e da linguagem, tema a ser explorado na próxima seção.

1.5. A Sociedade das trocas

O processo de acúmulo de riquezas descrito por Smith, principalmente em *A Riqueza das Nações*, tem como principal causa a divisão do trabalho. Esta é cada vez mais intensa conforme o progresso da sociedade (WN, I.i.1). De maneira análoga às leis da propriedade e à linguagem, a divisão do trabalho não está presente de modo equivalente nos mais diversos grupos, pois forma-se a partir do desenvolvimento do corpo social, sendo considerada invenção humana. Inclusive, como nas demais instituições, é um resultado não-intencional da interação dos indivíduos a partir de suas faculdades, em especial da propensão à troca e da capacidade de especializar-se. Por meio da análise, empreendida por Smith, sobre o surgimento e a consolidação da divisão do trabalho, almejamos compreender como as faculdades mentais estão intrinsecamente ligadas ao progresso de riquezas da humanidade.

Nessa perspectiva, é possível compreender os estudos da divisão do trabalho e a própria obra *A Riqueza das Nações* como parte do projeto de investigar a história natural da humanidade a partir das faculdades características da espécie. Segundo Stewart, o objeto de *A Riqueza das Nações* é “ilustrar a provisão feita pela natureza nos princípios da mente humana e nas circunstâncias das situações externas ao homem para um aumento gradual e progressivo na obtenção da riqueza nacional” (Stewart, II.13). A principal causa desse movimento é a divisão do trabalho. Esta, por sua vez, é uma instituição adquirida, assim como o direito à propriedade. Consequentemente, passa a ser fundamental explicar seu surgimento por meio das interações entre indivíduos. Caso contrário, não seria possível compreender o processo de transformação da sociedade. Não é por acaso que diversas passagens acerca do tema passam pela teoria dos quatro estágios de forma a refletir as transformações da divisão do trabalho no decorrer do progresso da humanidade⁵⁹.

A origem da divisão do trabalho, tanto nas aulas de jurisprudência como em *A Riqueza das Nações*, está na propensão natural do ser humano para realizar trocas. Ela é “a necessária, embora muito lenta e gradual, consequência de certa tendência da natureza humana [...]: a propensão a trocar, permutar e intercambiar uma coisa por outra” (WN, I.ii.1). Tal disposição é condição essencial para os seres humanos produzirem um excedente (*surplus*), isto é, um acúmulo material para além de suas necessidades de sobrevivência. Afinal, sem a possibilidade de comércio – a qual é dada pela propensão às trocas –, não há motivos para buscar produzir para além do próprio consumo⁶⁰. Por outro lado, não seria possível, segundo Smith, engajar-se em escambos sem ter algo sobressalente, pois é indispensável um estoque, tanto para ter o que trocar quanto para garantir um consumo imediato, porque “quando o estoque de um homem não é mais que suficiente para mantê-lo por alguns dias ou algumas semanas, ele dificilmente pensa em adquirir uma receita a partir dele” (WN, II.i.2)⁶¹. Portanto, a partir da propensão natural à troca e da formação de um estoque, ou seja, certo acúmulo material, começa a se formar gradualmente a divisão do trabalho.

Entretanto, um excedente não é conformado apenas pelo aspecto material, pois sem conhecimento nem desenvolvimento de habilidades e técnicas, não haveria como obtê-lo⁶². Por

⁵⁹ Cf. LJ (B), 211-213; LJ(A), vi.21-28; WN, V.i.a.9-11; WN, V.i.f.51 entre as muitas passagens que examinam a divisão do trabalho a partir da teoria dos quatro estágios.

⁶⁰ Vale ressaltar como as possibilidades de troca, isto é, o tamanho do mercado, condicionam a divisão do trabalho, ou seja “como o poder de trocar que ocasiona a divisão do trabalho, portanto, a extensão dessa divisão deve ser sempre limitada pela extensão desse poder, ou, em outras palavras, do mercado (WN, I.iii.1).

⁶¹ No primeiro capítulo do Segundo livro de *A Riqueza das Nações*, Smith explica como um estoque, necessário para introduzir a divisão do trabalho, tem duas partes: uma dedicada ao consumo imediato e outra, o capital, direcionada a adquirir ganhos (WN, II.i.2).

⁶² Craig Smith, por exemplo, enfatiza a importância do conhecimento e das faculdades mentais na teoria dos quatro estágios (SMITH, C., 2006, p. 296 e 297).

exemplo, Smith descreve como um hábil fabricante de flechas em uma tribo provavelmente se concentraria pouco a pouco em produzir mais e trocá-las por outros artigos desejados, conforme percebesse que adquiriria mais bens ao especializar-se (WN.I.ii.3). No entanto, a habilidade para fazer flechas precisa estar minimamente aprimorada para alguém conseguir confeccioná-las com o intuito de intercambiar. Portanto, certo aperfeiçoamento dessa técnica é necessário. Nem sequer haveria um habilidoso artesão de flechas se não há o conhecimento de como fazê-las. Tal aprimoramento só é possível com o acúmulo de experiência ao longo do tempo. Essa condição enfatiza como o progresso da sociedade, incluso a divisão do trabalho, só pode ser formada gradualmente por meio do aumento da vivência dos indivíduos, de maneira análoga ao direito de propriedade e à linguagem.

Seguindo o mesmo raciocínio, as trocas de bens também apresentam certo aspecto imaterial, pois o escambo de uma flecha por uma cerâmica, por exemplo, envolve o intercâmbio dos conhecimentos necessários para produzi-las. Contudo, ao realizar a troca, o ceramista não adquire as técnicas para fazer uma flecha, mas desfruta dessas habilidades. À medida que as trocas são intensificadas, cada indivíduo passa a ter acesso aos objetos produzidos por conhecimento alheios, pois “entre os homens, os mais diversos talentos são úteis uns aos outros”. Conforme cada membro da coletividade se especializa, os saberes do grupo são multiplicados, sendo “acrescidos a um estoque comum, do qual cada homem pode comprar qualquer parcela da produção dos talentos dos outros” (WN, I.ii.5). A ideia de um “estoque comum” mostra como o acúmulo gerado pela sociedade, além de material, é ligado ao desenvolvimento de conhecimentos e técnicas.

A possibilidade de desfrutar dos artigos feitos pelos demais permite cada sujeito concentrar-se em uma única ou em poucas atividades, provocando um aprimoramento da habilidade, da destreza e do discernimento (*skilll*, *dexterity* e *judgement*)⁶³ aplicados na execução delas, isto é, o aperfeiçoamento das faculdades físicas e mentais voltadas para tarefas específicas⁶⁴. Aliás, a diferenciação de talentos, de acordo com Smith, surge principalmente por conta da especialização, devido ao hábito e ao costume, e não o contrário: “a diferença entre um filósofo e um carregador de rua é desprezível nos primeiros anos de vida” (WN, I.ii.4). Portanto, além de requerer certo desenvolvimento das faculdades humanas, a divisão do trabalho aperfeiçoa as habilidades empregadas em cada tarefa, pois as técnicas são aprimoradas conforme mais atenção e dedicação lhe são conferidas.

⁶³ Utilizamos os termos da tradução de Alexandre Amaral na edição da Martins Fontes (2013, p.7). João Baraúna, na Edição da Nova Cultural (1985, p.41), opta por traduzir *judgement* por bom senso.

⁶⁴ No Livro V de *A Riqueza das Nações*, Smith contrapõe, de um lado, o aperfeiçoamento de cada atividade pela crescente especialização e pelo aumento da divisão do trabalho e, de outro, a perda da prática de utilizar de maneira ampla as faculdades humanas, ocasionando numa estupidez generalizada das classes mais pobres de uma sociedade comercial (WN, V.i.f.51). Esse ponto é explorado um pouco mais adiante.

A especialização crescente torna cada membro da sociedade dotado de um saber mais restrito em relação ao todo, porém a soma desses conhecimentos passa a ser cada vez maior. Segundo Smith, em uma tribo de selvagens, todos realizam as atividades ligadas à sobrevivência, como caça e coleta de frutas, por isso cada membro exerce uma multiplicidade de tarefas. No entanto, a variedade de técnicas ao considerar todo o grupo é pequena. Por outro lado, na sociedade comercial, cada sujeito dedica-se a uma única tarefa, mas desfruta de grande diversidade de ofícios. Inclusive, tal variação possibilita certas pessoas voltarem a atenção exclusivamente à elaboração de máquinas⁶⁵, as quais contribuem ainda mais para o aumento da produtividade. Nota-se, portanto, uma contraposição na diversificação de atividades entre um indivíduo e sua sociedade: quanto maior o último, menor tende a ser o primeiro, e vice-versa.

O progresso para Smith é fortemente demarcado pela intensificação das trocas. Ou seja, a sociedade com alto grau de desenvolvimento é caracterizada pela enorme quantidade de transações entre pessoas e entre diferentes nações. Essa situação corresponde à etapa comercial, nível mais avançado de aprimoramento segundo a teoria dos quatro estágios (LJ (A), i.31 e 32). Em comparação aos selvagens vivendo em circunstâncias mais rudimentares – quando cada membro da tribo produz os meios para a própria sobrevivência e daqueles mais próximos –, os indivíduos de sociedades mais complexas são especializados em distintas atividades. Para garantir sua subsistência, eles precisam realizar trocas no mercado. Logo, apenas nos primeiros estágios as pessoas conseguem produzir de maneira autônoma os bens necessários para o próprio sustento (WN, I.i.4). Embora os indivíduos se tornem cada vez mais detidos em uma função particular, como na fabricação da parte de um alfinete⁶⁶, toda a sociedade passa a desfrutar cada vez mais de um conjunto muito maior de bens. Essa opulência, de acordo com Smith, provê que o conforto do trabalhador mais pobre da nação comercial seja superior ao mais rico indivíduo de uma tribo selvagem (WN, I.i.9-11)⁶⁷.

Portanto, conforme o aprimoramento da sociedade, a variedade de atividades exercidas pela sociedade ao todo aumenta, enquanto o movimento oposto ocorre com a maior parte de seus membros que se torna cada vez mais especializada. A atenção da maior parte da população da sociedade comercial – conforme Smith explora no quinto livro de *A Riqueza das Nações* –

⁶⁵ A invenção de máquinas é, também, atividade de filósofos. Na terceira parte deste capítulo, exploramos como a segurança em relação à sobrevivência permite um tempo dedicado ao lazer, condição necessária para o surgimento da filosofia, atividade voltada ao prazer. Cf. HA, III.3 e seção *Do progresso da Filosofia* deste capítulo.

⁶⁶ Smith apresenta uma descrição da divisão de tarefas dentro de uma fábrica de alfinetes no início de *A Riqueza das Nações* (WN, I.i.3) e também ao longo de suas aulas sobre jurisprudência (LJ (A), vi. 29 e 30); LJ (B), 213 e 214). Vale ressaltar que uma descrição similar está presente no artigo *Alfinete (Épingle)*, atribuído à Alexandre Deleyre (*Encyclopédie*, 2017, 5.804).

⁶⁷ Em *Lições de Jurisprudência*, Smith descreve como “Um príncipe europeu, no entanto, não excede [em termos de luxo] um trabalhador comum [commoner] tanto quanto o último em relação ao chefe de uma tribo de selvagens” (LJ (B), 212). De maneira similar, argumenta na *Teoria dos Sentimentos Morais* sobre as vantagens da sociedade comercial até para os estamentos mais baixos (TMS, IV.i.10).

é dedicada a tarefas muito simples, como a décima sétima parte de um alfinete⁶⁸. A intensa especialização causa a redução no campo da experiência dos indivíduos e a diminuição do exercício das faculdades humanas, em particular a comparação e a abstração⁶⁹, tornando a mente menos inventiva e mais estúpida (WN, V.i.f.51 e LJ (B), 329)⁷⁰. Logo, enquanto ocorre o aperfeiçoamento e a diversificação das técnicas de produção na sociedade comercial, a maior parte da população desta tem suas faculdades mentais atrofiadas⁷¹. De maneira a diminuir tal consequência indesejada da divisão do trabalho, Smith enfatiza acerca da importância de prover o mínimo de educação para os estratos mais pobres da sociedade (WN, V.i.f.52).

A intensificação da divisão do trabalho e da especialização enriquece a nação devido ao aumento de produtividade. Esta é causa, segundo Smith, de três principais aspectos: aumento da destreza dos trabalhadores, economia de tempo – principalmente na troca de tarefas – e invenção de máquinas (WN, I.i.5)⁷². Os três fatores diminuem a quantidade de trabalho necessário para gerar a mesma quantidade de bens, alterando o nível de riqueza do país. Por isso, a especialização do trabalho é associada à melhora de confortos materiais distribuídos para toda sociedade, pois “a grande multiplicação das produções de todas as diferentes artes, em consequência da divisão do trabalho, ocasiona, na sociedade bem governada, essa opulência universal que se estende aos mais baixos escalões da sociedade” (WN, I.i.10).

Ao destacarmos as causas e a natureza da divisão do trabalho e seus efeitos no progresso da humanidade, a teoria dos quatro estágios pode ser compreendida como uma indicação do grau de aperfeiçoamento das técnicas e das habilidades pertencentes aos indivíduos daquela sociedade. Esse nível de desenvolvimento também corresponde às intensificações da divisão do trabalho e da diferenciação de talentos, pois estes elementos estão diretamente relacionados com o aprimoramento do conhecimento da coletividade. Por exemplo, uma tribo de pastores corresponde a um grupo com os saberes necessários para a prática do pastoreio, enquanto as sociedades agrícolas conhecem o cultivo de plantas. Tal interpretação ressalta a ideia de sistema na obra de Smith, isto é, uma relação de interdependência entre as mais diversas partes de um

⁶⁸ Exemplo é citado em suas aulas de jurisprudência (LJ (B), 329), assim como a octogésima parte de um botão.

⁶⁹ A semelhança com termos utilizados em Considerações é digna de nota, ver *Considerações*, 14-16.

⁷⁰ Smith usa o termo estúpido ou estupidez (*stupid* ou *stupidity*) tanto nas suas aulas de jurisprudência (LJ (B), 329) como em *A Riqueza das Nações* (WN, V.i.f.51).

⁷¹ Deve-se destacar como há uma diferença entre o aperfeiçoamento das faculdades mentais mediante a abstração, comparação e generalização e o aprimoramento na execução de uma técnica específica. Também vale ressaltar que, apesar da maior parte da população de sociedades comerciais tornar-se estúpida, algumas pessoas conseguem ter um acúmulo de experiências muito maior em relação a um selvagem, como um filósofo, pois suas experiências apresentam um grau ainda maior de variabilidade (WN, V.i.f.51).

⁷² Não é difícil perceber como as três razões levantadas estão diretamente ligadas ao processo de especialização: a destreza decorre da contínua prática e atenção voltadas para uma única atividade, assim como a economia de tempo. Por sua vez, a invenção de máquinas está, primeiramente, atrelada à maior atenção a certas atividades, a qual permite criar soluções para as mesmas. Posteriormente, à possibilidade de pessoas dedicarem-se exclusivamente em buscar inventá-las, de forma a aumentar a produtividade da indústria (WN, I.i.6-9).

corpo, no caso, o social. Além de uma múltipla determinação, a divisão do trabalho mostra como a teoria do progresso para Smith está ancorada na investigação das faculdades humanas.

Apesar do aumento generalizado de riquezas, o progresso da divisão do trabalho e da especialização, segundo Smith, amplia o grau de vulnerabilidade da nação, devido principalmente às invasões estrangeiras e ao crescimento da dívida pública. Quanto ao primeiro aspecto, fatores como a diminuição da parcela populacional disponível para lutar e o desuso de exercícios militares trazem dificuldades para a nação comercial defender-se. Por exemplo, Smith ressalta que, antes da introdução de armas de fogo, uma invasão de tribos pastoris, no segundo estágio de desenvolvimento, costumava destruir um país mais aprimorado⁷³. Apropriando-se da analogia empregada por Smith entre a sociedade e o ser humano, é possível pensar que as tribos pastoris, como um homem jovem, são muito mais vigorosas frente às sociedades comerciais, equivalentes a um homem já mais velho⁷⁴.

A intensificação da divisão do trabalho também aumenta os custos da sociedade com a sua defesa perante ameaças externas. Porque a maior parte da população não pode ir a guerra sem causar grandes estragos na produção material da nação comercial, as sociedades nessa etapa de desenvolvimento mantêm certa quantia de pessoas dedicadas exclusivamente para a defesa. A manutenção desse contingente, junto do aperfeiçoamento das máquinas militares, promove um grande aumento nos gastos do Estado com a própria proteção, custo praticamente inexistente antes do advento das manufaturas (WN, V.i.a.8-15 e V.i.a.42). A elevação das despesas com guerras remete ao segundo fator de vulnerabilidade da sociedade comercial: o crescimento da dívida pública. O advento das manufaturas associadas ao luxo e ao conforto diminuem, segundo Smith, a propensão do soberano a poupar dinheiro, inclusive nas épocas sem conflitos com outras nações. Logo, quando irrompe uma guerra, a forma mais rápida para cobrir as despesas militares é o endividamento, pois tardaria muito acumular via a criação de novos impostos, medida que provavelmente enfrentaria bastante oposição. Como a arrecadação em tempos de paz dificilmente equiparasse ao valor do endividamento nos momentos de enfrentamento bélico (WN, V.iii.3-5; V.iii.38-40), a falência do Estado torna-se quase iminente: “no longo prazo provavelmente [a dívida pública] arruinará todas as grandes nações da Europa” (V.iii.10). Portanto, não apenas o declínio para Smith é um destino certo para todas as

⁷³ O número de pessoas disponíveis para ir para a guerra diminui, pois na sociedade comercial, o afastamento de seu trabalho prejudica fortemente a produção e a manutenção de sua renda e, portanto, os indivíduos deixam de ir à guerra exceto se tiverem uma recompensa por suas perdas (WN, V.i.a.9). Por outro lado, a complexificação na arte da guerra traz a necessidade de certos indivíduos serem empregados exclusivamente nela para poderem ter um preparo suficiente para conseguir realizar uma defesa (WN, V.i.a.10).

⁷⁴ O desenvolvimento da sociedade para Smith, portanto, não pode ser equiparado ao de Hayek, pois este enfatiza que a sociedade mais avançada é aquela que consegue perpetuar suas normas devido ao critério de vantagem reprodutiva (HAYEK, 2013, p.239-245).

sociedades, como também sua probabilidade aumenta à medida da ampliação da divisão do trabalho.

Em suas aulas de jurisprudência (LJ (B), 329), Smith avalia a diminuição do espírito marcial, o atrofiamento das faculdades mentais e a negligência com a educação como efeitos prejudiciais do crescimento do comércio. Ele mostra como o desenvolvimento é apreendido somente com base nos movimentos observáveis ao longo da história da humanidade e não significa um ideal de mundo a ser atingido de maneira teleológica⁷⁵. Apesar de os textos de Smith conterem, em geral, uma avaliação positiva dos efeitos do progresso, há importantes ressalvas como o processo de simplificação das línguas e o atrofiamento das faculdades mentais de grande parte da população. Portanto, a trajetória apresentada por Smith não é um caminho prescrito por ele, mas já percorrido pela humanidade. Em suma, *A Riqueza das Nações* não pode ser compreendida como uma utopia desenhada por Adam Smith.

1.6. Considerações sobre o capítulo

Neste capítulo, buscamos explorar aspectos da noção de progresso presente ao longo da obra de Smith. Primeiramente, mostramos que suas investigações pertencem a um projeto de analisar o desenvolvimento das instituições sociais a partir das faculdades humanas. Instituições como a linguagem, o mercado e a ciência são explicados enquanto resultados da sociabilidade entre os seres humanos. Como no caso do direito à propriedade, este é conformado apenas com o passar do tempo, de maneira gradual. Dentro dessa perspectiva, o corpo social não difere muito do humano: da mesma forma que crianças crescem até a fase adulta, as sociedades apresentam diferentes estágios de desenvolvimento.

Tal desenvolvimento depende, em última instância, do acúmulo de experiências. São estas que possibilitam o aprimoramento das faculdades humanas, o qual permite, por sua vez, a complexificação das instituições sociais. Por exemplo, sem as faculdades de comparação, abstração e generalização, os seres humanos não conseguiriam formar um sistema de comunicação, sem o qual seria impossível surgir qualquer outra instituição, como o governo ou as leis. De maneira equivalente, a especialização decorre da prática recorrente de produzir certo artigo, o conhecimento somente avança conforme o aumento no número de observações e a

⁷⁵ Alguns intérpretes da obra de Smith compreendem sua noção de progresso como teleológica. Por exemplo, Griswold afirma que a teleologia de Smith “não é uma descrição de como o mundo é, mas uma postulação de uma harmonia que desejamos para ele” (GRISWOLD, 1999, p.333, tradução nossa). Reisman também argumenta que “a teleologia da economia para Smith parece ser o desenho de um novo mundo, o qual o filósofo pode contemplar com prazer” (REISMAN, 1976, p.105, tradução nossa). Outras interpretações ressaltam a importância da providência divina, como Evensky (2005, p.57) e Kleer (2000, p.14-21).

propriedade privada é antecedida pelo processo de fixação à terra. As relações mencionadas apenas reiteram o quanto, na obra de Smith, o ser humano é um ser empírico, pois ele aperfeiçoa-se somente com base na própria experiência.

Esse fator acaba também por destacar que a sociedade para Smith é o resultado das trocas de experiências individuais. A contínua troca de experiências dentro da sociedade permite a realização de progressos em múltiplas esferas, como propriedade e linguagem. Com base nesses intercâmbios, a subjetividade da experiência individual consegue se tornar uma ordem intersubjetiva. Seguindo tal interpretação, a teoria dos quatro estágios corresponderia a certo nível de complexidade das trocas feitas pelas partes do corpo social: trocas de experiências, conhecimentos e, claro, mercadorias. E é essa intensificação nas interações entre os indivíduos que caracteriza o processo de complexificação da sociedade.

Outro aspecto examinado ao longo do capítulo é a múltipla determinação presente na concepção de progresso de Smith. A trajetória de desenvolvimento representada pela teoria dos quatro estágios, embora ressalte a forma de produção de bens materiais, envolve um processo com múltiplas esferas interrelacionadas. Por exemplo, os avanços nas formas de produção e nas instituições jurídicas fornecem as condições para o surgimento da ciência, como exposto em *História da Astronomia*. Por outro lado, certos saberes são necessários para a introdução da divisão do trabalho, assim como não é possível aprimorar a justiça sem a estruturação da linguagem. Ao compreender o progresso para Smith como um processo de inúmeras causas, infere-se não haver um único aspecto determinante, ou ainda mesmo preponderante, no desenvolvimento da sociedade. De forma análoga, não faz sentido afirmar que o crescimento do indivíduo é dado pelo sistema exoesqueleto ou circulatório, pois todas as diferentes partes do corpo humano dependem do funcionamento, em algum grau, das demais.

Também expomos ao longo do capítulo que Smith não apresenta uma descrição determinista do desenvolvimento da humanidade. Ele apenas destaca as propriedades presentes ao longo da formação delas. É muito diferente afirmar que toda sociedade passa igualmente por determinados estágios e que há um caminho marcado por certas etapas no progresso da sociedade. Apenas o último abre espaço para o contingente, muito presente na obra de Smith. De maneira análoga, também é distinto dizer que todo ser humano torna-se necessariamente mais sábio quando envelhece ou que o indivíduo apresenta certas fases de desenvolvimento e tende a acumular mais experiência com o passar do tempo. Logo, não há uma determinação de como serão as futuras transformações da humanidade. A única certeza dessa trajetória, segundo Smith, é o declínio das nações. Este, além de estar sempre em iminência, é um destino certo para qualquer corpo social, assim como a morte para os seres humanos.

A iminência do declínio é muito bem ilustrada pelo aumento da vulnerabilidade do Estado – dada pelo aumento de custos para o estabelecimento de uma defesa – conforme a intensificação da divisão do trabalho. Essa fragilidade, junto com o aumento da imperfectibilidade das línguas e a generalização da estupidez para a maior parte da população, enfatiza que o progresso não traz apenas vantagens para a sociedade. Insistindo na analogia com o corpo humano, o envelhecimento também acarreta certos malefícios e dificuldades para o indivíduo. Tendo isso em vista, Smith não está oferecendo uma utopia nem traçando um caminho de cunho teleológico. Sua investigação é empírica e sistematiza as regularidades presentes no decorrer do progresso de diversas sociedades. Ela não é a construção de um mundo idealizado, mas a proposta de uma forma de compreender as transformações sociais.

Capítulo 2 - Do prazer da ordem

O desenvolvimento, segundo visto no capítulo anterior, é resultado das interações humanas na obra de Smith. Contudo, ainda falta explorar quais são as motivações por trás das condutas individuais nesse processo. Os seres humanos, de acordo com Smith, são estimulados principalmente por meio das paixões suscitadas pela interação entre suas disposições e suas experiências. Em especial, a propensão para procurar regularidades tem função essencial na constituição das artes imitativas, da ciência e da linguagem. Ela também é fundamental para a formação dos juízos morais e o surgimento de uma ordem social hierárquica. Ou seja, é essencial para a gênese da própria sociedade. Levando em consideração tais aspectos, almejamos expor neste capítulo como a atração pela regularidade tem papel central na conformação dos estímulos que impelem o progresso da humanidade.

Para tanto, partimos da análise feita por Smith sobre as artes imitativas, a fim de explorar a relação entre a sede da imaginação por certa ordem e o prazer de contemplar representações artísticas. Estas são avaliadas pelas sensações despertadas em seus espectadores, os quais buscam estabelecer regularidades entre os objetos. E proporcionam deleite conforme sua aptidão de incitar a mente humana a criar associações⁷⁶. A capacidade de apreender padrões, portanto, é fonte de percepção estética. Pretende-se examinar essas relações com o objetivo de, ao longo de todo capítulo apresentar um paralelo entre a fruição estética e o progresso das instituições sociais nos escritos de Smith.

A segunda seção é dedicada ao exame dos interesses que, segundo Smith, levam à construção dos sistemas astronômicos e, por analogia, dos modelos científicos no geral. No ensaio *A História da Astronomia*, o autor enfatiza a função dos sentimentos no estímulo para investigar a natureza. Os indivíduos, ao depararem objetos novos e desconhecidos, sentem certa inquietação em suas mentes. Esse incômodo promove a busca por regularidades a fim de tranquilizar a imaginação, pois a obtenção desse apaziguamento proporciona prazer ao ser humano. Ao destacar esse movimento, exploramos como o progresso da ciência, na obra de Smith, não tem origem em suas vantagens práticas, mas em sentimentos bastante subjetivos.

Em seguida, abordamos como a inclinação humana a sistematizar observações molda a construção das línguas. Tal disposição possibilita aos seres humanos inventarem um código de comunicação por meio da classificação dos mais variados objetos da natureza. Ela também conforma certa regularidade nos sons das palavras por meio de conjugações e declinações, o que é verificado principalmente pela análise das línguas antigas. A partir desses elementos,

⁷⁶ A imaginação é, segundo Smith, uma faculdade da mente dos seres humanos. Portanto, ao mencionarmos os termos “mente” ou “pensamento”, estamos nos referindo a um todo composto de muitas faculdades, como a abstração e o entendimento. Todavia, podemos também empregar essas expressões mesmo se a atuação for de uma faculdade particular.

almejamos expor de que modo o surgimento da linguagem decorre mais da atração pela regularidade do que das vantagens práticas do desenvolvimento da comunicação.

Já a finalidade da quarta seção é examinar a aprovação dos bens materiais – isto é, quais itens, como móveis e vestimentas, são julgados adequados a cada situação – enquanto causa da propensão humana a estabelecer padrões. Na *Teoria dos Sentimentos Morais*, são descritos três princípios que delineiam as noções de beleza dos objetos: os costumes, a moda e a aparência da utilidade. Os três destacam o prazer proporcionado ao ser humano devido ao encontro de regularidades. Tal regozijo, conforme Smith, é maior que a satisfação derivada do usufruto do próprio objeto. Aspira-se compreender, pois, os estímulos que levam as pessoas a desejarem adquirir, apesar da inutilidade, tantos produtos.

Contudo, a principal motivação por trás do enriquecimento e do acúmulo material é a vontade, presente em toda a espécie humana, de ser objeto de aprovação, tema abordado na quinta seção. Nela, vemos a importância do prazer de simpatizar mutuamente na construção de regras gerais de comportamento e de uma ordem social coesa. Mais uma vez, o resultado do processo não advém dos benefícios gerados por ele, mas é desdobramento da procura individual por ser admirado e estimado pelos demais.

Porque o empenho em enriquecer decorre do desejo de ser objeto de admiração, a sociedade precisa de uma organização hierárquica para preservar esse estímulo. Afinal, não haveria por que perseguir a fortuna se não houvesse o reconhecimento dela. Por isso, na sexta seção, tratamos sobre como a estratificação social é fundada, segundo Smith, e sua importância para o funcionamento da sociedade.

Ao recuperar os temas expostos ao longo do capítulo, almejamos expor na última seção que a sociedade comercial não é fruto de planejamento, mas origina-se da interação entre indivíduos dotados da propensão a sistematizar. Enfatizamos que o ser humano, segundo Smith, não depende naturalmente das trocas para garantir sua sobrevivência. Nessa perspectiva, o mercado é mais efeito da cobiça, por parte do ser humano, de ser objeto de aprovação e de desejar dominar os demais do que das necessidades associadas à subsistência. Portanto, é a procura por regularidades – tanto por proporcionar uma percepção estética quanto por conformar a ordem social – que possibilita o surgimento da divisão do trabalho. Ao final, realizamos algumas considerações sobre o capítulo.

* * *

2.1. O tempo da música

A análise de Smith sobre as artes imitativas⁷⁷ traz elementos importantes para refletir acerca da função da estética no progresso da humanidade. Ela expõe como o desejo de obter harmonia e regularidade conforma os mecanismos de coesão social e os estímulos para o esforço criativo das pessoas. Esse processo decorre devido ao deleite sentido pela mente humana no estabelecimento de conexões entre diferentes objetos, de maneira a compor uma ordem. Considerando essa disposição a criar organizações, examinamos o mérito e a expressão presentes nas artes imitativas a fim de mostrar que eles proporcionam a realização de associações por meio da imaginação. Esses elos são marcados por arranjos diferentes e por distintas intensidades e velocidades. São tais variações que correspondem a diferentes emoções despertadas no ser humano ao contemplar obras de arte⁷⁸. A relação entre as paixões e as cadeias do pensamento é ainda melhor explorada por Smith a partir da análise sobre música, destacando-se o modo como a atração pela regularidade é capaz de gerar certa convergência dentro da sociedade. Em suma, pretendemos no decorrer desta seção, ao examinarmos o ensaio *Das Artes Imitativas*⁷⁹, expor como a propensão a sistematizar relaciona-se com a fruição estética e a criação de certa coesão social.

No ensaio *Das Artes Imitativas*, Smith explica de que modo as representações da natureza pela arte proporcionam prazer à mente do ser humano por dois movimentos distintos: pelo processo de elaboração e pela expressão, os quais são, respectivamente, a causa e o efeito da obra. A primeira corresponde aos efeitos suscitados nos indivíduos, isto é, as paixões despertadas pela contemplação da situação representada. Já a técnica utilizada equivale à causa da imitação. Por exemplo, a tapeçaria tem sua representação construída por meio do entrelaçamento das linhas, enquanto a pintura é produzida pelas formas adquiridas da tinta sobre a tela (IA, I.12). Percebe-se que o processo de elaboração não se confunde com a expressão, pois é possível imitar o mesmo objeto de formas diferentes, como retratar situações distintas por meio da mesma técnica. Logo, a avaliação das mais diversas obras de arte, segundo Smith, leva em consideração as causas e os efeitos de cada uma delas⁸⁰.

⁷⁷ A palavra arte para Smith tem um sentido muito amplo, envolvendo as mais diversas produções. Nesta dissertação, o termo arte é empregado num sentido muito mais próximo do atual, correspondendo ao significado de artes imitativas.

⁷⁸ A estética, segundo Jaffro, é colocada por Shaftesbury, Hutcheson, Hume e Smith enquanto uma “teoria do espectador em relação ao fenômeno” (JAFFRO, 2000, p. 9, tradução nossa).

⁷⁹ O nome completo do ensaio é *Natureza da imitação que ocorre nas denominadas artes imitativas (Of The Nature of that imitation which takes place in what are called the imitative arts)*. Apesar de não se saber ao certo quando Smith iniciou tal ensaio, é provável que estivesse trabalhando nele durante a década de 1780, no final da vida do filósofo (WIGHTMAN; BRYCE, 1982b, p. 171 e 172; JONES, 1992, p.68).

⁸⁰ Como veremos na quinta seção deste capítulo, os juízos morais também levam em consideração causa e efeito.

O processo de elaboração das obras de arte é avaliado conforme a capacidade de imitar um objeto de natureza diferente, o que Smith denomina de mérito. Este está atrelado ao espanto da maneira como se deu a imitação de certo artigo por meio de outro objeto, de natureza (isto é, composição) diferente. Sem tal distinção, a imaginação não adquire o grau de inquietação para suscitar a curiosidade das pessoas acerca do processo de representação. A descoberta, ainda que parcial, de como a representação foi concretizada gera grande deleite no ser humano. Esse movimento é o que proporciona prazer ao espectador enquanto este contempla uma produção artística, pois esse deleite é superior ao incômodo provocado pelo espanto anteriormente suscitada. Por isso, quanto maior o grau de distinção entre a obra e sua imitação, maior tende a ser o regozijo despertado no indivíduo⁸¹. Quando não há diferenciação, está produzindo-se uma cópia (isto é, a fabricação de dois itens iguais com base nos mesmos materiais), a qual não apresenta muito valor para Smith porque não causa espanto algum⁸². Afinal, as artes são valorizadas somente por mimetizarem objetos de outra natureza, como a pintura inspirada nas montanhas ou a escultura de mármore na forma de homem (IA, I.6 e 7). Elas apresentam, portanto, maior mérito conforme maior for a sua distinção em relação à representação.

Levando em consideração a diferença entre a imitação e o objeto retratado, a arte funciona como estímulo para criar conexões, tranquilizando a imaginação ao propiciar arranjo e velocidade agradáveis entre as passagens do pensamento⁸³. Para ser possível a mente estabelecer a associação entre representação e representado, a explicação do modo como é produzida cada imitação deve estar minimamente explícita. Segundo Smith, a pintura, ao retratar em duas dimensões um objeto de três, acaba por evidenciar mais seu processo de realização do que a escultura. Esta, por sua vez, pode facilmente enganar seu espectador, ao se passar pelo objeto imitado. Por isso, “a semelhança, embora seja muito maior [da escultura com o objeto imitado em relação à pintura com a sua representação], a disparidade entre a imitação e o objeto imitado é tão menor que até a superior semelhança não nos satisfaz” (IA, I.10). O

⁸¹ Em *Das Artes Imitativas*, a inquietação devido ao sentimento de espanto despertado pela curiosidade de descobrir como a imitação foi concretizada chega a ser descrita como sendo prazerosa (IA, I.16). Entretanto, em *A História da Astronomia*, a inquietação de não conseguir formar um sistema explicativo de algum fenômeno da natureza está mais atrelada a um incômodo (HA, II.3). Apesar dessa diferença, independente de haver ou não prazer no próprio processo de indagar, o regozijo associado ao estabelecimento de uma conexão é muito maior.

⁸² Não há muito valor, ressalta Smith, em produzir dois itens iguais a partir dos mesmos materiais, pois o padrão estabelecido seria tão monótono ao ponto da imaginação não adquirir o grau de inquietação para motivar a busca por certa associação a fim de acalmar a mente. A produção de um objeto que almeja imitar outro com base nos mesmos materiais constituiria uma cópia, não uma imitação. A cópia tende a ser desvalorizada frente ao original, o que não ocorre no caso da imitação. Smith chega a empregar o exemplo de quão ridículo seria fazer uma cópia da Igreja de São Pedro ou de São Paulo com as mesmas características e medidas das originais (IA, I.1).

⁸³ A imaginação busca realizar as conexões de maneira constante e ininterrupta, e de forma a ter certa variedade. Tópico a ser explorado principalmente na próxima seção.

grau de semelhança, portanto, não é tão primordial no prazer de apreciar trabalhos artísticos quanto a intensidade das conexões criadas pela imaginação.

Já a expressão, ou efeito, da maioria das artes imitativas – como a pintura, a dança ou a poesia, sendo a música a única exceção – corresponde à reação de cada indivíduo ao imaginar-se na situação representada pela obra⁸⁴. Ela não advém da técnica utilizada, e sim das sensações despertadas no processo de contemplar a representação. Por exemplo, um espectador, ao ver uma pintura retratando certa desgraça, pensa como seria estar nessa posição. Apenas tal reflexão já desperta anseio análogo aos presentes naquele momento trágico. Já uma poesia descrevendo situações alegres suscita emoções em seu ouvinte análogas à alegria de alguém naquelas circunstâncias. O efeito dessas diferentes situações ocorre por meio dos diferentes arranjos e das distintas velocidades despertados entre as conexões do pensamento, gerando diversas emoções no espectador⁸⁵. Cada ritmo⁸⁶ acaba por corresponder a sensações diferentes, por exemplo “uma sucessão vagarosa entre pensamentos bastante próximos caracteriza esta disposição da mente [melancólico]” (IA, II.20), já “uma sucessão rápida de pensamentos frequentemente contrastados e levemente conectados no geral, é a característica da outra [disposição alegre e agradável da mente]” (IA, II.20)⁸⁷. Portanto, técnicas diferentes podem ter efeitos bastante próximos, porque práticas tão distintas quanto a ópera e a tapeçaria podem comunicar uma situação igualmente melancólica ou alegre, despertando o mesmo ritmo nos seus espectadores.

A forma pela qual os indivíduos avaliam as artes imitativas, conforme Smith, é muito similar à maneira das pessoas julgarem as condutas dos demais. Em ambas, há um esforço da imaginação para pensar como seriam nossas emoções em outras circunstâncias. Os dois processos, inclusive, baseiam-se nas relações de causa e efeito, como veremos mais adiante no capítulo. Por último, percebe-se como a comunicação da arte com o espectador é devida aos diferentes ritmos suscitados na mente, os quais despertam distintos sentimentos nos seres humanos. Por meio da análise de Smith sobre a música, observa-se mais claramente a relação entre ritmo e paixão. Essa ligação é fundamental para o funcionamento do mecanismo de coesão

⁸⁴ Smith não chega a abarcar, no ensaio *Das Artes Imitativas*, quais seriam os efeitos da representação de apenas de um evento. Cf. IA, II.31

⁸⁵ As paixões sociáveis são mais facilmente despertadas pela música. São elas que provêm o elo entre as pessoas da sociedade (TMS, I.ii.3.6 e IA, II.13).

⁸⁶ No ensaio *Das Arte Imitativas*, Smith associa as conexões da imaginação a elementos musicais, como velocidade, tempo, compasso, melodia e harmonia. Embora Smith faça certa distinção entre eles, tal diferenciação não é muito clara. Por isso, vamos empregar esses termos de maneira abrangente, de forma a incluir tanto o arranjo quanto a velocidade seja da música, seja das conexões da mente.

⁸⁷ A associação da velocidade e do arranjo presentes nas conexões da mente com as diferentes paixões é mencionada por Smith também na *Teoria dos Sentimentos Morais* e na *História da Astronomia* (TMS, I.ii.3.6 e HA, I.6).

social, isto é, a maneira pela qual diversas pessoas conseguem criar instituições bastante organizadas e complexas, sem ser uma guerra de todos contra todos.

A música apresenta certas peculiaridades, de acordo com Smith, em relação às demais artes imitativas. Sua capacidade de imitação é bastante limitada, pois não chega a sugerir nada além de si mesma⁸⁸. Não por acaso, o ensaio *Das Artes Imitativas* apresenta uma crítica direta ao filósofo Jean-Jacques Rousseau. Este interpreta a música – segundo o verbete *Imitação* de seu *Dicionário de Música* – como a arte de maior capacidade de representação, porque ela é passível de mimetizar qualquer objeto da natureza (IA, II.24)⁸⁹. Contrário a essa posição, Smith argumenta que apenas pela música não é possível ao ouvinte discernir com alguma clareza a situação retratada na composição, pois “a melodia e a harmonia da Música instrumental, ao contrário [da pintura], não sugerem de forma clara e distinta nada que é diferente da própria melodia e harmonia” (IA, II. 3). Na pintura, por exemplo, a ideia de certa paisagem é bastante distinta da técnica de usar tinta sobre a tela. Já a música não sugere nada além da relação entre as suas notas. Portanto, a incapacidade imitativa da música reflete sua condição de não sugerir uma representação além da sua própria composição.

Apesar de não imitar nada com clareza e distinção, a música pode produzir os mesmos efeitos da pintura ou da poesia por meio da melodia e da harmonia correspondentes aos sentimentos que a situação representada pela tinta ou pelas palavras incita. Ou seja, ela tem a capacidade de provocar em seu ouvinte um ritmo correspondente às paixões despertadas pelas demais técnicas⁹⁰. No entanto, seus efeitos não envolvem o esforço da imaginação e proporcionam emoções originais em vez de análogas às sensações de outros (IA, II.22). Por esse mecanismo, sem depender do processo de reflexão presente nas demais artes imitativas, a expressão da música contagia os seres humanos de forma imediata.

Além de despertar sentimentos, a música para Smith também provoca deleite devido à descoberta de padrões por seu ouvinte. Encontrar a regularidade na sucessão de uma ordem equivale a conseguir antever os próximos sons a serem tocados, pois “nós frequentemente

⁸⁸ Segundo Márcio Suzuki, “Hutcheson é certamente um dos primeiros a propor, ao lado de uma poderosa estética da imitação, uma estética que não é baseada na mimese” (SUZUKI, 2014, p.280) e “é espantoso [...] como Hutcheson e Smith chegaram a uma combinação bastante original e radical da autonomia do discurso estético [...]” (SUZUKI, 2014, p. 298).

⁸⁹ Segundo a *Glasgow Edition*, Smith estaria se referindo ao verbete *Imitação* de Rousseau, publicado no *Dicionário de Música*, no *Ensaio sobre a Origem das Línguas* (trecho do capítulo 16) e na *Enciclopédia* editada por Diderot e D’Alembert (IA, II.24, n.11). Todavia, o *Dicionário de Música* de Rousseau apresenta dois verbetes imitação (ROUSSEAU, 2012, p.101-103), e aquele ao qual Smith se refere, não foi publicado na *Enciclopédia* (*Encyclopédie*, 2017, v.8, p.567-569). O trecho mencionado por Smith, entretanto, está presente no *Ensaio sobre a Origem das Línguas* (ROUSSEAU, 1973, p. 200).

⁹⁰ Os efeitos das demais artes imitativas provêm do mecanismo de simpatia (a ser explorado na quinta seção deste capítulo, enquanto os efeitos da música são imediatos. Sobre esse tema, ver Suzuki (2014, p. 285-288). A descrição sobre a capacidade de imitação da música contida no ensaio *Das Artes Imitativas* parece diferir um pouco daquela na *Teoria dos Sentimentos Morais* (TMS, I.ii.3.6), pois nesta o autor parece sugerir que a música tem a capacidade de imitar os sentimentos.

prevedemos o retorno de um período o qual nós sabemos corresponder a outro lembrado por nós de ter vindo anteriormente” (IA, II. 29). Esse movimento acarreta prazer para a mente humana, a qual consegue acompanhar a melodia de maneira suave, sem interrupções no pensamento por surgir uma sequência inesperada. O deleite proporcionado pela música instrumental não reside em suas capacidades imitativas, mas no poder de arranjar uma ordem de sons ao longo do tempo, sugerindo-se certa previsibilidade. Essas particularidades enfatizam que a música não contém nenhuma beleza em si mesma. Ela adquire tal qualidade apenas mediante o contato com o ser humano⁹¹.

O prazer de encontrar padrões resulta em certa convergência no desenvolvimento humano. Por exemplo, a função do tempo⁹² como mecanismo de coesão é perceptível pela harmonia estabelecida entre a dança e a música. Ambas se arranjam segundo o tempo – equivalente ao termo ritmo (*Rhythmus*) empregado pelos antigos –, compreendido como uma medida musical. As pausas e os gestos do corpo e os sucessivos sons da música são organizados de maneira a coincidir seus compassos. Para tanto, não é necessário alguém pré-conceber o ritmo a ser seguido, pois a regularidade do tempo funciona como uma mão invisível, constituindo-se um processo não intencional⁹³. A dança não determina a música, e nem vice-versa, mas a busca por um padrão organiza um único sistema: “o tempo ou o compasso [measure] da dança corresponde sempre exatamente ao da música ou ao do tom que a acompanha e a direciona” (IA, II.2). Logo, a inclinação humana a obter regularidades é um dispositivo que confere coesão nas invenções sociais.

Apesar da tendência por procurar certa regularidade, a adequação ao ritmo não é automática. Consequentemente, as artes imitativas requerem certo intervalo de tempo para serem aprimoradas. No caso da poesia, por exemplo, “o verso seria por um longo do tempo rude e imperfeito” (IA, II.4), pois se utilizariam sons sem significados ou alterações nas pronúncias das palavras para manter o ritmo dela. A poesia, portanto, demoraria a atingir o grau de perfeição que “apenas a pronúncia comum e adequada das palavras, sem qualquer outro artifício, sujeitasse a voz à observação do tempo e do compasso” (IA, II.4). Por isso, embora o

⁹¹ Segundo Jaffro, Smith retira os aspectos imitativos da arte pela análise da música instrumental, ao tornar a expressão independente do estabelecimento de uma relação (JAFFRO, 2000, p. 9).

⁹² No ensaio *Das Artes Imitativas* há dois usos distintos e importantes do conceito tempo (*time*). O primeiro conceito corresponde a uma medida musical, de maneira próxima à definição presente na entrada 14 do verbete tempo no Dicionário de Johnson “Musical measure. Musick, do I hear! Ha, Ha! Keep time. How sour sweet music is/ When time is break and no proportion kept. Shakespeare” (Johnson’s Dictionary, pg. 2062). Enquanto o segundo refere-se a um intervalo de duração, de forma equivalente à primeira entrada: “The measure of duration. This consideration of duration, as set out by certain periods, and marked out by certain measures or epoches, is that which most properly we call time. Locke” (Johnson’s Dictionary, pg. 2062). As citações não foram traduzidas, nesse caso, pois não ilustrariam tão bem tal diferenciação.

⁹³ É possível pensar que as músicas tenham seu ritmo definido desde a partitura. Contudo, o argumento de Smith é que esse código surge a partir da prática dos indivíduos de buscar seguir o mesmo padrão dos demais.

deleite ligado à regularidade e à harmonia seja imanente ao ser humano, o aperfeiçoamento das artes requer um período na história.

As considerações de Smith sobre as artes imitativas permitem mostrar a importância da propensão a procurar regularidades no processo de fruição estética. E como tal disposição também está presente no desenvolvimento da ciência, esta, por sua vez, proporciona deleite de maneira não muito distinta das artes imitativas⁹⁴:

Na contemplação da imensa variedade de sons agradáveis e melodiosos, bem-arranjados e digestos, tanto em sua coincidência como na sua sucessão, em um sistema tão completo e regular, a mente desfruta de um grande prazer sensual, e inclusive de um intelectual, não distinto do prazer derivado da contemplação de um sistema em qualquer outra ciência (IA, II.30).

Logo, a música e a ciência são invenções humanas estimuladas pelo prazer associado à estética, e não pelo seu caráter útil. Nesse sentido, pode-se interpretar que os filósofos para Smith não seriam muito diferentes de um compositor criando um arranjo para certa música.

* * *

2.2. A ordem das estrelas

Em *A História da Astronomia*, o progresso enquanto desdobramento das aptidões humanas é bastante explorado por Smith. Esse ensaio expõe a trajetória da ciência como resultado da propensão a sistematizar de cada pessoa. O indivíduo, para Smith, apresenta um ímpeto natural por criar ordens a fim de organizar o aparente caos das representações da natureza, tranquilizando sua mente. Tal apaziguamento ocorre quando a imaginação realiza a passagem entre dois objetos ou eventos de maneira gradual, dentro de um arranjo e sem violências abruptas. Por exemplo, os movimentos irregulares dos astros no céu causam uma inquietação – análoga a das artes imitativas –, minimizada apenas quando um sistema consegue conectá-los de forma a ter uma regularidade. Examinando tais elementos, almeja-se investigar nesta seção como a atração pela ordem propulsiona o surgimento e o desenvolvimento da ciência.

A imaginação para Smith tem a capacidade de estabelecer uma conexão entre dois ou mais fenômenos, como se fosse “uma ponte, [a qual] pode, ao menos, unir aqueles objetos aparentemente distantes, tornando a passagem do pensamento entre eles suave, natural e tranquila” (HA, II.8). Essa suavidade é caracterizada por uma velocidade nem tão rápida

⁹⁴ A relação entre a música e os modelos científicos é citada por Reisman (1976, p. 45 e 46), Deleule (1997, p. 21) e Suzuki (2014, p. 312 e 313).

conforme a mente está em estado de euforia e nem tão devagar como se ela estivesse melancólica (IA, II.20)⁹⁵. Ela é adquirida segundo o hábito de ver dois objetos juntos ou sucedendo-se um ao outro⁹⁶. Dessa forma, a imaginação passa de um elemento a outro com mais facilidade, pois “se o primeiro [objeto] aparece, nós postulamos que o segundo vem em sequência” (TMS, V.i.2). Tal disposição para buscar regularidades nas observações feitas pelo ser humano está na base da construção dos mais complexos sistemas.

O desejo de ordem surge quando o indivíduo, ao não conseguir transitar sem obstáculos entre seus pensamentos, adquire certa inquietação. Esta apodera-se da mente humana, a qual passa a procurar novas conexões entre os objetos a fim de apaziguar-se ao reestabelecer aquele ritmo agradável nas sucessões da imaginação. Tal processo acarreta a contínua construção de sistemas com o objetivo de conectar os mais diversos elementos observados pelos indivíduos. Portanto, ele promove o aperfeiçoamento da ciência. Considerando essa perspectiva, os modelos astronômicos são interpretados em *A História da Astronomia* como resultado da busca pelo prazer de acalmar a imaginação: “nada pode mostrar melhor o quanto o repouso e a tranquilidade é o fim último da filosofia que a invenção desse Círculo Equalizador” (HA, IV.13)⁹⁷. Essa inquietação diante do irregular não está ancorada na utilidade de obter sistemas, astronômicos ou não, estando fundada nos sentimentos suscitados no ser humano ao observar o caos apresentado pela natureza.

O estímulo para as mais diversas investigações é composto pelas paixões despertadas face às faculdades e às inclinações dos seres humanos. Para explicar a origem e o progresso da filosofia em *A História da Astronomia*, Smith parte da distinção entre três sentimentos: admiração, surpresa e espanto (*Admire*, *Surprise* e *Wonder*, respectivamente). Algo grandioso e belo é digno de admiração, já o inesperado suscita surpresa e, por último, o desconhecido causa espanto. Tais paixões são reflexos da interação entre as faculdades e as experiências de cada indivíduo. São tais sentimentos bastante subjetivos que promovem a contínua formação das mais diversas instituições.

Apesar de não se alongar muito sobre a admiração em *A História da Astronomia*⁹⁸, Smith explica que a surpresa e o espanto são ocasionados por uma interrupção no andamento das relações estabelecidas pela imaginação. Assim como alguns sentimentos correspondem a certos ritmos – segundo a análise de Smith sobre a música –, outros são caracterizados por certas

⁹⁵ Cf. seção anterior; HA, I.16 e TMS, I.ii.3.6,

⁹⁶ Pelo papel da imaginação e dos hábitos é possível perceber a influência que a teoria do conhecimento de Hume faz sobre Smith. Cf. Skinner, 1996, p. 29.

⁹⁷ Os círculos equalizadores são artifícios inventados na Grécia Antiga com o objetivo de ajustar o movimento observado dos astros no modelo denominado por Smith de Esferas Excêntricas (HA, IV.12).

⁹⁸ Na *Teoria dos Sentimentos Morais*, Smith define o conceito de admiração como “aprovação intensificada pela surpresa e pelo espanto” (TMS, I.i.4.3).

interrupções nele. A surpresa é reflexo da quebra abrupta entre as conexões do pensamento devido a um acontecimento inesperado, suspendendo-se o conforto da mente em antever minimamente o futuro próximo. Por exemplo, alguém, ao jogar uma bola para cima, espera que ela vá nessa direção, pois “movimento após impulso é uma ordem de sucessão a qual entre todas as coisas estamos mais familiarizados” (HA, II.9)⁹⁹. Se, por qualquer motivo, a bola seguisse em outra direção, aquele que a jogou se sentiria bastante surpreso. Como tal sensação produz certo incômodo, o ser humano busca antever o futuro imediato ao erigir conexões entre os distintos acontecimentos para manter a tranquilidade da imaginação e evitar surpreende-se.

Já o espanto para Smith está atrelado à dificuldade de formular uma conexão entre dois fenômenos. Tal sentimento é despertado diante de um objeto desconhecido ou de uma sucessão nova de elementos (independente destes serem ou não já familiares). No primeiro caso, a mente não consegue classificar o novo objeto, falhando momentaneamente em identificá-lo¹⁰⁰. Smith ilustra essa situação ao mencionar o exemplo de um botânico frente a uma planta portando características que não permitem enquadrá-la dentro de nenhuma outra categoria já existente (HA, II. 1 e 2). Já no segundo caso, a imaginação não alcança realizar a conexão entre certos acontecimentos. Por conseguinte, adquire uma interrupção em seu fluxo de pensamento. Essa sensação é ilustrada por Smith pela descrição de uma pessoa que, ao deparar pela primeira vez o deslocamento de um pedaço de ferro sobre uma mesa devido à força de um ímã, não consegue compreender a realização desse movimento (HA, II.8). Como resultado desses dois processos que despertam espanto, o ser humano cria continuamente classificações e cadeias de maneira a adequar-se às novas observações e apaziguar novamente sua mente.

Com a finalidade de obter prazer ao tranquilizar sua imaginação, cada pessoa tenta antever acontecimentos a fim de não se sentir surpreso e cria classificações e cadeias de relações de maneira a não causar espanto. Dessa forma, o desenvolvimento da filosofia é explicado a partir da propensão, fundada nos sentimentos e nas faculdades psicológicas do ser humano, a sistematizar as representações da natureza. Smith refere-se ao esforço de catalogar vegetais e animais realizado pelo naturalista. Este, ao deparar uma planta ou um fóssil com características desconhecidas, “trabalha [...] para conectá-la com alguma outra [espécie do mesmo gênero]” a fim de “livrar-se daquele Espanto, daquela incerteza e da curiosidade ansiosa suscitadas pela aparição singular e pela dessemelhança com todos os objetos já observados por ele

⁹⁹ A quebra de ritmo pode ser mais ou menos intensa conforme se altera a disposição da mente. Smith ressalta como alguém tristemente surpreendido pela recém-descoberta morte do filho, ao ver ele entrando pela porta, teria uma surpresa extremamente violenta, pois tal processo envolve a mudança entre extremos. Inclusive, a alegria, por ser uma paixão mais intensa, torna a passagem do estado melancólico para o jubiloso mais intensa que o movimento oposto (HA, I.6).

¹⁰⁰ A identificação dos objetos corresponde ao processo de nomeação deles. Desta forma, a relação entre a criação de sistemas e a formação da linguagem torna-se bastante evidente. Esse tópico é melhor abordado no terceiro capítulo desta dissertação.

[naturalista]” (HA, II.4). O naturalista, portanto, não busca elaborar novos modelos pensando na utilidade gerada por classificações mais detalhadas da fauna e da flora. Sobretudo, ele procura acalmar sua mente diante do espanto provocado pelo encontro do desconhecido. Esse caso expõe que a ciência para Smith é fundada em impulsos individuais causados por sentimentos como surpresa e espanto.

O destaque para as emoções dado por Smith na análise sobre o progresso da ciência mostra como a satisfação pessoal por construir um sistema é fundada menos na utilidade dele que no prazer estético de criar uma ordem¹⁰¹. O deleite derivado dos modelos científicos para Smith é bem próximo ao da música, pois esta “parece dissonante ao ficar aquém da mais perfeita harmonia; assim como os eventos parecem separados e desarticulados quando ficam aquém da mais rigorosa e perfeita conexão” (HA, II.11)¹⁰². Essa interpretação é reforçada ao olharmos para a motivação de homens como Newton e Copérnico, atrelada à vontade de acalmar a imaginação e não nas vantagens práticas de ter um sistema coerente do movimento dos astros. Em *A História da Astronomia*, o autor enfatiza que a humanidade “busca esse estudo [da filosofia] por sua própria causa, como um prazer original ou um bem em si mesmo” (HA, III.3). O progresso da filosofia, logo, não é um resultado da sua própria utilidade, e sim da simples curiosidade despertada nas pessoas ao olharem para a natureza.

Além do papel das paixões no progresso da ciência, os exemplos do botânico e do naturalista também mostram como o espanto tem o poder de mobilizar esforço e trabalho. Em outras palavras, a investigação pela ordem engendra a força empregada nas transformações da filosofia. A elaboração de sistemas de classificação e de modelos explicativos, nesse sentido, é decorrente da procura por satisfazer a curiosidade do próprio indivíduo, e não pelo interesse em propiciar o avanço do conhecimento para toda a sociedade. É possível realizar um breve paralelo com a noção de interesse apresentada em *A Riqueza das Nações*, pois os filósofos, assim como o açougueiro e o cervejeiro¹⁰³, trabalhariam mais pelo interesse por satisfazer seus anseios do que pela ideia de promover o bem público. Portanto, o progresso da ciência é motivado mais por sentimentos de cunho pessoal bastante subjetivos que por suas possíveis vantagens para a sociedade.

¹⁰¹ A ciência como fruto de sentimentos, e não da utilidade, é abordada por Griswold (1999, p. 332) e por Suzuki (2014, p.312 e 313). Por outro lado, comentadores como Raphael e Skinner (1982, p. 5 e 6), e Campbell (1971, p. 218 e p.219) associam a teoria de Smith a um certo utilitarismo.

¹⁰² Se levarmos em consideração o ensaio *História da Astronomia* como um trabalho de juventude (WIGHTMAN; BRYCE, 1982a, p. 6 e 7), e o ensaio *Das Artes Imitativas* como um escrito pertencente ao final da vida de Smith (WIGHTMAN; BRYCE, 1982b, p. 171 e 172), é possível pensar que a relação entre a música e a ciência foi uma ideia presente na maior parte da vida do filósofo. Cf. HA, II.11 e IA, II.30.

¹⁰³ Esse exemplo faz referência à famosa citação de *A Riqueza das Nações*: “Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que nós esperamos nossa refeição, mas da consideração deles pelos próprios interesses” (WN, I.ii.2).

Embora almejem apenas satisfazer sua própria curiosidade, os filósofos acabam por contribuir para o desenvolvimento da humanidade. Logo, o progresso da ciência para Smith é um processo não intencional, de maneira análoga à formação da linguagem. Os dois movimentos, inclusive, são decorrentes dos sentimentos despertados quando a mente não encontra regularidades, não consegue estabelecer um sistema. Em seguida, examinamos como a formação da linguagem também é propulsionada por esses mesmos fatores.

* * *

2.3. A regularidade das palavras

A instituição das línguas para Smith também pode ser compreendida como desdobramento do desejo de sistematizar as representações da natureza. Afinal, cada palavra é apenas uma forma de classificar objetos e fenômenos em diferentes classes e espécies. Essa catalogação é resultado da vontade de consolidar um padrão a fim de acalmar a imaginação, sendo análoga à criação dos modelos científicos. Contudo, a atração pela regularidade também conforma os sons e os arranjos das palavras, produzindo-se uma sonoridade agradável. Tal qualidade, destaca Smith, é progressivamente perdida segundo o aumento da imperfeição das línguas. Considerando esses tópicos, a construção da linguagem é explorada nesta seção como resultado da busca pela sistematização, tanto por ser um processo classificatório quanto por suas características estéticas.

Ao querer comunicar suas vontades aos seus semelhantes¹⁰⁴, o ser humano acaba criando, sem ter a intenção, um código para se referir aos mais variados elementos observados em seu entorno. Primeiramente, uma palavra é atribuída a um objeto particular. Somente após um intervalo de tempo, ela passa a ser utilizada para se referir a todo um conjunto marcado por similaridades distintivas, processo descrito anteriormente a partir dos termos rio e caverna¹⁰⁵. Apenas porque o indivíduo tem a capacidade de apreender regularidades em suas mais diferentes observações, uma expressão passa a denominar toda uma espécie. Sem tal propensão, não haveria como “eles [dois selvagens] atribuírem a cada um desses novos objetos, o mesmo nome pelo qual estavam acostumados a expressar um objeto similar já familiarizado” (*Considerações*, 1). A atração pela regularidade é tanta que “seria impossível aqueles selvagens contemplarem os objetos novos sem relembrar dos antigos” (*Considerações*, 1). É apenas

¹⁰⁴ A vontade de se comunicar está relacionada, segundo Smith, com a propensão à troca presente na espécie humana. Esse tópico é abarcado apenas no terceiro capítulo desta dissertação.

¹⁰⁵ Esse processo é abordado no primeiro capítulo desta dissertação, principalmente na seção *Das Faculdades para Falar*.

devido ao ímpeto individual por querer se comunicar com os demais e por procurar regularidades na natureza que os códigos da linguagem são construídos.

Ao deparar um artigo de espécie desconhecida, o ser humano sente-se espantado por não conseguir arranja-lo em relação àqueles já familiarizados por ele. Devido ao incômodo dessa sensação, ele procura traçar semelhanças com o que já conhece a fim de inserir o novo objeto em sua organização das representações da natureza. Enquanto a imaginação não consegue fazer tal inserção, a inquietação não cessa e a busca por outra catalogação segue. Quando se torna possível abarcar o objeto recém-descoberto, o pensamento é apaziguado. Esse movimento proporciona ao indivíduo uma sensação prazerosa e agradável. Afinal, segundo Smith, “é evidente que a mente sente prazer em observar as semelhanças descobertas entre os diferentes objetos” (HA, II.1). Esse estímulo incitado pelo desconhecido ilustra como o desenvolvimento da linguagem é decorrência das características psicológicas e dos sentimentos dos seres humano.

A linguagem, portanto, é o efeito não intencional da interação de múltiplas pessoas inclinadas a comunicar os próprios desejos e encontrar regularidades na natureza. É devido à propensão a sistematizar que a mente humana “empenha-se para arrancar e metodizar todas suas ideias, e reduzi-las em sortimentos e classes adequados” (HA, II.1). A consequência dessa disposição é o estabelecimento de um código de comunicação que organiza os mais diversos elementos segundo o grau de semelhança entre eles. Essa forma de codificação baseia-se na criação de representações, não tão diferentes da pintura ou da estátua, há a referência a um objeto por meio de outro de natureza completamente diferente. Logo, a contínua elaboração de classes e espécies não é realizada com a finalidade de fabricar um sistema de comunicação, embora este seja seu resultado.

A existência da atração pela regularidade na espécie humana é evidente na obra de Smith pela análise dos mecanismos linguísticos que, embora não alterem o sentido das palavras, torna a língua sonoramente mais agradável¹⁰⁶. A fim de ilustrar tais artifícios, a variação das terminações dos adjetivos nas línguas antigas é explorada por Smith, pois ela foi sendo perdida ao longo do progresso das línguas¹⁰⁷. No latim e no grego, por exemplo, há muitas dessas alterações, como *magnus lupus*, *magna lupa* e *magnum pratum* (grande lobo, grande loba e grande prado, respectivamente). Tais modificações são, em *Considerações*, decorrência do “amor à analogia e a certa regularidade de som” (*Considerações*, 25), pois modelam um padrão

¹⁰⁶ Frans Plank (1992, p.26), ao analisar a variação do término do adjetivo, estabelece uma relação com os critérios estéticos presentes na *Teoria dos Sentimentos Morais*.

¹⁰⁷ Os substantivos variam sua terminação para indicar, por exemplo, gênero, como *equus* (cavalo) e *equa* (égua). Os adjetivos, tendo surgido depois dessa variação, apresentam a mesma transformação, de maneira a acompanhar o sujeito correspondente (*Considerações*, 8-10)

entre as expressões, elaborando uma previsibilidade por meio de certa ordem na estrutura da frase, mas sem alterar o significado das palavras.

As modificações nos finais dos adjetivos não provocam alterações no sentido da palavra, apenas proporcionam certa conexão entre os termos correlatos da sentença. Em *Considerações*, o autor ressalta como as expressões *magnus*, *magna* e *magnum* têm o mesmo significado – de qualificar um sujeito como grande – e variam apenas em função do substantivo correspondente (*Considerações*, 10 e 11). Por exemplo, em *magna lupa* (grande loba), *magna* não adquire a característica de feminino, apenas a loba é do gênero feminino, porque “na significação dos adjetivos não há caso nem número, e o sentido dessas palavras é sempre precisamente o mesmo, apesar delas aparecerem conforme toda a variedade de terminações” (*Considerações*, 25). Considerando a dissociação entre o término do adjetivo e a transformação de sentido, tal variação promove apenas um prazer derivado da sonoridade comum entre as partes correspondentes da sentença. Isto é, ela conecta as palavras correlatas dentro da frase de modo a proporcionar maior previsibilidade ao ouvinte, de forma análoga ao padrão de sons na música:

[...] tempo e medida são para a música instrumental o que ordem e método são para o discurso; eles os quebram em partes e divisões adequadas, pelas quais nos permitem tanto lembrar melhor o que veio anteriormente quanto frequentemente prever parte do que está porvir (IA, II. 29).

O deleite de acompanhar as regularidades – dadas pela alteração ao final de cada termo – equivale ao regozijo de encontrar o padrão da música. Em ambos os casos, por exemplo, o estabelecimento de uma ordem fornece certa previsibilidade ao ouvinte, a qual evita o desconforto da surpresa. Distanciando-se da dor e aproximando-se do prazer, os indivíduos acabam por arranjar uma organização entre as partes de cada sentença a fim de torná-la mais agradável a seus sentimentos. Nota-se como o prazer de caráter estético – decorrente de poder perceber relações entre as coisas – molda a composição da língua de maneira não intencional¹⁰⁸. Em suma, a variação nos adjetivos “parece ter sido introduzida principalmente pelo amor [*sake*] a certa similaridade de som, a certa espécie de rima, a qual é naturalmente muito agradável ao ouvido humano” (*Considerações*, 10).

Devido à ausência das alterações no final das palavras para indicar seu termo correspondente¹⁰⁹, as línguas tornam-se, segundo Smith, mais desagradáveis aos ouvidos e

¹⁰⁸ Uma associação entre a formação da língua e o conceito de mão invisível presente em *A Riqueza das Nações* é feita por Frans Plank (1992, p. 30).

¹⁰⁹ Tais terminações desaparecem progressivamente conforme a intensificação do processo de simplificação dos mecanismos da linguagem, observado por Smith na comparação entre as línguas antigas e modernas. Por exemplo,

rígida em sua composição¹¹⁰. Quanto à inflexibilidade, os vocábulos não mais pressupõem as terminações para realizar as ligações de uns com os outros e as suas funções sintáticas tornam-se dependentes de sua acomodação na sentença. A fim de ilustrar tal situação, Smith destaca um verso de Virgílio em latim¹¹¹ que apresenta os termos correspondentes distantes em relação à posição na frase, no entanto conectados pelas variações de gênero, número e caso. Como no inglês, a ordem das palavras determina a função delas na frase¹¹², o verso não seria traduzível para a língua inglesa sem a alteração no arranjo das expressões. Ou seja, o verso poderia ter seu significado traduzido, mas jamais se preservaria sua beleza¹¹³. Além de mais rígida, a composição das línguas torna-se sonoramente menos agradável, pois “a variedade de terminações no grego e no latim, decorrente de suas declinações e conjugações, fornece a suas línguas uma doçura desconhecida por nós” (*Considerações*, 44). Logo, a perda das variações das palavras implica o empobrecimento estético da língua, pois o estabelecimento de certa regularidade é uma das mais importantes fontes de prazer para o ser humano.

A linguagem manifesta, portanto, o desejo humano de encontrar padrões tanto por seu caráter classificatório quanto pela criação de mecanismos que mantêm a regularidade dos sons em suas composições. Por um lado, a imaginação encontra as semelhanças entre os objetos da natureza e os sistematiza em classes e espécies. Por outro, a regularidade dos sons nas terminações das palavras antigas é uma evidência da procura pela ordem no desenvolvimento humano. A linguagem não seria, nessa perspectiva, muito diferente da música ou dos sistemas astronômicos. Todavia, a sede por padrões não conforma apenas o julgamento estético das línguas, mas também dos mais diversos bens materiais. Assim como o arranjo das palavras – independente do sentido expresso – gera deleite, a organização dos objetos também tem a capacidade de incitar regozijo para além de sua utilidade.

* * *

os adjetivos no grego antigo podem variar sua terminação conforme gênero, número e caso correspondente, explica Smith, apresentando quarenta e cinco combinações diferentes de conjugações possíveis (*Considerações*, 25).

¹¹⁰ Três são as causas apontadas por Smith das línguas estarem se tornando cada vez mais imperfeitas e imprecisas: a primeira é a prolixidade, a segunda é o fato delas se tornarem menos agradáveis ao ouvido, a terceira é a inflexibilidade da ordem das palavras (*Considerações*, 43, 44 e 45). O autor ainda afirma como “é difícil imaginar como essa liberdade das palavras pode ter auxiliado os latinos a compor, seja em verso, seja em prosa” (*Considerações*, 45).

¹¹¹ O verso de Virgílio transcrito por Smith é “*Tityre tu patulae recubans sub tegmine fagi*” (*Considerações*, 45).

¹¹² No latim o verbo normalmente pode ser inserido em qualquer lugar da frase sem prejuízo de sentido, enquanto no inglês a sua posição é quase sempre determinada pelo propósito da frase. O exemplo ilustrativo de *John beat Robert* (João bateu no Roberto) ou *Robert beat John* (Roberto bateu no João) revela como a ordem das palavras é subordinada ao sentido (*Considerações*, 45).

¹¹³ Smith refere-se à impossibilidade de compreender o poema de Horácio pela tradução de John Milton sem recorrer ao original (*Considerações*, 45).

2.4. O padrão da beleza

Já observamos que o prazer por encontrar regularidades, nos escritos de Smith, conforma as línguas e propulsiona a criação de modelos filosóficos. Nesta seção, analisamos como os critérios de aprovação em relação aos mais variados bens materiais são moldados pela mesma disposição. O ser humano, segundo Smith, não deseja tanto um objeto por sua utilidade, e sim pelo caráter estético relacionado à propensão a procurar uma ordem nas manifestações da natureza. Tal deleite engendra a produção das diversas manufaturas, estimulando o enriquecimento material. O progresso geral da sociedade, consequentemente, acaba por depender dos mecanismos que atribuem beleza e aprovação a cada manufatura.

A espécie humana para Smith é dotada de uma sensibilidade tão apurada ao ponto de apenas o arranjo dos objetos poder despertar bastante incômodo ou enorme satisfação. Segundo as *Lições de Jurisprudência*, Smith afirma como “o homem é o único animal com uma delicadeza que até a cor de um objeto machuca-o” (LJ (B), 208). Durante seu curso em Glasgow, também aponta os três principais aspectos que atribuem beleza aos mais diversos itens: variedade apropriada, fácil conexão e ordem simples (LJ (B), 208)¹¹⁴. Percebe-se como tais fatores estão associados à atração do ser humano pela regularidade, pois padrões são mais facilmente criados e apreendidos pelas pessoas conforme existam esses três elementos. Logo, Smith confere à busca pela sistematização uma característica fundamental e bastante refinada da humanidade.

Assim como o “amor à analogia e a certa regularidade de som”¹¹⁵ conforma os sons das palavras, essa atração também molda o gosto em relação às roupas, às mobílias e qualquer outro utensílio. Esse processo é explicado por Smith na *Teoria dos Sentimentos Morais* a partir de três mecanismos: os costumes, a moda¹¹⁶ e a aparência de utilidade¹¹⁷. Todos, de alguma maneira, estão relacionados com os aspectos anteriormente mencionados - variedade apropriada, fácil conexão e ordem simples – e com o deleite do surgimento de uma regularidade provocando o apaziguamento da imaginação¹¹⁸. Ou seja, nenhuma qualidade (como textura, cor ou formato) é bela em si mesma, pois a apreensão do indivíduo depende do arranjo entre elas.

¹¹⁴ Hutcheson, professor de Smith, também destacou elementos como variedade e arranjo nos julgamentos estéticos. Cf. Suzuki (2014, p. 278-282) e Jaffro (2000, p.21).

¹¹⁵ Expressão já mencionada na seção anterior. Cf. *Considerações*, 25.

¹¹⁶ O termo original em inglês é *fashion* e a tradução feita por Lya Luft para Martins Fontes, optou pelo termo uso (SMITH, 1999, p. 239 e 240). Nós avaliamos o termo moda como mais adequado para transmitir a ideia do conceito de *fashion* para Adam Smith.

¹¹⁷ Os costumes e a moda são abarcados no primeiro capítulo, *Da influência dos costumes e da moda sobre nossas noções de beleza e deformidade*, do Livro V da *Teoria dos Sentimentos Morais*, já a aparência de utilidade é tema principal do primeiro capítulo, *Da beleza que a aparência da utilidade confere sobre todas as produções de arte, e da vasta influência dessa espécie de beleza*, do Livro IV da mesma obra (TMS, IV.1 e TMS, V.1).

¹¹⁸ Márcio Suzuki (2014, p. 296-301) destaca que Smith – de maneira bastante próxima a Hume e a Hutcheson – enfatiza a capacidade humana de avaliar as mais diversas formas segundo os sentimentos despertados, ressaltando a importância das faculdades mentais nesse processo.

Portanto, é a percepção subjetiva de certa harmonia entre as partes de um objeto que lhe confere, segundo a obra de Smith, beleza e aprovação.

O estabelecimento de uma regularidade pelo simples fato dela ser recorrente corresponde ao costume. Conforme seja comum dois objetos estarem usualmente juntos ou próximos a imaginação habitua-se a vê-los conjuntamente e passa facilmente entre eles. Esse processo ocorre porque “quando o costume os conectou, sentimos uma inadequação em sua separação” (TMS, V.1.2). O ser humano, pois, tende a aprovar a combinação que já lhe é familiar. Por exemplo, uma vestimenta sempre acompanhada por certo adorno, ao ser vista sem tal adereço, causa estranhamento. Da mesma forma, os artigos feitos comumente com determinadas medidas e/ou específicas cores, também provoca um incômodo ao ser encontrado de maneira distinta. Ambos os casos incitam surpresa devido à interrupção nas transações do pensamento, pois não ocorre aquilo que a mente previa.

A constituição de um costume, segundo Smith, apresenta uma relação muito pequena com a utilidade prática¹¹⁹. O estabelecimento de certa organização entre as partes de cada objeto proporciona maior prazer ao ser humano que a satisfação obtida pelo usufruto dele. Na *Teoria dos Sentimentos Morais*, o autor menciona como três formas diferentes de pilares – o capitel dórico, a voluta jônica e a folhagem coríntia¹²⁰ – são igualmente úteis para sustentar um edifício. A adequação de tais medidas reside fundamentalmente no costume, o qual torna outro tamanho estranho aos olhos daqueles já familiarizados por específica dimensão (TMS, V.1.5). Essas preferências enfatizam a influência das conexões feitas pela imaginação na construção dos hábitos prevaletentes em cada grupo. Ou seja, independente dos benefícios advindos pelo uso de certo artigo, este é avaliado segundo o costume dominante na sociedade.

Já a moda para Smith é apenas uma forma específica de costume. Ela corresponde à aprovação dos hábitos e dos objetos daqueles de elevada posição social, por causa da associação feita pela imaginação entre a riqueza e a ideia de refinamento. Mais adiante no capítulo, vemos que o ser humano, segundo Smith, procura mostrar suas riquezas e esconder seus infortúnios. Por isso, os modos e os artigos portados pelos ricos passam a ser desejados por toda a sociedade, independente de sua utilidade¹²¹. Ademais, os itens mais aperfeiçoados e as máquinas mais modernas são associadas a riqueza e estima devido ao seu alto custo, o que lhes confere aspecto

¹¹⁹ Esse tópico é destacado por Griswold (1999, p. 331) e Suzuki (2014, p. 312).

¹²⁰ Smith questiona se é possível “fornecer algum motivo de por que o capitel dórico é adequado a um pilar de altura igual a oito diâmetros; a volute jônica, a um pilar de nove; e a folhagem coríntia, a um de dez?” (TMS, V.i.5). Segundo Jones (1992, p. 65), Allan Ramsay, pintor e pertencente aos círculos de Smith, menciona o mesmo exemplo.

¹²¹ “Enquanto eles [de alta posição social] continuam a usar tal formato [de vestes ou de maneiras], este é conectado por nossa imaginação a uma ideia de algo refinado e majestoso, embora seja em si mesmo indiferente, ele parece ter algo de refinado e majestoso por causa dessa relação” (TMS, V.i.3).

de exclusividade. Em síntese, a moda recomenda quais objetos – geralmente mais modernos e caros – são adequados para se representar determinado *status* dentro da sociedade.

O terceiro mecanismo, segundo Smith, presente na conformação dos julgamentos acerca dos objetos é a aparência da utilidade¹²². Esse conceito refere-se ao arranjo adequado de um objeto para obter certo fim, e não este em si. Para Smith, não interessa ao ser humano as vantagens adquiridas do próprio uso dos bens materiais, e sim a beleza das formas mais aptas para promover tal função. Tal organização para Smith propicia uma satisfação maior do que o próprio usufruto daquele produto, pois “se considerarmos a satisfação real que todas essas coisas são capazes de fornecer – por si próprias e separadas da beleza do arranjo adequado para promover tal satisfação – sempre aparecerá, no mais alto grau, desprezível e superficial (TMS, IV.1.9). A fim de ilustrar esse argumento, Smith apresenta uma comparação entre dois relógios: um que se atrasa dois minutos por dia e outro, quinze segundos a cada quinze dias. Ambos exercem igualmente bem a função de informar o horário para seu portador não deixar de cumprir compromissos. No entanto, o segundo é muito mais chamativo em relação ao primeiro, porque “o que interessa a ele [que compra o relógio mais moderno] não é tanto a obtenção desse conhecimento, quanto a perfeição da máquina que serve para alcançá-lo” (TMS, IV.1.5).

Os três mecanismos expostos – os costumes, a moda e a aparência de utilidade – mostram como o critério de aprovação dos objetos são conformados pela propensão psicológica para estabelecer uma regularidade, e não pela utilidade de cada coisa. O prazer proporcionado à mente em decorrência das conexões construídas pela imaginação é superior à satisfação da própria utilidade de um bem, afinal “o que agrada a esses amantes de brinquedos não é tanto a utilidade, mas o arranjo das máquinas que é adequada para promovê-la” (TMS, IV.1.6). É o arranjo, portanto, que desperta prazer, pois, conforme explica Márcio Suzuki, “assim como a música, a natureza mesma contém objetos cuja composição, ritmo, harmonia, temperamento são capazes de colocar a mente em determinada disposição ou estado” (SUZUKI, 2014, p. 286)¹²³. Consequentemente, o principal interesse dos indivíduos nas manufaturas produzidas não está no modo pelo qual suas funções suprem as necessidades do corpo humano, mas no prazer do estabelecimento de uma organização, seja por hábito seja em relação a um fim.

A mobilização de trabalho para a produção de bens, segundo Smith, é provocada mais pela busca por objetos de desejos devido a aspectos estéticos do que pelas vantagens práticas deles. Um caso hipotético descrito por Smith na quarta parte da *Teoria dos Sentimentos Morais* ilustra muito bem como certo arranjo pode engendrar esforço, independente da utilidade. Um

¹²² Smith considerava essa uma ideia bastante original, pois escreve que “até onde eu sei, ninguém a levou em conta” (TMS, IV.1.3).

¹²³ A relação entre os sentimentos morais e a música também é exposta por Griswold (1999, p. 380).

homem, ao entrar em seu quarto, depara várias cadeiras espalhadas aleatoriamente pelo cômodo. Em vez de simplesmente sentar-se em meio à bagunça, ele prefere organizar as cadeiras para, depois, acomodar-se. O homem “queria, ao que parece, não tanto a comodidade, quanto o arranjo das coisas que a promove” (TMS, IV.1.4). Nessa situação, o trabalho empregado não adicionou qualquer vantagem prática à cadeira, apenas trouxe uma satisfação à mente devido ao estabelecimento de uma organização.

Ao longo desta seção, mostramos como os julgamentos acerca dos bens é resultado da propensão humana para criar ordens por meios dos costumes, da moda e da aparência de utilidade. Todavia, o desejo de artigos considerados belos e adequados pela sociedade não é resultado apenas desses sentimentos, mas decorre da vontade do próprio indivíduo ser objeto de aprovação. Em seguida, exploramos os mecanismos presentes no processo de julgamento em relação às ações e às condutas das pessoas. De maneira similar aos bens materiais, tais juízos refletem o sendo estético do ser humano derivado da atração pela regularidade.

* * *

2.5. O ritmo da simpatia

Na seção anterior, alegamos que as manufaturas são avaliadas mais por seu arranjo que por sua utilidade. Entretanto, a principal motivação por trás da produção desses artigos é o desejo humano de ser si próprio objeto de aprovação dentro das perspectivas da sociedade. Para tanto, cada indivíduo procura estabelecer um padrão – denominado por Smith de espectador imparcial – de quais comportamento são apropriados para cada circunstância, baseando-se no que imagina ser um julgamento impessoal. Como tal processo é feito continuamente por todos a fim de balizarem suas atitudes mediante o padrão geral, há um movimento de coesão em qualquer comunidade. Tendo isso em vista, esta seção é dedicada a compreender como, na obra de Smith, os juízos acerca das ações de cada pessoa estão atrelados à atração por uma regularidade e são essenciais para engendrar o progresso da humanidade.

Os sentimentos de aprovação perante o comportamento humano para Smith não estão fundados nos mesmos princípios dos julgamentos dos objetos, embora a atração pela ordem é fator essencial na formação de ambos os juízos¹²⁴. Os mecanismos citados na seção anterior – os costumes, a moda e a aparência de utilidade – têm um peso muito menor na avaliação das ações dos indivíduos. Todavia, Smith, ao dirigir uma crítica ao seu amigo Hume¹²⁵, ressalta

¹²⁴ Os julgamentos sobre as condutas humanas são feitos com base nas paixões. Portanto, não há grande distinção para Smith entre os sentimentos de aprovação e os juízos das ações.

¹²⁵ Stewart chega a comentar esse ponto de diferença entre as teorias de Smith e de Hume (*Stewart*, II.5). Sobre as críticas de Smith a Hume, cf. RASMUSSEN, 2017, p. 94-99.

como, em ambos os processos, “o sentimento de aprovação sempre envolve um senso de adequação bastante distinto da percepção de utilidade” (TMS, IV.2.5). Portanto, de maneira análoga ao relógio mais moderno, as diversas condutas para Smith não são avaliadas segundo suas vantagens, mas conforme sua adequação a certa ordem.

O julgamento dos sentimentos alheios, segundo Smith, ocorre por meio da simpatia¹²⁶. Esta é o mecanismo do ser humano de se solidarizar com qualquer paixão (TMS, I.i.1.5). Seu funcionamento é dado pela imaginação: um indivíduo, ao assistir as atitudes dos demais, pensa como seriam suas sensações e suas reações se estivesse naquelas circunstâncias. Em outras palavras, o espectador (*spectator*) julga a conduta observada ao imaginar como seria a sua própria se estivesse na situação do agente (*agent*) comportamento na situação vivida pelo agente. Smith ilustra esse processo ao mencionar que a aflição ao vermos alguém machucar o braço ou a perna é tanta ao ponto de também movermos a parte de nosso corpo correspondente (TMS, I.i.1.3). O mesmo processo está presente quando alguém, ao contemplar uma pintura, imagina como se sentiria ao vivenciar o momento representado pela obra¹²⁷. Contudo, a emoção despertada – seja ao admirar o quadro, seja ao testemunhar o ocorrido – não equivale às paixões suscitadas originalmente, sendo apenas análoga a estas. Logo, o ser humano aprova ou não cada conduta mediante uma representação construída pela imaginação¹²⁸, e não por acessar realmente as sensações daqueles que julga.

Cada indivíduo avalia as ações dos demais por meio de dois juízos distintos: da adequação (*property*) e do mérito (*merit*) cabíveis a cada comportamento¹²⁹. O primeiro afere a proporção entre a atitude e os motivos que a suscitaram. Se tal relação for aceitável para o espectador, aquela conduta é considerada adequada (*proper*), caso contrário, inadequada (*improper*). Para explicar esse movimento, Smith ilustra como, na maioria das vezes, um escândalo diante da morte de um filho seria uma reação adequada, enquanto o mesmo alvoroço seria inadequado em face de uma situação pouco grave (TMS, I.i.3.5). Percebe-se que, segundo a *Teoria dos Sentimentos Morais*, nenhuma ação é considerada certa ou errada, pois depende da avaliação subjetiva do espectador. Em suma, o juízo sobre a adequação de condutas é relacionar ao equacionar a representação criada com nas experiências de cada sujeito.

Além da adequação, as pessoas também julgam os comportamentos alheios conforme o mérito. Este refere-se à qualidade de ser digno de recompensa, enquanto o demérito

¹²⁶ A simpatia é o mais importante princípio examinado na *Teoria dos Sentimentos Morais*. Há diversas obras que se detêm de maneira mais aprofundada no tema. Cf. Forman-Barzilai (2010) e Raphael (2007).

¹²⁷ Tema explorado na primeira seção deste capítulo.

¹²⁸ Smith, de fato, utiliza o termo representação ao descrever o mecanismo de simpatia (TMS, I.i.1.2).

¹²⁹ Infelizmente, a explicação a seguir, devido a sua complexidade, deixa bastante a desejar. Ela se refere, principalmente, aos primeiros três livros da *Teoria dos Sentimentos Morais*. Sobre o tema, destacamos os trabalhos de Campbell (1971), Müller (2015) e Griswold (1999).

corresponde à característica de merecer punição. Se o espectador avalia certa conduta como prejudicial a terceiros, ela é digna de demérito e o seu sujeito passa a ser objeto de ressentimento (TMS, II.i.1). Por exemplo, o roubo de propriedade, segundo Smith, desperta ressentimento na vítima – sensação que os espectadores facilmente acompanham – tornando certa punição pela transgressão uma medida adequada (TMS, II.ii.2.3). Por outro lado, um ato de generosidade é digno de mérito, por acarretar benefícios aos demais, e seu autor faz jus à gratidão. Contudo, Smith enfatiza que o mérito (ou demérito) depende dos motivos atrelados ao comportamento, pois um ato de bondade compulsório não suscita reconhecimento, assim como uma agressão por justa causa não merece punição (TMS, II.i.3.1). Nota-se que os comportamentos são aferidos, assim como as artes imitativas, por sua proporção em relação a suas causas e a seus efeitos¹³⁰.

Esses dois juízos – da adequação e do mérito – são fundamentados na disposição humana para estabelecer regularidades. Em primeiro lugar, os indivíduos não poderiam medir a proporção entre a ação e suas causas (ou seus efeitos) se a imaginação não conectasse eventos diferentes e separados no tempo. Segundo, sem tal propensão, eles não associariam suas próprias experiências com as situações vividas por outrem, porque cada acontecimento é singular e a imaginação que fornece tal ligação. Por último, sem criar uma ordem, também não teriam uma base de comparação para perceber, seja certo seja errado, cada conduta observada. É perceptível o quanto a capacidade do ser humano por apreender padrões é essencial na construção dos sentimentos morais.

Da mesma forma que aferem as condutas alheias, as pessoas também avaliam suas próprias ações. Para tanto, elas imaginam como os outros as enxergariam ao seu colocarem em seu lugar. Esse ajuste de perspectiva é necessário, pois “todo homem [...] é profundamente mais interessado no que lhe afeta imediatamente em comparação ao que concerne outros homens” (TMS, II.ii.2.2). No entanto, os comportamentos mediados unicamente pelo amor-próprio (*self-love*) não incitam aprovação, porque “embora todo homem seja [...] para si próprio todo o mundo, ele é apenas uma parte insignificante dele para o resto da humanidade” (TMS, II.ii.2.2). Por isso, cada indivíduo pondera seu comportamento, mediante autodomínio¹³¹, não por meio de um ponto de vista particular, mas como imagina ser o julgamento médio de “qualquer espectador imparcial e justo” (TMS, III.1.3). Dessa maneira, busca medir as próprias atitudes via uma perspectiva impessoal.

¹³⁰ As obras de arte são julgadas tanto pela técnica utilizada quanto por sua expressão. Importante relembrar que a técnica utilizada equivale à causa da arte imitativa, assim como a expressão corresponde ao efeito. Cf. IA, II.31 e primeira seção deste capítulo.

¹³¹ O autodomínio para Smith é a virtude relacionada ao controle dos impulsos humanos (TMS, IV.iii). Na tradução do termo, seguimos Lya Luft na edição da Martins Fontes (SMITH, 1999, p. 26).

Baseado no espectador imparcial, cada sujeito constrói um padrão – isto é, regras de cunho geral – de quais atitudes são apropriadas dentro de cada circunstância¹³². Esse processo também decorre da propensão humana a sistematizar, pois é preciso observar e estabelecer regularidades entre as diferentes atitudes para reconhecer o que foge à média. A elaboração desse parâmetro funciona como guia para a tomada de decisões individuais. Afinal, não é viável, na prática, percorrer todas as experiências e as observações passadas para refletir sobre como deve-se agir. Logo, devido à continua avaliação das mais diversas condutas, surgem regras gerais de comportamento.

Além de possibilitar a criação de regras gerais, o esforço do espectador para se colocar no lugar do agente, e vice-versa, produz uma organização social minimamente coesa. O cruzamento desses dois movimentos tende a construir uma convergência, pois todos estão continuamente tentando avaliar suas ações segundo a medida dos demais. Seu resultado em uma ordem harmônica para Smith, a qual acaba por promover o bem-estar da sociedade sem depender da intenção de seus membros, de maneira não muito diferente do surgimento da harmonia na música: “o grande prazer da conversa e da sociabilidade surge de certa correspondência de sentimentos e opiniões, de certa harmonia entre as mentes, que, assim como tantos instrumentos musicais coincidem e mantêm o mesmo ritmo entre si” (TMS, VII.iv.28). Portanto, a própria constituição da sociedade enquanto um todo minimamente coerente (ao nível de, pelo menos, funcionar) é decorrência de cada pessoa estar continuamente procurando se adequar aos demais.

A convergência da ordem social é causa de a maior fonte de prazer de homens e mulheres ser a percepção de simpatia mútua. Esta corresponde ao sentimento de obter aprovação de espectadores diante de alguma atitude ou opinião. Em outras palavras, refere-se à sensação de ser objeto de aprovação¹³³. Um indivíduo sente grande deleite ao perceber seu afeto sendo compartilhado por outras pessoas, desde o gosto por um livro até o ressentimento face a uma ofensa. De maneira análoga à música, a qual contagia o ouvinte automaticamente por suas propriedades – como ritmo, melodia, tempo – a simpatia mútua ocorre pela percepção do agente que o espectador consegue acompanhar a música de seus sentimentos: “o homem que a simpatia acompanha [*keeps time*] meu sofrimento, não pode deixar de admitir a sensatez da minha dor”¹³⁴. Caso contrário “a pessoa que [...] não sente nada com alguma proporção aos

¹³² Campbell, por exemplo, explica como o espectador imparcial é, ao mesmo tempo, ideal e empírico. Ele é ideal, pois é fruto da imaginação. Também é empírico, pois é construído com base nas experiências individuais (CAMPBELL, 1971, p. 127).

¹³³ Para ser objeto de aprovação, não basta a simpatia dos espectadores, pois o indivíduo precisa reconhecer que a aprovação é justa. Portanto, conseguir aprovação mediante uma mentira pode ter algum prazer, mas não ao ponto de ser considerado objeto de aprovação (TMS, II.i.2)

¹³⁴ Lya Luft traduz de maneira interessante o termo *keeps time* por *ritmo* (SMITH, 1999, p.15).

meus [sentimentos] não pode deixar de desaprovar meus sentimentos devido a uma dissonância com os seus” (TMS, I.i.3.1). Portanto, a simpatia mútua decorre da correspondência entre o ritmo, o tom e o tempo dos sentimentos de modo a obter certa harmonia.

A variação do andamento entre as diferentes paixões resulta na facilidade do ser humano, segundo Smith, em simpatizar com a alegria. Esta apresenta um ritmo veloz, o que proporciona um forte envolvimento, pois ela “vêm de uma só vez sobre nós impetuosamente tal uma torrente” (HA, I.6). Por isso, o espectador não encontra dificuldades em simpatizar com pequenos contentamentos. Contudo, não consegue deixar-se levar pela alegria súbita, por causa da dificuldade para acompanhar um ritmo tão rápido e, ainda por cima, violento. O processo oposto ocorre com a tristeza, a qual “vêm devagar e progressivamente, sem nunca atingir de imediato o nível de agonia a ser obtido somente após certo tempo” (HA, I.6). De forma análoga, o sujeito consegue se envolver por dores intensas, mas não as triviais. Devido a essa maior disposição para simpatizar com emoções alegres, o indivíduo alcança imaginar os seus sentimentos nessas circunstâncias com menos esforço do que nos momentos de sofrimento. Por isso, “nossa solidariedade pelas emoções agradáveis, em relação às dolorosas, está mais próxima da vivacidade que é sentida naturalmente pelas pessoas diretamente envolvidas [na situação]” TMS. Há, pois, uma inclinação maior a simpatizar com a alegria no geral e, conclui Smith, “quando não há inveja na circunstância, nossa propensão a simpatizar com a alegria é muito mais forte do que nossa propensão a simpatizar com o sofrimento” (TMS, I.iii.1.5).

A natureza da espécie em simpatizar com a alegria frente à relutância de afeiçoar-se ao sofrimento está no cerne da origem da ambição e da distinção social. Sua consequência é a tendência de o enriquecimento querer ser compartilhado, enquanto o empobrecimento e as dificuldades financeiras serem escondidas da sociedade a todo custo:

É porque a humanidade está mais disposta a simpatizar com nossa alegria do que com nossa dor, que ostentamos nossa riqueza e encobrimos nossa pobreza. Nada é tão mortificante que ser obrigado a expor nossa consternação aos olhos do público, e sentir, apesar de nossa situação estar diante do público, nenhum mortal projeto nem sequer metade de nosso sofrimento. É principalmente pela consideração aos sentimentos da humanidade que perseguimos a fortuna e evitamos a indigência (TMS, I.iii.2.1).

Portanto, a busca pelo enriquecimento, segundo Smith, está fundada mais no desejo de aprovação que na satisfação pelos confortos materiais. Ainda na *Teoria dos Sentimentos* *Morais*, Smith questiona “quais são as vantagens que nós procuramos por meio do grande propósito da vida humana, o qual denominamos [...] de aprimorar nossa condição [bettering our

own condition]?”¹³⁵. E sua resposta é direta: “ser observado, ser atendido, ser notado por simpatia, por complacência e por aprovação, são todas as vantagens que nós procuramos derivar dele [do aprimoramento de nossa condição]” (TMS, I.iii.2.1). Contudo, a consequência desse processo é o acúmulo de riquezas, o qual é compartilhado, ainda que desigualmente, por toda a sociedade. Por isso, embora estejam somente atrás de estima, os indivíduos acabam por promover, de forma não intencional, o aperfeiçoamento do bem-estar de todos os membros da coletividade.

Ao longo desta seção, almejamos mostrar que a motivação do ser humano, conforme a obra de Smith, vincula-se fundamentalmente com o desejo de ser objeto de aprovação devido ao prazer proporcionado pela simpatia mútua. Tal deleite é o principal estímulo que engendra a busca pelo enriquecimento, pela melhora da condição de vida. Contudo, o funcionamento desse mecanismo depende da estruturação hierárquica da sociedade, pois na ausência de uma ordem social não há como os comportamentos adequados serem justamente recompensados.

* * *

2.6. A ordem social

A distinção entre os estratos sociais é, segundo Smith, fundamental para o desenvolvimento da humanidade¹³⁶. Sem tal organização, não haveria estímulo para o acúmulo material, pois o reconhecimento da riqueza é necessário para obter aprovação dos espectadores. Consequentemente, também não existiria a motivação para exercer a prudência¹³⁷, virtude considerada por Smith de suma importância. Por isso, a existência de uma ordem hierárquica baseada em critérios bem definidos, tópico abordado nesta seção, é essencial para o progresso da sociedade.

A maior facilidade do ser humano de simpatizar com a alegria do que com a tristeza, segundo Smith, origina a estratificação da sociedade (TMS, I.iii.2.2). Como visto anteriormente, essa inclinação associa a aprovação à fortuna. Por conseguinte, os portadores desta concentram a atenção dos demais, pois “todos estão ansiosos para contemplá-lo [homem rico], e conceber, ao menos por simpatia, aquela alegria e aquela exuberância naturalmente

¹³⁵ *Better ovr condition* é um termo que aparece em A Riqueza das Nações e é bastante explorado pelos trabalhos de interpretação sobre Smith. Cf. WN, II.iii.28-31 e CAMPBELL; SKINNER, 1976, p. 16

¹³⁶ Alguns trabalhos enfatizam os prejuízos apontados por Smith da distribuição desigual de renda. Por exemplo, Fleischacker (2004, p. 62 - 67) destaca a importância de Smith para o nascimento da concepção de justiça distributiva moderna e McLean (2004) considera Smith como um igualitário radical.

¹³⁷ Segundo Smith, a prudência “de rodas as virtudes, aquela que é mais útil ao indivíduo” (TMS, IV.2.6)., é formada por um superior entendimento “pelo qual podemos discernir as consequências remotas de nossas decisões” (TMS, IV.2.6). e pelo autodomínio, “pelo qual logramos abster de prazer ou suportar dor no presente a fim de obter maior prazer ou menos dor no futuro” (TMS, IV.2.6).

expressas nas circunstâncias em que ele se encontra” (TMS, I.iii.2.1). Embora a admiração pelos estratos mais altos da sociedade não seja fundada na felicidade, de fato, por eles desfrutada, e sim nas circunstâncias que despertam simpatia, ela é suficiente para instituir uma ordem hierárquica.

A estratificação social resulta em uma distribuição de poder dentro da sociedade conforme o grau de riqueza das pessoas. Smith ainda reforça, na *Teoria dos Sentimentos Morais*, a existência da disposição humana a dominar os demais: “o desejo de ser acreditado, o desejo de persuadir, de liderar e de dirigir outras pessoas, parece ser um de nossos desejos naturais mais fortes” (TMS, VII.iv.25). Por conseguinte, os indivíduos, estimulados pela vontade de governar os demais, acabam por empreender seus esforços em buscar fortunas, enquanto não desafiam a estrutura vigente. Dessa maneira, funda-se o princípio de autoridade¹³⁸, pois “nossa obsequiosidade por nossos superiores surge mais frequentemente da admiração por suas circunstâncias que de qualquer expectativa por benefícios de sua boa-vontade” (TMS, I.iii.2.3. Na ausência dessa distribuição dispar de poder, a organização e o funcionamento da sociedade seriam bastante instáveis e ineficientes. Por isso, certa desigualdade de riquezas é fundamental na sustentação da ordem social segundo Smith.

Contudo, para a conformação de uma organização social hierárquica, são necessários os meios para discriminar as distintas camadas sociais. Sem eles, o acúmulo material não teria tanto significado. Consequentemente, não seria causa de tanto estorvo. Tal distinção é fruto das associações feitas pela imaginação dos ricos a certos comportamentos e a posses específicas. Os hábitos das classes mais abastadas estabelecem os objetos que passam a portar as ideias de luxo e refinamento, constituindo a moda (*fashion*) a ser seguida naquela sociedade: “por causa de nossa disposição a admirar, consequentemente a imitar, os ricos e os grandiosos, que eles são capazes de estabelecer, ou de guiar, o que é denominado de moda [*fashion*]” (TMS, I.iii.3.7). Essa identificação resulta dos costumes consolidados pela imaginação, a qual busca por regularidades a fim de apaziguar-se¹³⁹. Por exemplo, no ensaio *Das Artes Imitativas*, o autor enfatiza que os altos custos da tapeçaria a tornam posse exclusiva daqueles com alto poder aquisitivo: a ideia de dispendioso parece geralmente embelezar, assim como de barateza parece

¹³⁸ O princípio de autoridade para Smith é um dos principais na conformação da sociedade civil. Segundo as *Lições de Jurisprudência*, o professor afirma que “riqueza superior contribui mais que as outras qualidades [sabedoria, experiência e força] para conferir autoridade. Esta não provém da dependência que os pobres têm em relação aos ricos, pois no geral os pobres são independentes, e podem manter-se com o próprio trabalho [...]. Este princípio é explicado na Teoria dos Sentimentos Morais, na qual mostramos que ele surge de nossa simpatia com os superiores ser maior” (LJ (B), 12 e 13)

¹³⁹ O conceito de moda é abarcado na quarta seção deste capítulo, assim como sua relação com a atração do ser humano pela ordem. Reisman, por exemplo, ressalta que “Adam Smith via o consumo de bens como uma ação social, uma tentativa de cada indivíduo por adquirir os símbolos necessários para ele ser identificado com seu respectivo status social” (REISMAN, 1976, p.102).

frequentemente tirar o brilho até dos objetos mais agradáveis” (IA, I.13)¹⁴⁰. Por meio de conexões como essa, é possível discriminar as pessoas de acordo com a posição ocupada na pirâmide social¹⁴¹.

A hierarquia social fundamentada na riqueza, segundo Smith, é o principal estímulo para todo o empenho em ascender socialmente¹⁴². Por isso, o reconhecimento da fortuna é tão importante, pois ele fornece as motivações que mantêm o funcionamento do corpo social. Por exemplo, a história do filho do homem pobre, relatada por Smith na quarta parte da *Teoria dos Sentimentos Morais*, mostra como o vislumbre com a acumulação material e a necessidade de aprovação formam a motivação para o enriquecimento. O filho “pensa que a choupana do pai é pequena demais para o acomodar e imagina que estaria confortável se estivesse hospedado num palácio” (TMS, IV.1.8). Não é a necessidade ou a utilidade de uma casa maior, mas a representação de mais comodidade que o leva a perseguir a fortuna, pois “em sua fantasia [do filho do homem pobre], essa vida [de riquezas] parece pertencer a algum ser superior e, para atingi-la, ele devota-se para sempre a perseguir riqueza e honra” (TMS, IV.1.8). A fim de se tornar rico, o filho submete-se a um árduo trabalho durante grande parte da sua vida. Entretanto, ao lograr seu objetivo, ele já se encontra velho e doente, percebendo como o dinheiro pouco serve para aliviar as necessidades do corpo, mas apenas para satisfazer a vaidade da mente humana. Afinal, a satisfação do acúmulo material para Smith em si é bastante desprezível se for considerar todo o ímpeto aplicado no enriquecimento. Portanto, a distinção social é a base da “ilusão que origina e mantém o contínuo movimento da industriiosidade [*industry*] dos seres humanos” (TMS, IV.I.10).

Tal organização hierárquica engendra a busca pela aquisição de fortunas por ser o mecanismo que, na maior parte dos casos, provê a recompensa na proporção dos comportamentos apropriados. De maneira geral, a riqueza para Smith é atingida pelos que empregam a industriiosidade e a frugalidade, qualidades pertencentes à prudência, uma das virtudes mais importantes ao ser humano (TMS, VI.i.5). Portanto, a aprovação não seria nada além da recompensa pelo esforço empregado na obtenção de bens. Todavia, Smith ressalta que a prudência, quando empregada apenas em prol do enriquecimento, não seria tão admirável

¹⁴⁰ Vale ressaltar o exemplo também citado por Smith em *Das Artes Imitativas* de uma mulher, ao entrar em uma assembleia, com um chapéu aparentemente adornado por diversos diamantes. Apenas o sussurro de um joalheiro afirmando que tais joias são falsas é o suficiente para “a dama cair imediatamente em nossa imaginação da posição de princesa para de uma mulher bastante ordinária” (IA, I.13).

¹⁴¹ Smith comenta do caso de homens pobres que tentam manter a aparência de riqueza. Tal atitude só levaria à falência e tornaria a posição deles “ainda mais distante daqueles que admira e imita” (TMS, I.iii.3.7).

¹⁴² Reisman destaca que, na obra de Smith, “a riqueza promove o respeito; o respeito leva ao poder político” (REISMAN, 1976, p.103). Essa afirmação consegue elucidar de maneira bastante sintética a relação entre o desejo por aprovação e o domínio exercido sobre os demais.

quanto a mesma virtude ligada à sabedoria e à justiça¹⁴³. Entretanto, a prática de ambas espécies de prudência não caminha separada entre as camadas baixas e médias da sociedade, pois “o sucesso dessas pessoas [homens nas posições inferiores e medianas da sociedade] quase sempre depende do favor e da boa opinião de seus vizinhos e semelhantes; e sem uma conduta regular tolerável, ele dificilmente pode ser obtido” (TMS, I.iii.3.5). Como os estratos com menor poder aquisitivo compõem a maior parte da população, tal sistema baseado na distinção financeira promove e recompensa, segundo Smith, os comportamentos apropriados na grande maioria das vezes.

Para tal sistema de recompensas funcionar, segundo Smith, deve haver critérios claros de distinção social. Sem regras gerais claras, não é possível que os comportamentos sejam recompensados de maneira apropriada¹⁴⁴, pois ordens incertas geram insegurança quanto ao prêmio (ou à punição) a cada comportamento. Logo, não apenas os indivíduos são desencorajados a praticar a melhor conduta, mas a sociedade como um todo não consegue funcionar como um sistema organizado. Por isso, segundo Smith, “a natureza julgou sabiamente que a distinção entre os estratos, a paz e a ordem da sociedade assentar-se-iam mais seguramente sobre a clara e a palpável diferença de nascimento e fortuna do que sobre a diferença invisível e bastante incerta de sabedoria e virtude” (TMS, VI.ii.1.20). Após a queda do Império Romano, por exemplo, a garantia do território passa a ser essencial para a segurança da Monarquia, fazendo a terra ser fator de diferenciação entre os estratos da sociedade feudal. Essa importância leva à determinação do critério de herança em termos de priorização da primogenitura masculina, e não em torno de algum outro parâmetro passível de ser considerado incerto e de dar margem para disputas, desordem e violência. Contudo, as regras não podem ser impostas arbitrariamente, mas devem corresponder aos sentimentos morais prevalecentes nas circunstâncias específicas da sociedade. Afinal, elas devem ser tais que a prosperidade e a adversidade sejam distribuídas, fora exceções, conforme o comportamento adequado: “a natureza concede a cada virtude e a cada vício a recompensa ou castigo que são os mais adequados para encorajar a primeira e refrear o segundo” (TMS, III.5.9). Esse sistema de compensação se traduz na ascensão ou na queda perante a ordem social. Consequentemente, se esta não for baseada nas nítidas distinções de fortuna, não há a ilusão que conserva o mérito pelo comportamento apropriado e pelo enriquecimento.

Todavia, no capítulo adicionado à primeira parte da sexta edição da *Teoria dos Sentimentos Morais*¹⁴⁵, o autor enfatiza como a distinção pela riqueza também é a principal

¹⁴³ Porém, apesar da estima frente aos sábios e justos, “a presunção e a vaidade daqueles [os ricos] é muito mais admirada que o mérito real e sólida dos últimos [os pobres]” (TMS, I.iii.3.5) para a maior parte das pessoas.

¹⁴⁴ Cf. TMS, III.5.8.

¹⁴⁵ Sobre a corrupção dos sentimentos morais na obra de Smith, ver Rodrigues (2017).

causa da corrupção dos sentimentos morais. Embora não exista uma bifurcação entre as estradas para a prosperidade e para o comportamento virtuoso na maior parte da população, tal cisão está mais presente entre as camadas mais altas da sociedade. Nestas, segundo Smith, “a falsidade e a bajulação frequentemente prevalecem sobre o mérito e a destreza” (TMS, I.iii.3.6). Somado a isso, aqueles em busca de acumulação também podem seguir por meios ilícitos, pois pensam que seus ganhos os isentariam de qualquer punição. Entretanto, Smith ressalta como “apesar da sorte por alcançar a grandeza desejada, eles [os candidatos aos mais altos escalões] ficam sempre miseravelmente desapontados na felicidade que esperam desfrutar dela” (TMS, I.iii.3.8). Em suma, apesar de promover a ilusão que faz girar a máquina social, a admiração pelos ricos também promove certas corrupções morais.

A presença da corrupção moral devido à riqueza enfatiza que o desenvolvimento da sociedade não é realizado de maneira intencional. Cada indivíduo persegue o acúmulo material a fim de ascender socialmente, de forma a ter maior domínio sobre os demais e ser objeto de mais aprovação. Essa organização, segundo Smith, atrai o ser humano por causa de seu complexo arranjo voltado a um fim, e não por este em si. Em outras palavras, ela é aprovada mais pela beleza associada às relações que suas diferentes partes estabelecem de maneira a produzir o progresso da sociedade do que pelo próprio progresso. Ademais, na *Teoria dos Sentimentos Morais*, o autor descreve que a aprovação da estratificação social à aparência da utilidade: “quando consideramos essas ações enquanto parte do sistema de comportamento que tende a promover a felicidade – seja do indivíduo, seja da sociedade –, sua beleza aparenta derivar dessa utilidade, de maneira não muito diferente da beleza que conferimos a qualquer máquina bem arquitetada” (TMS, VII.iii.3.16)¹⁴⁶. Por isso, embora promova as desigualdades política e econômica, tal sistema é aceito em decorrência da sua beleza pelo ajuste de suas partes que promove o aprimoramento da humanidade.

Portanto, a organização em distintos estratos sociais é, segundo Smith, condição para o bom funcionamento da nação. Um corpo social com uma ordem clara e distinta é essencial para a implementação das regras de justiça e dos estímulos necessários para levar ao enriquecimento material da sociedade. Sem essa estrutura não haveria estímulo para o aumento da produtividade e da divisão do trabalho. Em suma, sem a existência de certa estratificação toda comunidade estaria estagnada na etapa de caçadores e jamais chegaria ao estágio da sociedade comercial.

* * *

¹⁴⁶ Dugald Stewart, inclusive, ressalta esse trecho e aponta a harmonia ou beleza da ordem moral como um dos fundamentos que conformam os julgamentos dentro da sociedade (Stewart, II.39).

2.7. O motivo de toda a labuta

A sociedade comercial – etapa de maior desenvolvimento segundo a teoria dos quatro estágios – é caracterizada pela intensa divisão do trabalho e por uma complexa rede de trocas. Basta imaginar o operário da fábrica de alfinetes que adquire os bens essenciais a sua vida – como alimentos e moradia – por meio da troca. A principal causa desse processo é a divisão do trabalho, conforme Smith aponta desde o início de *A Riqueza das Nações* (WN, I.i.1). Ela – e a correlata especialização das atividades – não é um resultado intencional, pois deve-se à interação dos interesses de cunho pessoal. Essa diligência é demarcada pelo acúmulo material, no entanto por motivos mais ligados ao desejo de aprovação e à atração pelo poder do que aos prazeres proporcionados pelas comodidades da vida próspera. Nesta seção resgatamos os tópicos abordados ao longo deste capítulo a fim de explorar o funcionamento do motor para o crescimento econômico da sociedade.

Alguns parágrafos antes de explicar a divisão do trabalho, em suas aulas de jurisprudência, por meio do exemplo da produção de alfinetes, Smith afirma que cada indivíduo é capaz de suprir todas necessidades básicas de alimentação e abrigo a partir do próprio trabalho, sem precisar contar com a ajuda de outros. As exigências do corpo humano podem ser satisfeitas pelo esforço individual, isto é, sem a necessidade de estabelecer trocas nem divisão do trabalho:

No geral, entretanto, as necessidades do homem não são tão grandes que não podem ser supridas pelo trabalho desassistido do indivíduo. As seguintes necessidades todos podem prover para si mesmos: animais e frutas para sua alimentação, e peles para sua vestimenta (LJ (B), 207).

Na *Teoria dos Sentimentos Morais*, Smith é ainda mais enfático sobre a acumulação material não ser consequência das necessidades materiais, pois, ao perguntar “qual o propósito de toda labuta e todo alvoroço desse mundo? qual a finalidade de avareza e ambição, de perseguir riqueza, poder e preeminência? É para suprir as necessidades da natureza?”, sua resposta negativa é direta: “Os salários do mais humilde trabalhador podem supri-las [necessidades da natureza]” (TMS, I.iii.2.1). Portanto, o ímpeto empregado na sobrevivência não é o único fator determinante no aumento da divisão do trabalho e no progresso econômico da sociedade¹⁴⁷.

¹⁴⁷ A subsistência, como mostra Polanyi (2001 [1944], p. 116 -121), adquire mais importância na análise econômica na passagem do século XVIII para o XIX.

O desenvolvimento da humanidade para Smith está atrelado à característica, particular da espécie, de sentir prazer ou dor apenas pela percepção da cor ou da acomodação dos objetos a sua frente. O ser humano dispõe de uma delicadeza – ausente nos outros animais – que ascende a aparência das coisas a objeto de desejo. Smith destaca as distinções de cor, forma, variedade e raridade, além da arte de imitação, como os fatores de deleite ou desgosto para a mente humana¹⁴⁸. Em suma, essa sensibilidade que conforma – via os costumes, a moda e a aparência de utilidade – certos artigos em objetos de desejo.

Logo, a produção das mercadorias está menos relacionada às necessidades de sobrevivência do corpo humano do que com o prazer de desfrutar de itens seja de cor, forma ou variedade mais agradável, seja de maior raridade ou melhor capacidade de imitação¹⁴⁹. As manufaturas para Smith são subservientes aos desejos e aos gostos da imaginação humana, e não somente às imposições do corpo. Embora as exigências de subsistir sejam grandes, os prazeres ligados à mente são essenciais no desenvolvimento econômico: “assim como a delicadeza do corpo humano requer muito mais provisões que qualquer outro animal, a mesma ou ainda maior delicadeza de sua mente requer mais provisões, a qual todas as diferentes indústrias são subservientes” (LJ (B), 208).

No entanto, o principal estímulo para as pessoas adquirirem objetos mais atraentes é o prazer derivado da aprovação dos espectadores ao encontrá-las sob a posse desses artigos. Como visto anteriormente, o maior deleite para o ser humano é a sensação de simpatia mútua. E, devido à maior facilidade de simpatizar com a alegria do que com a tristeza, cada indivíduo procura esconder a pobreza e exibir opulência e fortuna. Por isso, os bens associados à riqueza – seja pela moda, seja por serem custosos – passam a ser itens de desejo de toda a sociedade. Considerando esses aspectos, os indivíduos para Smith, ao empregar capital, procuram aumentar seu grau de aprovação perante os espectadores. Eles buscam produzir mais, promovendo as intensificações da divisão do trabalho e da especialização¹⁵⁰. Portanto, o aumento da produtividade – e também da criação de novas manufaturas – está associado à satisfação da mente humana por contemplar objetos considerados belos e agradáveis.

Por outro lado, antes do prazer da aprovação, a produção para além do necessário à sobrevivência é motivada pelo desejo do ser humano de exercer poder sobre os demais¹⁵¹. Ela provê bens que podem ser meios de convencer os demais membros da comunidade a agir

¹⁴⁸ Suzuki (2014, p. 277 e 278) e Jaffro (2000, p. 25 e 40) ressaltam que tais fatores já estavam presentes na análise estética de Hutcheson.

¹⁴⁹ Reisman (1976, p.106) argumenta que, segundo Smith, a sociedade teria saído da situação de precisar garantir sua sobrevivência para desejar objetos culturalmente significativos. Esse movimento corresponderia a passagem da sobrevivência física para a sobrevivência social. Cf. LJ (A), vi. 16.

¹⁵⁰ O tema da especialização é explorado na seção *A sociedade das trocas* do primeiro capítulo.

¹⁵¹ Cf. TMS, VII.iv.24

conforme a inclinação de seu dono. Segundo as *Lições de Jurisprudência*, Smith afirma que “a verdadeira fundação dela [da diferenciação de talentos] é o princípio por persuadir, o qual prevalece tanto na natureza humana” (LJ (B), 221). Por exemplo, a geração de excedente nos primeiros estágios da sociedade, segundo Smith, advém da vontade de convencer outrem por meio da barganha (WN, I.ii.2). Cada indivíduo, nessa perspectiva, especializa-se em determinada manufatura a fim de conseguir obter maior número de recursos para utilizar enquanto método de persuasão. Já na sociedade comercial, os ricos investem capital a fim de ter maior capacidade de comandar trabalho alheio¹⁵². Ou seja, a atração pelo domínio é o que primeiro impele o ser humano a produzir para além do próprio consumo.

O deleite tanto pela aprovação quanto pela dominação são fatores ligados ao estabelecimento da estratificação social. Esta permite a identificação da posição e até mesmo da ocupação social de cada indivíduo. A diferenciação para Smith é fundamental para que todos possam saber quais tarefas são cabíveis a cada pessoa. Desse modo, a própria sociedade consegue verificar se seus membros estão exercendo adequadamente o comportamento e as funções que lhes pertencem, pois – devido aos costumes e à moda – “esperamos para cada posição social e profissão, um grau de modos que, segundo a experiência nos ensina, pertencem a elas” (TMS, V.2.4)¹⁵³. Por causa das vantagens dessa discriminação, a organização estratificada propicia o bom funcionamento da máquina social ao criar mecanismos de reconhecer as diferenciações entre suas partes. Ela provê as condições para o processo de complexificação da sociedade e intensificação da divisão do trabalho. Sem uma ordem organizada segundo Smith, não haveria meios de estabelecer certa harmonia entre os distintos membros do corpo social.

Apesar de Smith enfatizar como a ambição por riquezas tem motivações bastante supérfluas¹⁵⁴, a consequência desse mecanismo é a opulência de toda a nação¹⁵⁵. Por isso, os desejos mesquinhos pela fortuna acabam por serem confundidos pela “imaginação com o movimento organizado, regular e harmônico do sistema, da máquina e da economia [*æconomy*]

¹⁵² A importância da barganha na divisão do trabalho é tópico das seções *A sociedade das trocas* e *A medida das trocas*, pertencente ao primeiro e ao terceiro capítulo, respectivamente.

¹⁵³ Swearingner (2013, p. 167) ressalta que Smith também perpassa pela importância da adequação de estilo e escrita a cada pessoa nas *Lições de Retórica e Belas letras*. Cf. LRBL, 1.137

¹⁵⁴ “[...] embora o único objetivo que os [os ricos] leva a empregar os trabalhos de muitos seja satisfazer seus próprios desejos vãos e insaciáveis, eles dividem com os pobres o produto de todas os seus aprimoramentos” (TMS, IV.1.10).

¹⁵⁵ É interessante pensar que, enquanto as manufaturas são bens desprezíveis e supérfluos, o acúmulo delas fornece opulência e comodidade para a sociedade. Levando em consideração esses elementos, levantamos a questão: por que, segundo Smith, a ilusão da ordem social compensaria se seu resultado fosse a produção de vários objetos desnecessários? Infelizmente, devido a complexidade do problema, não tivemos condições de nos aprofundarmos nesse interessante tópico.

produzidas por esses meios” (TMS, IV.1.9)¹⁵⁶. Ademais, Smith avalia tal dispositivo como, no geral, vantajoso, pois é essa ilusão que “impeliu [a humanidade] a cultivar o solo, a construir casas, a fundar cidades e comunidades, e a inventar e a aperfeiçoar todas as ciências e as artes, as quais enobrecem e embelezam a vida humana” (TMS, IV.1.10)¹⁵⁷.

Portanto, a intensificação da divisão do trabalho – principal causa do acúmulo material da nação – depende da sensibilidade humana por apreender regularidades. Essa delicadeza permite certos artigos tornarem-se objetos de desejo. Ela também proporciona a organização harmônica da sociedade, pois cada indivíduo almeja adequar suas ações em relação ao ritmo dos demais. Seguindo essa interpretação, a busca por melhorar de condição de vida (*better our own condition*) pode ser interpretada como a procura por manter o ritmo imposto pelo conjunto da orquestra, pois “essas afeições, essa harmonia e esse comércio – sentidos não apenas pelos mais sensíveis e delicados, mas também pela parte mais vulgar da humanidade – são mais importantes para a felicidade que qualquer outra utilidade que se poderia derivar deles” (TMS, I.ii.4.2).

* * *

2.8. Considerações sobre o capítulo

A divisão do trabalho é, segundo a obra de Smith, mobilizada pela beleza da ordem. Os indivíduos são estimulados pelo deleite propiciado pelos arranjos tanto da hierarquia social quanto de objetos. Afinal, “os prazeres de fortuna e grandeza, quando considerados desse ponto de vista complexo, chocam a imaginação como se fossem uma coisa imponente, bela e nobre, e obtê-la vale todo o trabalho e a ansiedade que estamos tão aptos a aplicar” (TMS, IV.1.9). É este deleite de cunho estético que acaba por mobilizar o empenho individual empregado no progresso da humanidade.

Para o êxito dessa mobilização, é necessária uma disposição bem estabelecida dos estratos sociais para se ter referência sobre quais objetos e costumes são valorizados. De forma análoga, sem certa regularidade, também não seria possível se localizar dentro de uma música.

¹⁵⁶ Robert Mitchell enfatiza que existe duas formas de o amor ao sistema ser manifestado. A primeira é a ilusão que faz os indivíduos confundirem fins com os meios e promove a opulência da nação. Já a segunda seria o caso do soberano que busca reproduzir um sistema na sociedade e acaba por prejudicar a sociedade (MITCHELL, 2006, p. 62 e 63)

¹⁵⁷ Esse trecho se assemelha muito a uma parte do *Discurso sobre a Origem da Desigualdade* de Rousseau, também traduzido por Smith na carta para a *Edinburgh Review* (*Edinburgh Review*, 13). Os editores da edição da *Teoria dos Sentimentos Morais* da *Glasgow Edition*, Raphael e Macfie, a partir de uma sugestão de H.B. Acton, defendem que Smith estaria, provavelmente, contestando a opinião de Rousseau, pois a continuação do trecho é muito diferente no *Segundo Discurso* (ROUSSEAU, 1973, p. 271) e na *Teoria dos Sentimentos Morais* (TMS, IV.1.10, n.5). Ambos filósofos reconhecem o processo civilizatório, mas enquanto um enfatiza as vantagens dele, o outro destaca seus maiores prejuízos.

Em ambos os casos, segundo Smith, é um padrão de medida que expressa uma organização: ora o tempo, ora a riqueza. Devido a esses critérios de distinção, os mecanismos de recompensa funcionam melhor em sociedades claramente organizadas. Isso ocorre por causa do estabelecimento de um padrão bem definido que possibilita a distribuição de poder e riqueza conforme, ao menos de maneira geral, o mérito de cada pessoa segundo os juízos prevalecentes naquela coletividade.

Os julgamentos são fundados no mecanismo de simpatia, de se solidarizar com as paixões de outras pessoas. Um indivíduo apenas consegue simpatizar quando seu sentimento apresenta o mesmo ritmo que a emoção de um terceiro. Essa correspondência produz uma harmonia social, pois todos os membros da sociedade procuram se adequar ao que imaginam, por meio da contínua observação, ser o ritmo dos demais. Portanto, por causa dessa busca, a ordem social funciona e pode ser, inclusive, contemplada como se fosse uma música.

De maneira similar, os princípios da moda, dos costumes e da aparência da utilidade operam na imaginação humana compondo o julgamento dentro do campo da estética. Embora a percepção de regularidades seja uma sensação individual, as conexões estabelecidas sofrem a influência das relações sociais. Por exemplo, um objeto de desejo é almejado por ser utilizado por alguém de alta posição social. E os artigos com arranjos mais elaborados ou mais caros são geralmente associados aos ricos. Os critérios estéticos, portanto, são moldados conforme as regularidades presentes na sociedade. Logo, o prazer ligado às manufaturas deriva muito mais de uma construção social do que do próprio desfrutar delas.

Nessa perspectiva, o estabelecimento da ordem, segundo Smith, é prazerosa para além da utilidade. A busca por uma organização que explique de forma simples e coerente as manifestações da natureza acarreta tanto prazer na mente humana ao ponto de estimular a criação dos mais diversos sistemas astronômicos. A regularidade dos sons no desenvolvimento da linguagem não está atrelada ao significado da frase, mas do deleite estético ligado a essa organização. O próprio arranjo de objetos, seja de palavras seja de manufaturas, atrai ou repele o gosto do ser humano. Considerando esses aspectos, é possível interpretar que a subsistência na obra de Smith ocupa um lugar muito restrito no âmbito das decisões humanas.

O progresso para Adam Smith é, portanto, fundado em representações construídas socialmente. A linguagem, as artes e o conhecimento se desenvolvem pela inclinação humana a sistematizar as representações da natureza, pois uma ordem que torna claro o aparente caos da natureza é, antes de útil, bela e prazerosa. Se não fosse tal deleite, dificilmente tanto esforço seria colocado na construção de sistemas astronômicos. E é esse próprio processo que proporciona regozijo, e não seus resultados. Da mesma forma, se não houvesse uma estrutura social hierárquica ou se a simpatia pelo sofrimento fosse maior que pela alegria, as pessoas não

trabalhariam tão arduamente para enriquecer. A concepção de progresso, pois, na obra de Smith evidencia o quanto o acúmulo material é fruto das construções sociais, mais do que um ímpeto da natureza humana.

Capítulo 3 - Do progresso dos sistemas

Para examinar o progresso da humanidade, é necessário olhar para as diversas manifestações e extrair o que é comum entre elas. Esse método – utilizado por Smith e outros filósofos escoceses, em especial John Millar, Lord Kames e Adam Ferguson – tem o propósito de criar, a partir de observações, um sistema capaz de organizar uma multiplicidade de fenômenos apresentados pela Natureza, baseando-se no próprio funcionamento da mente humana¹⁵⁸. É voltado para as análises de filosofia moral, embora tenha sido bastante influenciado por modelos de filosofia natural, como de Isaac Newton, Francis Bacon e Conde de Buffon¹⁵⁹. Ademais, ele fornece fundamentos para a consolidação das que virão a ser chamadas de ciências humanas. Nesse capítulo, almejamos explorar como a noção de um sistema simples e geral está presente ao longo da obra de Smith.

Para tanto, examinamos, em primeiro lugar, a investigação sobre as formas de composição contida nas anotações das aulas de retórica e belas letras ministradas por Smith. Com base nesse registro, vemos a maneira como Smith compreende a elaboração de um texto voltado para a ciência¹⁶⁰, isto é, uma composição didática. Esta forma de composição distancia-se da narrativa histórica e aproxima-se da constituição de um sistema. Ao perceber que os trabalhos de Smith sobre o progresso das instituições sociais têm os mesmos moldes da composição didática, é possível ressaltar seu caráter filosófico – ou, científico.

Em seguida, partimos do ensaio *Considerações sobre a primeira formação das línguas*, excelente exemplo do emprego da composição didática, a fim de investigar as fortes relações estabelecidas por Smith entre a construção do conhecimento e o progresso das línguas. Pelo ensaio, nota-se que o entendimento humano está ancorado na linguagem. Essa relação abre espaço para um debate acerca do grau de subjetividade dos modelos segundo a epistemologia apresentada por Smith. E, por fim, observa-se que a investigação sobre a linguagem faz parte do projeto de pesquisar os mecanismos da mente humana para compreender as transformações ao longo do progresso da humanidade.

A terceira parte do capítulo, com ênfase em três ensaios de Smith publicados postumamente em 1795 – *História da Astronomia*, *História da Metafísica* e *História da Física*

¹⁵⁸ Essa ênfase também está presente na descrição que John Millar, segundo Dugald Stewart, faz das aulas de Smith de apresentar uma “visão geral dos poderes da mente” (Stewart, I.16).

¹⁵⁹ Por exemplo, na carta para a revista *Edinburgh Review*, publicada em 1756, Smith cita a Enciclopédia como fonte das ideias de Bacon, Boyle e Newton, e cita a importância do pensamento dos naturalistas Buffon e Daubenton (*Edinburgh Review*, 5 e 6).

¹⁶⁰ Os termos ciência e filosofia aparecem como sinônimos na maior parte dos escritos de Smith. Vale ressaltar que a ciência ainda é bastante abrangente no século XVIII, sem apresentar divisões como ciência econômica. Christopher Berry, por exemplo, cita a variedade de estudos empreendida pela *Glasgow Literary Society* e afirma como: “é uma característica significativa do período que a ‘ciência’ não existia em algum compartimento intelectual separado, mas permeava a cultura política (polite) e literária” (BERRY, 2006, p. 115, tradução nossa).

–, mostra que a constituição da ciência é feita com base na elaboração de sistemas. Os indivíduos partem de elementos familiares, criando combinações e conexões entre eles, para compreender o desconhecido. Esse movimento também corresponde ao método por trás das investigações de Smith sobre o progresso. Elas são voltadas para o estudo das regras gerais, dos princípios imanentes de cada espécie, sendo bastante influenciadas pelos modelos de Filosofia Natural. Não é por acaso que Smith escreva sobre os princípios da construção de modelos da astronomia e da física (áreas que pertencem à Filosofia Natural). Os três ensaios ajudam-nos a analisar que as investigações de Smith são voltadas para a ciência e baseadas no próprio funcionamento da mente humana.

Tendo já mostrado os principais aspectos metodológicos da obra de Smith, a quarta parte almeja examinar como essa abordagem é empregada na análise do acúmulo de capital contida principalmente no Livro III de *A Riqueza das Nações*. Esse livro contém diversas passagens que discorrem sobre o progresso da Europa após a queda do Império Romano, sendo considerado por alguns intérpretes enquanto um trabalho de história¹⁶¹. Entretanto, ao voltar-se para os ensaios de cunho mais epistemológico, é evidente que a proposta de elaborar um sistema é predominante no texto e a principal finalidade dessas passagens é avaliar a adequação das instituições à luz dos mecanismos gerais do movimento do capital.

Por último, buscamos mostrar que a noção de trabalho como medida de riqueza, exposta em *A Riqueza das Nações*, é a proposta de um princípio mais geral e simples para compreender o acúmulo material nas mais diferentes nações. Essa formulação segue os moldes da composição didática e das referências ao modelo de Newton. Também destacamos a relação entre o trabalho como medida de riqueza e a propensão à troca. Ao observar as trocas de mercadorias, enfatizamos a importância da comunicação e da persuasão na formação do valor com base no trabalho. Em suma, analisamos as investigações de Smith enquanto a elaboração de um sistema de princípios, e não de regras particulares.

3.1 A composição didática

A análise de Smith sobre o progresso não apresenta o objetivo de contar uma narrativa, e sim de destacar as regularidades existentes ao longo do progresso da sociedade. Essa proposta corresponde à história natural (ou conjectural) da humanidade. Apesar de seus textos serem permeados de exemplos históricos, Smith não é propriamente um historiador, segundo John Pocock (2006, p. 270), pois não escreve nenhum trabalho propriamente de "História". Obras

¹⁶¹ Cf. CAMPBELL & SKINNER, 1981 [1976], p. 55; BERRY, 1997, p. 54 e 55.

como *A História da Inglaterra* de David Hume, *A História do Progresso e Término da República Romana* de Adam Ferguson e *A História do Declínio e Queda do Império Romano* de Edward Gibbon são importantes exemplos de trabalhos de cunho histórico no século XVIII¹⁶². Seguindo as reflexões apresentadas pelo próprio Smith nas anotações de suas *Lições de Retórica e Belas Letras*¹⁶³, podemos compreender a formulação da proposta de constituir um sistema dos princípios que organizam as múltiplas interações humanas.

Embora Smith não escreva uma obra de caráter histórico – no sentido como o próprio autor compreende a noção de História –, a arte de fazer História é um objeto relevante das análises contidas nos registros disponíveis das aulas de retórica¹⁶⁴. Nelas, a diferenciação entre as artes da história e da ciência torna-se evidente pela investigação sobre as três possíveis formas de composição – narrativa, didática e retórica¹⁶⁵ –, destacando-se a função com maior expressão em cada uma. A descrição é o princípio preponderante nas composições narrativas, enquanto provar proposições prevalece nas didáticas e retóricas. Estas, por sua vez, são diferenciadas pelo preavalecimento da instrução na primeira e da persuasão na segunda (LRBL, i. 149). Como a arte de fazer história é expressa pela composição narrativa, enquanto a ciência é associada à composição didática, é possível explorar como história e ciência relacionam-se dentro da obra de Smith.

A História, enquanto uma produção humana, não deixa de ser um objeto passível de ser estudado pelas investigações de Filosofia Moral empreendidas durante a segunda metade do século XVIII. Nesse contexto, Smith contribui no debate sobre historiografia ou teoria da história, conforme ressalta Phillips (2006, p. 71 e 72), ao colocar a própria História como narrativa e retirar aspectos retóricos e didáticos dela. A História tem o desígnio, segundo Smith, não de provar ou convencer, e sim de descrever uma cadeia de acontecimentos. Não lhe cabe verificar ou provar a veracidade dos fatos, mas apenas narrar os acontecimentos e apontar suas causas de maneira a realizar uma narrativa com o mínimo grau de interrupções (LRBL, ii.13 e 14). Logo, ela é voltada para o encadeamento de acontecimentos particulares, pois estabelece

¹⁶² Exemplos utilizados por Pocock (2006, p. 270), mas também poderíamos citar outros, como as obras *A História da América* e *A História da Escócia* de William Robertson. Cf. PIMENTA, 2017.

¹⁶³ Smith foi convidado a lecionar aulas de retórica logo após sua graduação, em 1746, pela iniciativa de Lord Kames, James Oswald e Robert Craigie (BEVILACQUA, 1965, p. 41), dando início às aulas em 1748 (BRYCE, 1983, p. 1-4; BEVILACQUA, 1965, p. 42). Como Smith mandou queimar todos os seus manuscritos antes de sua morte, as únicas anotações sistematizadas disponíveis dessas aulas – escritas provavelmente por algum aluno – são dois volumes descobertos por John M. Lothian. Este, em 1961, anunciou a descoberta de dois manuscritos encontrados na aquisição da compra de um acervo de livros de uma mansão de Aberdeenshire (BRYCE, 1983, p. 1-4).

¹⁶⁴ Os registros se referem às aulas dos anos de 1762 e 1763. Tais anotações podem ser divididas em duas seções: a primeira (da 2ª até a 11ª aula) contendo os estudos tanto de linguagem e expressão quanto de caráter e estilo, a segunda (da 12ª aula em diante) concentrando-se na análise sobre as formas de composição (BRYCE, 1983, p. 12 e 13). As anotações que temos registro vão até a 30ª aula, mas não há anotações da primeira aula. É principalmente entre as 12ª e 21ª aulas que Smith foca em temas acerca da composição narrativa.

¹⁶⁵ A composição retórica pode ser subdividida entre demonstrativa, deliberativa e judiciária (LRBL, ii.97).

conexões entre eventos singulares ocorridos em um momento específico do tempo, e não apresenta uma aspiração de estabelecer relações universais. É interessante destacar que a composição narrativa não é composta apenas por trabalhos históricos, incluindo a poesia e o romance desde que o princípio de descrição seja predominante¹⁶⁶. Inclusive, há uma forte aproximação para Smith entre a arte de fazer História e de escrever romances, pois ambos se concentram na ligação de acontecimentos, com a diferença do primeiro basear-se em fatos verdadeiros, enquanto o segundo, na ficção (LRBL, ii.17 e 18). Essa aproximação demonstra a ênfase colocada na arte de narrar e no esforço de conectar os acontecimentos nas composições narrativas e não no estabelecimento de relações gerais¹⁶⁷.

Já temos elementos para compreender que a concepção de história na obra de Adam Smith apresenta certa delimitação. Esta acaba por não englobar, por exemplo, as análises empreendidas – abordadas no primeiro capítulo desta dissertação – por meio da teoria dos quatro estágios. Embora autores como Ferguson e Kames utilizem a expressão “história natural da humanidade” e Stewart cunhe o termo história conjectural, Smith parece vincular seus estudos sobre o progresso à filosofia – ou, ciência. Independente dessa classificação, sua análise das composições permite distinguir as investigações com a finalidade de encontrar regras gerais daquelas com o objetivo de narrar uma história particular¹⁶⁸. Dentro dessa perspectiva, Smith destaca o caráter instrutivo de estudos comparativos entre diferentes sociedades para procurar entender a espécie humana.

Tal ênfase em investigar regras universais é encontrada nas duas principais obras de Smith, assim como outros ensaios. Já no plano da obra, logo no início de *A Riqueza das Nações*, apresentam-se os princípios basilares relacionados à geração de riqueza – os efeitos da divisão do trabalho, destreza, habilidade e bom senso, e a proporção entre pessoas que trabalham e não – para “qualquer seja o solo, clima, ou a extensão do território” (WN, I.3). O trecho ilustra o foco no exame de princípios gerais válidos para distintas circunstâncias. Ao identificar nos escritos de Smith tal pretensão, é possível classificá-las como composições didáticas, pois buscar provar proposições com a finalidade de instrução caracteriza essas formas de escrita (LRBL, i.149-150).

¹⁶⁶ Cerqueira (2006, p. 674), por exemplo, apresenta uma divisão das formas de composição em quatro classificações: narrativa, didática, retórica e poética. Entretanto, concordando com a interpretação proposta de Amrozowicz (2013, p. 146), na qual a poesia para Smith é uma composição narrativa.

¹⁶⁷ Uma composição, segundo Smith, não é demarcada pela sua forma, mas por sua função principal em relação aos próprios indivíduos, como instrução, narração ou convencimento.

¹⁶⁸ É possível interpretar como tal noção de história corresponderia ao emprego de História Moderna por Rousseau no *Emílio* (ROUSSEAU, 1995, p. 213-216; SOUZA, 2001, p.55). Os principais exemplos de historiadores modernos para Smith seriam os italianos Maquiavel e Guicciardini, e os ingleses Clarendon e Burnet (LRBL, ii.60-73). Rousseau parece fazer alusão ao mesmo grupo quando critica a História Moderna por esta não apresentar um caráter instrutivo sobre a conduta humana (ROUSSEAU, 1995, p. 214 e p. 215).

As afirmações presentes nas anotações de *Lições sobre Retórica e Belas Letras* sobre a adequação do modo didático ao ensino e às investigações filosóficas é uma forte evidência para supor que Smith fez seu uso ao longo de suas aulas e suas obras¹⁶⁹. Segundo Smith, a composição didática é a mais adequada para a instrução e para a prática da ciência. Suas “[...] divisões e subdivisões são muito úteis [...] inclusive naqueles escritos em que o propósito é proporcionar um sistema de alguma ciência, como a Filosofia Natural” (LRBL, ii.131). Portanto, apesar de terem muitos recursos narrativos como instrumento argumentativo, os textos de Smith apresentam forte caráter instrutivo e são voltados para a produção de conhecimento sistemático, podendo ser classificado enquanto composições didáticas.

Considerar a obra de Smith como uma composição didática não significa a ausência de história. Apesar de provar proposições ser a característica predominante das composições didática e retórica, aspectos narrativos também costumam estar presentes nelas. Ademais, a análise de fatos históricos é primordial para a elaboração de um sistema empírico. Nosso argumento não é, portanto, a ausência de história, e sim que o desígnio das investigações de Smith é construir relações de caráter universal, para as quais a história serve como um importante instrumento. A partir dessa interpretação, a narrativa de Smith sobre o comércio e agricultura na Europa após a queda do Império Romano realizada no *Livro III* de *A Riqueza das Nações*, por exemplo, estaria subordinada à investigação dos princípios que levaria ao “diferente progresso da opulência em diferentes nações” (WN, III)¹⁷⁰.

A descrição sobre as composições didáticas traz aspectos importantes sobre o método utilizado por Smith ao longo de suas obras. Em *Lições sobre Retórica e Belas Letras*, elencam-se duas maneiras de elaborar uma composição didática: a formulação de um ou poucos princípios pelos quais se explica diversos fenômenos ou a enumeração de diversos objetos a serem explicados por diferentes princípios (LRBL, ii.134). Smith considera o primeiro mais apropriado para a prática filosófica, o que nos leva a imaginar ter sido empregado ao longo de suas obras. Ao voltarmos-nos para estas, tal intuição parece ser confirmada, pois o princípio da simpatia é exposto no início de *a Teoria dos Sentimentos Morais*, enquanto a divisão do trabalho e a propensão à troca são apresentadas nos primeiros dois capítulos de *A Riqueza das Nações*¹⁷¹.

¹⁶⁹ Adam Smith foi um professor desde 1748, na Universidade de Edimburgo, até 1763, em Glasgow e, ao colocar a composição didática como a mais adequada para a instrução, é muito provável que a tenha utilizado ao longo de suas aulas. Além disso, deve-se ressaltar como Smith era reconhecido por suas aulas, inclusive, o relato de John Millar segundo Dugald Stewart afirma como “Não havia nenhuma situação na qual as habilidades do Sr. Smith tivessem maior vantagem que como Professor (Stewart, I.21). Cf. Stewart, III.6; BELIVACQUA, 1965, p. 41 e 42.

¹⁷⁰ *Do diferente progresso da opulência em diferentes nações* (*Of the different progress of opulence in different nations*) é o título do terceiro livro de *A Riqueza das Nações*, no qual Smith descreve a história da agricultura e do comércio na Europa após a queda do Império Romano. Cf. WN, III.

¹⁷¹ Campbell (1981, p. 29-33) menciona a associação entre *a Teoria dos Sentimentos Morais* e o método de composição didática.

Nesse sentido, Smith parece buscar formular um ou poucos princípios e, a partir deles, explicar os mais diversos fenômenos. A própria investigação sobre os modos de composição inicia-se com a formulação de dois princípios: o de narrar e o de provar proposições, isto é, a própria composição didática é utilizada por Smith para explicar as diferenças entre os distintos tipos de composição.

A ênfase por começar pela exposição de princípios está atrelada à elaboração de um sistema simples, o qual logre organizar um conjunto de representações da natureza pelo menor número de mecanismos possível. A simplicidade de um sistema, de acordo com Smith, agrada e convence a mente humana, pois torna-se mais fácil estabelecer uma associação entre os diversos fenômenos. Por exemplo, o sistema de Newton para Smith apresenta alto grau de poder explicativo das observações astronômicas, pois a gravidade é um princípio simples com capacidade de conectar os mais variados movimentos dos astros, tornando-se mais simples a conexão entre eles (HA, IV. 67)¹⁷². Ainda nas anotações das *Lições sobre Retórica e Belas Letras*, o método didático que começa pela enumeração de princípios – considerado o mais adequado por Smith – é equiparado ao newtoniano: "esse método, que podemos chamar de newtoniano, é sem dúvida o mais filosófico, e quando empregado a qualquer ciência, seja da filosofia moral seja da filosofia natural, é muito mais inventivo, e por essa razão é mais fascinante que o outro" (LRBL, ii.134). Logo, Smith avalia a composição didática com base em poucos princípios baseada, ao seu ver, no método newtoniano como "sem dúvida o melhor em todas as matérias da ciência [...]" (LRBL, ii.135)¹⁷³.

A elaboração de um sistema, como proposta por Smith, pode ser associada a certo objeto – as propriedades comuns entre as mais diversas representações singulares da natureza – e uma forma – a composição didática. Entretanto, os textos de Smith não apresentam tal divisão: forma e objeto aparecem como partes indissociáveis de um todo. Cada atividade – seja instruir, narrar ou convencer – apresenta uma estética específica como parte constituinte de seu fazer. Consequentemente, se as obras de Smith expõem um sistema, elas são composições didáticas, nos termos descritos nas *Lições de Retórica e Belas Letras*. Apesar das diversas descrições de relatos históricos, as investigações de Smith não apresentam um caráter histórico – no sentido atribuído pelo próprio autor – tanto a partir da perspectiva do objeto quanto da forma.

¹⁷² Smith faz diversos elogios à beleza e simplicidade do modelo newtoniano. Cf. HA, IV.67 e LRBL, ii. 133.

¹⁷³ Não vamos entrar no mérito se o método utilizado por Newton realmente correspondente a uma composição didática. Apenas ressaltamos que Smith avaliava o sistema de Newton como tal. As relações entre os métodos de Smith e Newton fazem parte de um amplo debate, o qual não será possível explorar nessa dissertação devidamente. Para uma melhor apreciação sobre o assunto, cf. MONTES, 2006 e 2013, BERRY, 2006; REDMAN, 1993 e CERQUEIRA 2006. Nessa dissertação vamos buscar nos concentrarmos apenas na compreensão de Smith do modelo newtoniano, e não na análise da própria obra de Isaac Newton.

Independente de enquadrar os estudos de caráter universal enquanto história ou não, Smith contribui para a formulação de um novo método para examinar o progresso (ou a história natural) da humanidade. A partir da comparação entre os diferentes desenvolvimentos de cada sociedade, é possível estabelecer certas regularidades que podem mostrar os mecanismos das transformações sociais ao longo do tempo. Portanto, ao realizar uma análise sistemática do progresso, Smith acaba por elaborar uma nova forma de compreender a sociedade. Tal maneira consiste em buscar um ponto de vista que consiga ir além dos costumes e da moral prevalecente em cada lugar, não diferindo muito do olhar do espectador imparcial presente na *Teoria dos Sentimentos Morais* (TMS, II.ii.2.4). Essa perspectiva imparcial é um dos fundamentos para a consolidação das ciências humanas enquanto produção de conhecimento autônoma de valores.

Portanto, a obra de Smith pode ser interpretada enquanto uma composição didática com um forte caráter de instrução. Ela acaba por proporcionar um método para estudar a sociedade de maneira geral, e não particular. Tal forma de composição é análoga à maneira pela qual os seres humanos produzem conhecimento: por meio da construção de sistemas com certo grau de abstração e com capacidade de conectar diversos fenômenos. Todavia, tal processo para Smith está fortemente ancorado na linguagem, pois tanto a própria formação de um signo corresponde a um sistema, quanto o aprimoramento da faculdade de abstração está vinculado ao desenvolvimento da língua¹⁷⁴. Nesse contexto, o ensaio *Considerações* pertence a um estudo mais geral da produção de conhecimento pela mente humana e, por isso, pode nos fornecer importantes elementos sobre o método empregado por Smith.

* * *

3.2. O método para investigar as línguas

Os estudos sobre linguagem, principalmente contidos em *Considerações*, podem trazer importantes elementos para compreender os aspectos metodológicos da obra de Smith¹⁷⁵. Primeiramente, *Considerações* é um exemplo de composição didática, pois abrange a investigação dos princípios gerais da linguagem, de forma a criar um sistema. Em segundo lugar, o modelo de desenvolvimento das línguas apresentado por Smith é análogo à própria formação do conhecimento. Nessa interpretação, um signo de caráter geral corresponde aos princípios do modelo filosófico. Por último, se levarmos tal leitura adiante, é possível olhar para a construção de conhecimentos enquanto processo contínuo de formação da linguagem.

¹⁷⁴ Esse segundo argumento é trabalhado no primeiro capítulo dessa dissertação.

¹⁷⁵ Degald Stewart aponta a importância do ensaio para compreender o tipo de investigação utilizada por Smith (Stewart, II.44). Intérpretes mais recentes, como Dascal (2006, p. 80), também enfatizam a importância da linguagem para apreciar o modelo epistemológico de Smith.

Nas próximas páginas, pretendemos examinar, com ênfase no ensaio *Considerações sobre a primeira formação das línguas*, os três tópicos mencionados a fim de ter mais componentes para examinar o método empregado por Smith nas investigações sobre o progresso das instituições sociais.

O pequeno ensaio incluso na terceira edição da *Teoria dos Sentimentos Morais* discorre sobre o uso da língua ao analisar os mecanismos imanentes no processo de construção dos signos. Tal pesquisa envolve a necessidade de encontrar a essência comum a todas as línguas, procurar as semelhanças entre as diversas formas de comunicação. Com bases em exemplos históricos e observações do comportamento humano, Smith investiga os princípios gerais de formação da linguagem a fim de promover um bom uso da fala e da escrita¹⁷⁶ – de maneira geral, da comunicação –, pois uma boa gramática deve se atentar aos mecanismos intrínsecos à construção das línguas. Essa relação pode ser percebida na única nota de rodapé de *Considerações*¹⁷⁷, na qual há uma crítica ao gramático Sanctius¹⁷⁸ por atrelar um sujeito aos verbos impessoais e não respeitar as propriedades da linguagem (*Considerações*, 30). O argumento principal dessa crítica não é se os verbos impessoais devem ou não ter um sujeito – uma questão de *Gramática particular* – e sim que as regras gramaticais de cada língua podem tornar-se inadequadas sem a devida atenção aos mecanismos de funcionamento da linguagem – objeto da *Gramática geral* – seguindo a classificação de Nicolas Beauzée¹⁷⁹. Este, em seu verbete *Gramática* escrito para a *Enciclopédia*¹⁸⁰, denomina o estudo com foco nos mecanismos imanentes à linguagem de *Gramática geral*, a qual é uma “ciência, pois seu objetivo se resume à especulação razoada dos princípios imutáveis e gerais da fala” (BEAUZÉE, 2015, p. 331). A *Gramática geral* se contrapõe à *Gramática particular*, “uma arte, pois considera a aplicação

¹⁷⁶ Lord Kames exerceu um importante papel de incentivar os estudos voltados para retórica, a fim de aprimorar o uso do inglês na Escócia. Inclusive, ele promoveu as aulas de Smith na Universidade de Edimburgo. Cf. BELIVACQUA, 1965, p. 41 e 42; BRYCE, 1985 [1983], p. 8 e *Stewart*, I.12.

¹⁷⁷ Segue a nota de rodapé: "Como a maior parte dos verbos expressam, atualmente, não um evento, mas o atributo de um evento. Consequentemente, ela requer um sujeito ou um caso para completar seu sentido. Alguns gramáticos, por não atentarem a esse progresso da natureza e por desejarem tornar suas regras comuns universais, e sem qualquer exceção, insistiram que todos os verbos demandassem um nominativo, seja expresso seja subentendido e torturaram-se para encontrar estranhos nominativos para aqueles poucos verbos, os quais expressam um evento completo e claramente não admitem nenhum caso nominativo. *Pluit*, por exemplo, segundo Sanctius, significa *pluvial pluit*: a chuva chove" (*Considerações*, 30).

¹⁷⁸ Sanctius (1523 – 1600), nascido na Espanha com o nome de Francisco Sánches de la Brozas, foi um importante gramático, sendo relacionado com a escola de Port Royal. Sobre Sanctius, cf. BREVA-CLARAMONTE, M. Sanctius Theory of Language – A contribution to the history of the Renaissance linguistics. Universidad de Deusto, Bilbao, 1983.

¹⁷⁹ Gramático francês e colaborador para artigos da *Enciclopédia* editada por Diderot e D'Alembert. Plank enfatiza que apesar das semelhanças entre a abordagem de *Considerações* e o verbete, Smith não teria lido o verbete, publicado em 1765, antes de escrever o ensaio, publicado em 1761 na revista *The Philological Miscellany* (PLANK, 1992, p. 22). Importante ressaltar que apesar da diferenciação de Beauzée ser bastante ilustrativa, há diferenças consideráveis entre sua compreensão da linguagem e Smith (BERRY, 1974, p. 132 e 133).

¹⁸⁰ Em carta para George Baird em 1763, Smith afirma que os verbetes da *enciclopédia* lhe trouxeram bastante entretenimento nos assuntos relativos à gramática (*Correspondence*, 68).

prática das instituições arbitrárias e usuais de uma língua particular aos princípios gerais da fala” (BEAUZÉE, 2015, p. 331). Em outras palavras, a primeira corresponde à análise dos mecanismos que originam e conformam qualquer língua, já a segunda é o estabelecimento de regras gramaticais para o uso de uma língua específica. Em *Considerações*, é claro que Smith não está propondo uma gramática específica para o inglês, e sim buscando destacar os “princípios imutáveis” da linguagem.

Ao considerarmos tais aspectos, o ensaio *Considerações* pertence aos estudos de *Gramática Geral*, não particular. Smith discorre sobre os princípios da formação da linguagem e não estabelece regras particulares sobre uma língua específica. O ensaio pode ser considerado, pois, uma composição didática, seguindo a própria classificação de Smith (LRBL, i.149). Ao descrever o progresso das línguas a partir das partes do discurso e do desenvolvimento das faculdades mentais, o texto propõe um sistema das regras gerais de formação da linguagem. A análise das regularidades entre as diferentes formas de comunicação é o que conforma uma nova concepção de progresso, pois esta passa a se referir à constituição de qualquer língua. Em suma, há uma predominância da finalidade de estabelecer princípios de caráter universal em relação ao de narrar a história do progresso de uma língua particular, como o inglês¹⁸¹.

Por outro lado, a constituição de um sistema – ou seja, a elaboração de uma composição didática – é um processo análogo à própria construção das línguas. Essa comparação permite explorar aspectos importantes da constituição do entendimento humano sobre o mundo ao redor, pois a linguagem tanto é a base sob a qual todos os conhecimentos erguem-se, quanto apresenta um modelo de funcionamento da mente¹⁸². Inclusive, em carta para George Baird, Smith, ao comentar sobre um resumo de William Ward¹⁸³ sobre a elaboração de uma Gramática Racional, escreve que essa seria “não apenas o melhor Sistema de Gramática [System of Grammar], [...] como também a melhor História do progresso natural da mente humana sobre a formação das mais importantes abstrações sobre as quais todo entendimento [reasoning] depende” (*Correspondências*, 68)¹⁸⁴. Pelo trecho destacado, percebe-se como o conhecimento humano para Smith está imbricado à linguagem. O exame desta, portanto, passa a pertencer ao do estudo do próprio funcionamento da mente humana.

¹⁸¹ Marcelo Dascal, por exemplo, afirma como o ensaio *Considerações* “torna-se o modelo clássico da forma de investigação com mais ênfase na reconstrução lógica que na cronológica [...]” (DASCAL, 2006, p. 85). Entretanto, devemos ressaltar que a observação do progresso das línguas é imprescindível para a sua investigação.

¹⁸² Segundo Thomas Reid (1852, p. 735), há uma mudança no ensino de filosofia na Universidade de Glasgow, passando de uma visão que prioriza a lógica em relação aos demais conhecimentos para uma que parte da análise das faculdades do entendimento e, posteriormente, expõe uma visão histórica do progresso do entendimento.

¹⁸³ William Ward of Broughton é o autor de *An essay on Grammar, as it may be applied to the English* [...] (*Correspondence*, 68)

¹⁸⁴ O termo “História do progresso natural” é compreendido como o estudo das forças presentes ao longo da história, em um sentido análogo a ideia de curso natural apresentada no Livro III de *A Riqueza das Nações*.

A linguagem e o entendimento caminham juntos, segundo Smith, pois o próprio signo contém um esforço de sistematização e, portanto, é uma forma de conhecimento. É possível compreender o processo de construção de signos enquanto o nome de um objeto particular e familiar que, pelo contínuo aumento de experiência e observação, torna-se uma denominação de vários objetos similares. Retomando rapidamente a explicação contida no primeiro capítulo, a palavra caverna surge como um nome próprio, isto é, a partir da relação entre certo indivíduo e uma específica caverna (*Considerações*, 1). Conforme o contato dos selvagens com outras cavernas, aquela palavra de caráter particular que expressa uma relação bastante específica, torna-se geral¹⁸⁵, deixando de ser nome próprio para se referir a todo um conjunto de objetos com a capacidade de prover abrigo (*Considerações*, 1). Nesse processo, a capacidade de prover abrigo torna-se um princípio ligado pela imaginação à palavra caverna, que, por sua vez, passa a ser análoga a um sistema. Logo, assim como a gravidade relaciona o movimento de diversos astros, o termo caverna conecta objetos com diferentes particularidades, embora ligados pelo princípio de proporcionar moradia.

O peso da imaginação na constituição da linguagem abre margem para considerar a construção dos saberes na obra Smith como algo fortemente subjetivo e relativo. Essa abertura origina um amplo debate sobre se as conexões formadas pela imaginação entre diversos objetos, segundo Smith, são produto exclusivo da própria mente humana e completamente subjetivos, ou se elas estão de fato presentes na natureza para serem encontradas¹⁸⁶. Por um lado, a mente humana é impulsionada pelo prazer de criar padrões. Tal deleite é decorrência, principalmente, de sentimentos com um forte caráter subjetivo. A linguagem é motivada, por exemplo, pela vontade de comunicar nossas necessidades – compreendidas num sentido amplo tanto daquilo que envolve a plena sobrevivência quanto outros desejos – a semelhantes (*Considerações*, 1). De forma análoga, os sentimentos de espanto e admiração, estímulos para a busca de princípios capazes de organizar as representações da natureza, têm origem no próprio indivíduo. Os dois casos ilustram que a pulsão para o desenvolvimento da linguagem e demais conhecimentos é bastante subjetiva, pois essas emoções estão fundamentadas, em última instância, no prazer individual de organizar as representações da natureza. Ademais, há trechos que Smith enfatiza o caráter imaginativo dos elos criados para explicar a realidade como se tais relações fossem apenas expressões que não existem, de fato, na natureza. Em *A História da Astronomia*, o autor

¹⁸⁵ Cf. Primeiro capítulo dessa dissertação.

¹⁸⁶ Berry (2006, p. 121-126) apresenta certa oposição entre as interpretações de caráter anti-realista e realista das obras de Smith, sendo as primeiras fundamentadas na ideia que os sistemas são produtos exclusivos da imaginação e enquanto as segundas enfatizam a importância da realidade na sua conformação. Sobre o tema, Skinner e Raphael (1982 [1980], p. 12 e 13) problematizam sobre a presença de uma subjetividade na produção de ciência e, ao mesmo tempo, uma busca por uma objetividade. Já Land (1977, p. 680), distancia Smith de Condillac e Rousseau, ao afirmar que, para Smith, as classes não são de caráter puramente verbal, pois as semelhanças, de fato, existem na natureza.

afirma que a elaboração de sistemas é “como meras invenções da imaginação” (HA, IV.76), a qual acaba nos “levando imperceptivelmente a fazer uso da linguagem ao expressar os princípios conectores [...] como se fossem os verdadeiros ligamentos utilizados pela Natureza para unir suas diversas operações” (HA, IV.76). Somente pelo trecho destacado já se percebe a forte presença da subjetividade na construção das palavras e do conhecimento em geral.

Por outro lado, um sistema – seja um modelo astronômico seja uma palavra – é estabelecido conforme seu uso é intensificado em determinado grupo. A constituição de tal hábito depende dos signos expressarem de maneira simples as interações com a natureza, porque quanto mais simples for tal conexão, mais fácil para as pessoas se familiarizarem. Apesar do ímpeto bastante subjetivo, os signos somente são reiterados conforme podem expressar as observações de, pelo menos, parte significativas dos indivíduos do grupo. Portanto, a aceitação de um termo depende de certa intersubjetividade dessas observações. Consequentemente, as expressões, de acordo com Smith, não podem ser complemento aleatórios e independentes da própria natureza. Análogo ao signo, um modelo astronômico é adotado segundo provê uma conexão mais coerente em relação às diversas observações disponíveis para explicar o movimento dos astros (HA, IV.68). Portanto, apesar de serem, de fato, produto da imaginação, uma palavra ou um sistema passam a ser adotados apenas se tiverem capacidade de conectar os diferentes fenômenos observados por várias pessoas de maneira convincente, sendo consolidados pelo costume¹⁸⁷. Eles são sempre, em última instância, provisórios, pois estão igualmente sujeitos a novas observações e, ainda, ao aumento da capacidade de abstração. Em síntese, embora os signos sejam bastante subjetivos e apresentem um grau considerável de aleatoriedade, esta não é total na teoria do conhecimento proposta por Smith.

Ao seguir na relação entre signo e sistema, é possível compreender a produção de conhecimento como a continuidade do processo de criação de signos. Ambos são componentes abstratos – seja a expressão caverna seja o princípio de gravidade – que conectam diversos elementos singulares a partir de características comuns. Logo, ao analisar o progresso da linguagem, Smith também está investigando os princípios do conhecimento humano enquanto um processo de abstração e constituição de sistemas. Dentro dessa perspectiva, a criação de espécies e classes com base em certos princípios gerais corresponde tanto ao processo de

¹⁸⁷ Smith descreve, em *História da Astronomia*, como o sistema de Kepler, apesar de conseguir conectar certas irregularidades do sistema de Copérnico, não foi incorporado aos principais modelos astronômicos posteriores: “Até mesmo aqueles astrônomos, os quais uma séria atenção convenceu da adequação [justness] de suas correções [alterações de Kepler ao sistema de Copérnico], eram ainda tão familiarizados [enamoured] com as órbitas circulares, que eles tentaram combinar seu sistema com aqueles antigos, apenas por preconceitos naturais” (HA, IV.58). Assim, é importante perceber como a redução do número de princípios está associado ao grau de persuasão do modelo e, consequentemente, ao seu estabelecimento pelo uso dentro de um grupo.

formação da linguagem como de sistemas astronômicos, explorados por Smith em *História da Astronomia*¹⁸⁸. Tais classes são meramente expressões verbais, isto é, apenas existem devido às conexões feitas pela imaginação, entretanto são constituídas na medida que conseguem expressar de maneira mais simples as semelhanças na natureza percebidas pelos diversos indivíduos de um grupo. Em suma, é possível interpretar que cada novo conhecimento para Smith é equivalente à continua formação de palavras.

Logo, a linguagem está presente em qualquer produção de conhecimento, pois a criação de um sistema não deixaria de ser, em última instância, a elaboração de um signo. Inclusive, o relato de John Millar sobre as aulas de Smith descrito por Dugald Stewart reafirma tal importância, pois “o melhor método de explicar e ilustrar os vários poderes da mente humana [...] surge do exame das várias maneiras de comunicar nossos pensamentos pelo discurso [speech], e de uma atenção aos princípios daquelas composições literárias que contribui para a persuasão ou o entretenimento” (Stewart, I.16). Apesar de a linguagem ter certa preeminência, seu estudo não foi a única forma empreendida por Smith para analisar os mecanismos da mente humana. O autor escreveu três pequenos ensaios – embora não publicados durante sua vida – voltados para os princípios que guiam as investigações filosóficas. O exame desses textos nos auxilia a compreender o projeto de investigar as regularidades das transformações sociais.

* * *

3.3. O método das ciências

Com a finalidade de expor os princípios das investigações filosóficas, Smith escreveu três ensaios, cada um ilustrado pela história de algum ramo da filosofia natural. Tais estudos, direcionados a compreender como o ser humano constrói o próprio conhecimento acerca do mundo, foram publicados em 1795, após a morte do autor, na coletânea denominada *Ensaios sobre Temas Filosóficos* (*Essays on Philosophical Subjects*). O maior e mais famoso dentre eles é a *História da Astronomia*¹⁸⁹, obra que “deve ser enxergada, não como uma História ou Relato da teoria astronômica do Sir Isaac Newton” (HA, p. 105), conforme esclarece a nota dos editores, Joseph Black e James Hutton, da primeira edição, “mas principalmente como uma ilustração adicional dos Princípios da Mente Humana, os quais o Sr. Smith apontou como os

¹⁸⁸ Em *História da Astronomia*, Smith explicita a relação entre a formação de linguagem e conhecimento: “Onde pode-se observar apenas uma única qualidade que é comum a uma grande variedade de objetos, por outro lado muito distintos, essa única circunstância será suficiente para conectá-los todos juntos, para reduzi-los a uma classe comum, e para chamá-los por um nome geral” (HA, II.1)

¹⁸⁹ Schumpeter chega a afirmar que *A História da Astronomia* é a pérola entre os textos de Smith. Schumpeter, inclusive, não valorizava muito os textos econômicos de Smith, chegando a afirmar que “se não fosse pelo fato inegável, ninguém creditaria ao autor de *A Riqueza das Nações* o poder de escrevê-los [os três ensaios sobre os princípios da investigação]” (SCHUMPETER, 1954, p. 177).

motivos universais da Investigação Filosófica” (HA, p. 105) ¹⁹⁰. Ademais, os outros dois pequenos ensaios já têm seu objetivo explícito em seus próprios títulos: *Os Princípios que guiam e dirigem as investigações filosóficas: ilustrados pela história da Física Antiga (História da Física)* e *Os Princípios que guiam e dirigem as investigações filosóficas: ilustrados pela história da Lógica Antiga e da Metafísica (História da Metafísica)*.

A partir dos três ensaios, pode-se analisar que as investigações filosóficas equivalem à continua formação de sistemas. Estes têm a finalidade de criar uma ordem para os mais distintos fenômenos da natureza. Dessa forma, os mais diversos saberes são constituídos, seja pelo aprendizado da criança que começa a diferenciar objetos seja por modelos mais complexos (HA, ii.2). Retomando o exemplo já exposto no segundo capítulo¹⁹¹, Smith afirma que a classificação do botânico é diferente da sistematização do leigo não em termos qualitativos, e sim de grau, pois ambos buscam organizar as representações de fenômenos para acalmar a mente. A diferença entre os dois está na quantidade de divisões necessárias para a imaginação ser apaziguada, em razão da exigência de um maior detalhamento pelo botânico devido a tudo que ele sabe sobre o reino vegetal. (HA, II.2-4). Portanto, a criação de um sistema – com a finalidade de tranquilizar a mente devido aos sentimentos de espanto e admiração – é a maneira pela qual os seres humanos adquirem conhecimentos, desde os mais cotidianos até um aprimorado modelo astronômico¹⁹². As investigações de Smith, nessa perspectiva, seguem o funcionamento da própria mente humana.

Independente do seu grau de complexidade, um sistema torna-se cada vez mais aprimorado conforme diminui o número de princípios em sua organização. Uma vez que o estímulo do ser humano para investigar os padrões entre as mais diversas ocorrências são os sentimentos de espanto, admiração e surpresa, um número menor de princípios conectores torna a ligação entre diferentes fenômenos mais simples. Por conseguinte, a mente é tranquilizada, pois a passagem de uma observação para outra torna-se mais suave e dotada de menos interrupções abruptas¹⁹³. Essa simplicidade é o que configura, segundo Smith, em tão belo e superior o sistema de Newton baseado no princípio da gravidade: “Sir Isaac Newton [...] faz o

¹⁹⁰ Como os princípios do funcionamento da mente são equivalentes aos de qualquer investigação, os três textos podem ser vistos como parte do projeto de estudar a “História do progresso natural da mente humana sobre a formação das mais importantes abstrações sobre as quais todo entendimento [reasoning] depende” (*Correspondências*, 68), retomando as palavras de Smith na sua carta para George Baird, parte a qual fazemos referência anteriormente.

¹⁹¹ Utilizamos esse exemplo na primeira seção do segundo capítulo a fim de explorar como a busca por uma ordem está presente em todos os indivíduos da espécie humana.

¹⁹² Skinner e Raphael apontam para a importância do conhecimento convencional na obra de Smith, ressaltando como a diferença entre um filósofo e um trabalhador seria mais por hábitos que pela natureza na forma de adquirir conhecimento (RAPHAEL; SKINNER, 1982 [1980], p. 3 e 4). Com base nessa interpretação, é possível destacar que, segundo Smith, as diferenças entre as pessoas são primordialmente, construídas socialmente.

¹⁹³ Diversas passagens ressaltam a importância de uma conexão simples a fim de tranquilizar a mente. Cf. HP, 2; HA, IV.13; IV.15 e IV.19.

mais feliz, e, podemos dizer, o maior e mais admirável aprimoramento já feito na filosofia, quando ele descobriu que podia unir os movimentos dos planetas por um princípio de conexão tão familiar [...]” (HA, IV.67) ¹⁹⁴. Aliás, é perceptível que Smith, ao longo de suas obras, procura elaborar um sistema simples, reduzido ao máximo no número de princípios¹⁹⁵. Por exemplo, Belivacqua (1965, p. 49) nota como a simpatia, princípio basilar da *Teoria dos Sentimentos Morais*, é mais simples, no sentido de apresentar menos princípios, que de muitos modelos de filosofia moral do período, em particular de Francis Hutcheson, Thomas Reid, Alexander Gerald e Lord Kames¹⁹⁶. Nota-se que o método empregado por Smith ao longo de suas obras corresponde a sua compreensão do funcionamento da mente humana.

Cada indivíduo procura combinar os objetos mais familiares no esforço de decifrar o desconhecido. Esse movimento proporciona a redução no número dos elos criados para conectar as diferentes observações, pois possibilita pensar uma grande variedade de fenômenos pela combinação de poucos elementos. Em *História da Física*, Smith descreve que os modelos físicos da Grécia Antiga foram formados com base nas características de quatro elementos, extremamente familiares aos seres humanos: fogo (seco e quente), água (úmido e frio), terra (seco e frio) e ar (úmido e quente) (HP, 5). Por meio das combinações entre eles, compreendia-se os diversos objetos da natureza. Por exemplo, o vapor corresponderia à mistura de certa proporção entre a água e o fogo (HP, 7). A elaboração de um sistema, pois, é resultado da combinatória das percepções de objetos bastante conhecidos a fim de aproximar-se do novo.

A aquisição de conhecimento equivale à construção de sistemas a partir da combinatória de fenômenos ou objetos mais familiares segundo Smith. Ou seja, a classificação das espécies é feita pelo discernimento de características comuns entre as mais variadas manifestações da natureza. Ao seguirmos esse ponto de vista, a constituição de um sistema é análoga à formação de uma linguagem, pois – além de estabelecer uma conexão entre diversos fenômenos – ambos são contínuas combinações entre o familiar a fim de compreender o novo¹⁹⁷. É, portanto, pelo

¹⁹⁴ É perceptível como a simplicidade do sistema é parte do que Smith valoriza na sua concepção da teoria de Newton, inclusive, nas *Lições sobre Retórica e Belas Letras*, Smith associa a forma de composição didática com início em um ou poucos princípios para explicar uma gama de fenômenos com o modelo de Isaac Newton: “ou, seguindo Isaac Newton, podemos expor certos princípios reconhecidos ou comprovados no início, a partir dos quais prestamos esclarecimentos sobre os vários fenômenos, conectando-os por meio do mesmo encadeamento” (LRBL, ii.133).

¹⁹⁵ A importância da simplicidade é notada por diversos comentadores das obras de Smith, inclusive com referências a diferentes partes. No caso de linguagem, Land (1977, p. 690) afirma como o modelo de linguagem proposto por Smith é mais simples que dos seus contemporâneos, como Condillac e Monboddo. Reisman (1976, p. 41-43) afirma como o progresso dos modelos científicos para Smith está atrelada à redução do número de princípios, ou seja, uma simplificação. Além disso, Berry (2006, p. 120-121) fornece um breve panorama da presença da simplicidade nas interpretações de alguns comentadores sobre a teoria do conhecimento de Smith.

¹⁹⁶ Para Belivacqua (1965, p. 49), o princípio de simpatia proposto por Smith oferece um modelo acerca dos julgamentos tanto éticos quanto estéticos de maneira muito mais simples que os demais autores, como Hutcheson, Kames, Reid e Gerald, os quais fazem uso de múltiplos princípios em suas teorias.

¹⁹⁷ Em *Considerações*, Smith escreve que “os homens são naturalmente inclinados a dar a um objeto o nome de um outro com o qual mantenha uma estreita semelhança, e assim denominar uma multidão por uma palavra que

processo de combinação que a sociedade compõe as mais diversas espécies a fim de organizar as representações da natureza, criando diversas abstrações (HA, II.1).

Como o conhecimento é criado com base no familiar, o hábito e a observação têm funções imprescindíveis nesse processo. É somente a partir de certo grau de repetição que as coisas se tornam familiares. Todavia, essa reiteração é apenas parcial, porque as experiências são singulares e individuais (HM, 3). Até as percepções do mesmo objeto apresentam diferenças entre si. É sempre, portanto, a comparação entre particulares que conforma a espécie. Ou seja, a espécie não pode preceder aos indivíduos segundo a epistemologia de Smith¹⁹⁸. Segundo essa perspectiva, o conhecimento é empírico. Advém somente da observação e dos consequentes processos de comparação, classificação e generalização. Em suma, encontrar certas regularidades naquilo que é comum a uma espécie a partir da observação corresponde ao caminho da investigação filosófica.

A importância de construir o universal é justificada pela separação, apresentada em *História da Metafísica*, de qualquer espécie em duas partes: a particular e a essencial. A primeira corresponde ao que é singular em cada indivíduo, enquanto a segunda é a estrutura comum a todos membros de uma espécie (HM, I). Essa essência remete-se a certas leis que regem os corpos com determinada estrutura, isto é, as regras de interação de cada espécie. É para essas leis que as investigações filosóficas de Smith – influenciadas por trabalhos como de Newton e Buffon – são voltadas. No caso do ser humano, a filosofia não está interessada naquilo que é particular de cada homem ou mulher, mas os princípios gerais da interação entre os seres humanos diante das mais diversas circunstâncias¹⁹⁹. Em outras palavras, tais análises procuram compreender a estrutura sobre a qual as transformações sociais são operadas.

A ênfase em uma essência, na estrutura, é ilustrada pela descrição, em *História da Metafísica*, da investigação sobre o elemento água. Tal pesquisa não tem, segundo Smith, o objetivo de definir as propriedades da água, isto é, a natureza essencial do elemento, e sim compreender as leis que regem o comportamento dela. Ela utiliza às particularidades de cada circunstância, como temperatura ou forma, a fim de obter leis gerais, pois a “Filosofia [...] se

foi originalmente designada para expressar um indivíduo” (*Considerações*, 1). Esse processo é explorado mais detalhadamente na parte anterior desse capítulo.

¹⁹⁸ No ensaio *História da Metafísica*, Smith retoma o conceito platônico de reminiscência a fim de criticar a noção que nossas ideias são anteriores às sensações. A partir da reminiscência, as ideias (Ideias, segundo Smith, são para Platão o equivalente de Espécies para Aristóteles) são fruto de uma rememoração anterior à própria existência, pois a alma teve acesso ao conhecimento dos Universais. Dessa forma, as ideias para Platão precederiam no tempo à própria matéria, isto é, os conceitos abstratos teriam uma relação de independência aos indivíduos concretos. A crítica à filosofia de Platão tem como pano de fundo a defesa epistemológica de Smith da impossibilidade de uma espécie preceder aos próprios indivíduos (HM, 5-7).

¹⁹⁹ O ser humano corresponde a uma espécie e, portanto, sua essência não varia conforme o tempo (HM, 10 e 11). Tal pressuposto é muito importante para as regras de interação entre homens e mulheres sejam as mesmas com o passar do tempo. Como Belivacqua (1965, p. 49) afirma, há uma natureza humana para Smith, entretanto, esta só é acessível mediante observações.

limita àquelas coisas que são comuns a toda água” (HM, I). Tendo isso em vista, é necessário observar a água em cada uma de suas circunstâncias particulares, compará-las e extrair os princípios válidos nas mais diversas situações, de acordo com o método empírico. Esse exemplo, assim como o interesse pelos modelos astronômicos, mostra que a filosofia natural inspira, ao menos, os estudos voltados para as instituições sociais. Ele também ressalta a necessidade de se voltar para a história de cada sociedade para poder elaborar uma teoria geral do progresso da humanidade, pois da mesma forma que é preciso examinar a água em diferentes circunstâncias, também é imprescindível olhar para o ser humano em diferentes situações.

Tal método corresponde ao estudo das forças que regem as relações entre os corpos e formam a estrutura das transformações, na qual a história particular de cada grupo é construída. Desse modo, a História é dedicada ao exame dos acontecimentos singulares de determinado período em cada sociedade, resultados da interação entre a estrutura e as circunstâncias prevaletentes. No entanto, as investigações de Smith, como explicado anteriormente, não apresentam uma ênfase em ligar certos eventos de maneira cronológica, e sim nos princípios que conformam a essência da espécie humana. Ademais, suas principais obras, a *Teoria dos Sentimentos Morais* e *A Riqueza das Nações*, podem ser compreendidas como a construção de um sistema com o desígnio de prover um modelo da estrutura sob a qual se debruça a trajetória da humanidade. Tal projeto é muito bem descrito em *História da Metafísica*:

Mas é do efeito dos corpos entre si que todas as mudanças e revoluções no mundo vêm. Como isso, portanto, depende da essência particular [specific essences] desses corpos, o trabalho da filosofia, aquela ciência que busca conectar todas as diferentes mudanças ocorridas no mundo, deve ser determinar em que a essência particular de cada objeto individual não é aquela peculiar a ele como indivíduo, mas aquela comum a ele, e todos os objetos do mesmo tipo (HM, I).

O trecho destacado expõe que a filosofia para Smith é uma atividade com a finalidade de ligar as mais distintas transformações ao estabelecer a essência – aquilo que é comum – de uma espécie. Tal essência corresponde aos princípios imanentes da interação entre certos corpos, compondo um sistema com a capacidade de explicar os mais diferentes acontecimentos. De acordo com os moldes da composição didática apresentados por Smith em suas aulas de retórica e belas letras (LRBL, i.149), tais investigações não compõem uma história particular, mas são composições didáticas e pertencem ao ramo da filosofia.

Apesar da influência dos modelos de filosofia natural, as investigações de Smith são dedicadas às construções da humanidade, como a riqueza, a propriedade, o governo, a moral e a linguagem. O método descrito é aplicado na busca de princípios imanentes da interação da

espécie humana, os quais condicionam o desenvolvimento das mais diversas instituições²⁰⁰. Em outras palavras, há um esforço de apresentar um modelo acerca das forças presentes nas mais diversas circunstâncias que atuam sobre a formação dessas instituições. O Livro III de *A Riqueza das Nações* ilustra muito bem a proposta de um sistema sobre o processo de acumulação de riquezas e, ao mesmo tempo, o uso que Smith faz dos relatos históricos.

* * *

3.4 A investigação sobre o capital

O método descrito em textos como *História da Astronomia* e *História da Metafísica* é empregado por Smith ao estudo no campo da Filosofia Moral. Um ótimo exemplo desse caso é a análise da estrutura do capital contida no Livro III de *A Riqueza das Nações*²⁰¹. Neste, o primeiro capítulo apresenta princípios que regulam o capital, compondo um sistema denominado de curso natural por Smith. Nos três capítulos restantes, analisa-se o comportamento das instituições europeias após o Declínio do Império Romano frente às circunstâncias vigentes e aos princípios previamente colocados. Nas próximas páginas, temos o objetivo de apreciar esse livro enquanto a proposta de um sistema e a narrativa histórica sobre o progresso da Europa como uma análise à luz da estrutura do capital, seguindo o modelo de composição didática descrito em *Lições de Retórica e Belas Letras* (LRBL, ii.130-135).

Smith apresenta as propriedades do capital logo no primeiro capítulo do Livro III, de forma a estabelecer um sistema com base em um princípio bastante simples: a prioridade de produção de recursos ligados à sobrevivência e à maior segurança de investimento. As pessoas, segundo Smith, tendem a querer manter seus investimentos próximos e com menos riscos, buscando priorizar as inversões na área da agricultura, atividade vinculada à subsistência da população. Ademais, uma população mais numerosa não tem como se sustentar sem os gêneros agrícolas. Logo, somente após o esgotamento das condições de empreendimento favoráveis na agricultura, investir-se-ia em manufaturas (WN, III.i.3). Da mesma forma, um indivíduo para Smith prefere investir em manufaturas em relação ao comércio exterior: “pelo curso natural das coisas, portanto, a maior parte do capital de toda sociedade em crescimento é primeiramente canalizada para a agricultura, em segundo lugar para as manufaturas, e só em último lugar para o comércio exterior” (WN, III.i.8; p. 324). Esse movimento corresponde à história natural do

²⁰⁰ Andrew Skinner (1967, p. 33-36) denominou de História do Homem os estudos sobre as instituições sociais empreendidos no século XVIII por autores como, John Millar, Lord Kames, David Hume e o próprio Adam Smith, atribuindo-lhes três principais características: empírico, filosófico e sistemático.

²⁰¹ O Livro III de *A Riqueza das Nações* é intitulado *A Diversidade do Progresso da Riqueza nas Diferentes Nações* (WN, III). Segundo Scott, o livro III seria aquele primeiramente formulado por Smith, com suas principais ideias presentes desde as aulas de Edimburgo.

capital, ou seja, procura ressaltar o que é comum entre as diversas manifestações do acúmulo de riquezas.

Apesar de serem introduzidas no início do livro, os princípios do movimento do capital não são uma definição independente de observações e evidências históricas. Eles não são estabelecidos *a priori*, e sim por meio da comparação entre diversas situações. Aparecem no início, pois – como o próprio autor define em *Lições de Retórica e Belas Letras* – a melhor forma de expor um sistema é começar pela colocação dos princípios e, a partir deles, realizar a explicação dos diversos fenômenos implicados (LRBL, ii.133-4). São resultados de um processo de indução feito a partir de observações e relatos disponíveis, sem os quais, segundo Smith, não é possível produzir conhecimento²⁰². Nesse sentido, o método empregado por é empírico e os exemplos destacados não são meramente ilustrativos, mas fazem parte do conjunto de fatos levados em consideração na formulação dos próprios princípios. Portanto, apesar de não ser uma história narrativa, as investigações de Smith não prescindem dela, muito pelo contrário, são feitas com base nela.

Além de não serem definidas *a priori*, tais propriedades não são uma tentativa de determinar como seria o investimento no futuro. Ou seja, Smith não está afirmando que, em todas as sociedades, as aplicações de capital seguem o caminho de inverter na agricultura, depois na produção de manufaturas e, por último, no comércio exterior²⁰³. Não se deve olhar para o chamado curso natural de maneira determinista, no sentido de apresentar uma ordem de acontecimentos a qual sempre vai ser respeitada pela história²⁰⁴. Essas propriedades compõem uma estrutura, constituídas por certas regras gerais, sobre as quais são engendradas as mudanças do investimento de capital. Em outras palavras, Smith está colocando que a garantia dos meios de subsistência precisa anteceder a produção manufatureira, e esta, o comércio, assim como a criança primeiro costuma engatinhar para depois aprender a andar. Todavia, essas sequências, embora prováveis, podem não ocorrer em diversas situações por causa de outras influências.

²⁰² A apresentação dos princípios em primeiro lugar levou a conclusão que elas são definidas *a priori*. Por exemplo, Skinner e Campbell (1981 [1976], p. 56) interpretam que o método de Smith vai do sistema para os fatos, e não o contrário. Em oposição a tal interpretação, pode-se ressaltar a forte relação, em *História da Astronomia*, entre as observações realizadas do movimento dos astros e o surgimento de novos modelos, por exemplo, o sistema astronômico de esferas excêntricas [Eccentric Spheres] “não foi inventado até depois daquelas aparições fossem observadas com alguma precisão [...]” (HA, IV.16).

²⁰³ Alguns interpretes corroboram com a interpretação de um determinismo, ainda que apenas em algum grau. Por exemplo, Andrew Skinner e R. H. Campbell escrevem que “a crença no progresso natural da opulência, quase em sua inevitabilidade, é tão forte em *A Riqueza das Nações* [...]” (CAMPBELL, R.H.; SKINNER, A., 1981[1976], p. 59, tradução nossa) e Christopher Berry afirma que “Smith adota uma posição que pode ser chamada de determinismo suave [soft determinism]” (BERRY, 2006, p. 130, tradução nossa).

²⁰⁴ O curso natural apresentado tanto não é uma simples determinação que Smith ressalta a capacidade do comércio de impulsionar a agricultura. Como no caso dos incentivos das instituições feudais ao investimento da cidade em relação ao campo, o que fez o comércio ser a causa do progresso da agricultura na Europa naquele período (WN, IV).

Apesar dessas relações estarem presente em todas as sociedades, elas não são uma descrição histórica de todos os processos de acúmulo de capital. Inclusive, Smith afirma, ainda no primeiro capítulo do Livro III, que a ordem natural das coisas foi, até certo ponto, respeitada por todas sociedades, mas também foi completamente invertida em certos aspectos em todos os Estados Modernos da Europa (WN, III.i.9; p. 324). Parece haver uma aparente contradição entre a ideia de um sistema imanente e, em seguida, escrever como tal sistema não ocorreu em diversos casos, sendo até completamente invertido²⁰⁵. Entretanto, não há uma contradição, porque a história não é conformada unicamente com base na estrutura, mas também por contingências e instituições.

O sistema colocado por Smith logo no primeiro capítulo do Livro III não deixa de ser imanente. Todavia, não determina o processo de acumulação, pois sobre ele também atuam as instituições e os costumes vigentes. Dessa forma, o crescimento econômico da nação não está condicionado apenas pelas tendências ‘naturais’, mas também por aspectos como leis, governo e clima. Por exemplo, em sua análise sobre os lucros do capital, Smith afirma que o crescimento da China, já estacionário, chegou ao nível máximo de riqueza “consistente com a natureza de suas leis e instituições” (WN, I.ix.15). Estas são, portanto, um fator limitante para a acumulação de riquezas da nação. Ou seja, o processo de acumulação material está condicionado a outras variáveis que não apenas as relações colocadas pela lógica do capital.

A existência da estrutura também não exclui a possibilidade de existir contingências passíveis de alterar significativamente a situação de determinado local. Essas mudanças produzem a necessidade de transformações na ordem institucional, as quais precisam de tempo considerável para ocorrer, levando-se a certo desajuste. Devido a esse intervalo, é comum instituições não estarem de acordo com as circunstâncias presentes, considerando-se os princípios de acumulação de capital. Tendo isso em vista, Smith avalia o momento de transição do feudalismo, após o Declínio do Império Romano, para uma sociedade comercial emergente. A escolha por examinar esse período não parece ser arbitrária, pois o momento é marcado por grandes transformações na Europa e por importantes desajustes entre as circunstâncias correntes e as instituições ainda em voga.

O progresso, após a queda do Império Romano, portanto, é analisado nos demais capítulos do terceiro livro de *A Riqueza das Nações*. Ele é apreciado em relação as propriedades do capital elencadas já no primeiro capítulo, de maneira a avaliar a adequação das leis e dos

²⁰⁵ Skinner e Campbell, por exemplo, afirmam que “tensões entre as duas abordagens (histórica ortodoxa e especulativa) aparecem como partes centrais de sua análise, principalmente no Livro III, no qual a evidência histórica é, com certeza, disposta no centro da exposição [...]” (SKINNER; CAMPBELL, 1981 [1976], p. 55, tradução nossa). Por outro lado, Evensky (2005, p. 168) ressalta que Smith não escreve como um historiador, inclusive no Livro III de *A Riqueza das Nações*, assim como Pocock (2006, p. 270).

costumes vigentes na Europa. De forma equivalente em *Considerações*, primeiro apresenta-se os mecanismos do processo de formação da linguagem para, posteriormente, analisar o próprio desenvolvimento das línguas particulares, como o inglês. Para avaliar o descompasso entre as instituições vigentes e as circunstâncias prevalecentes, é necessário conhecer as forças presentes no processo de formação, seja da riqueza seja da linguagem. Ao conhecer seus mecanismos de funcionamento, pode-se formular regras condizentes com cada circunstância, sem as quais o trabalho dos legisladores passa a ser uma atividade de casuística²⁰⁶.

Contudo, o desajuste entre a ordem vigente e as circunstâncias é recorrente, pois as instituições civis demoram para se transformar e adequar-se às novas situações. Um dos principais exemplos é os prejuízos causados à agricultura pela continuidade do regimento e dos costumes feudais – como a terra representar poder e status familiar e a propriedade ser destinada apenas ao filho do sexo masculino primogênito sem o direito de alienação – depois de cessar grande parte da falta de segurança sobre os pequenos proprietários (WN, III.ii.2-7). Tais instituições têm sentido em situações de instabilidade devido às invasões bárbaras e a desintegração do Império Romano. No entanto, segundo Smith, retardam o progresso da sociedade quando pequenos agricultores já podem desfrutar de certa segurança e aumentar os investimentos no campo (WN, III.ii.4). De acordo com tal interpretação, o trecho “tivessem as instituições humanas jamais deturpado a ordem natural das coisas, a riqueza progressiva e o aumento das cidades seriam, em toda sociedade política, na proporção do aperfeiçoamento do cultivo seja do território seja da nação” (WN, III.i.4) refere-se aos momentos de inadequação dos regimentos em voga.

Um crescimento econômico segundo os princípios do capital, além de prover um acúmulo mais rápido, também gera maior estabilidade e segurança contra incertezas. A riqueza gerada pela agricultura só abandonaria um país em casos de extrema violência e desordem, diferente de comerciantes. Afinal, o declínio da nação está sempre em iminência para Smith. Embora o comércio possa ser a causa do progresso de uma nação²⁰⁷, seu processo é muito mais lento e incerto, além de tornar o acúmulo do capital mais instável, porque os comerciantes podem levar suas atividades para outros lugares de forma mais simples e rápida que o agricultor (WN, III.iv.24). Por isso, as instituições feudais, como não eram adequadas às circunstâncias, retardaram o progresso do acúmulo de capital. Isso significa somente que pular certas etapas

²⁰⁶ Smith apresenta, no último capítulo de *a Teoria dos Sentimentos Morais* (TMS, VII.iv.7-9), uma crítica aos moralistas que dispusessem sobre o tema seguindo a casuística, e não a jurisprudência, pois estariam buscando estabelecer regras sem levar em consideração os princípios gerais dos sentimentos da humanidade.

²⁰⁷ O comércio, segundo Smith, contribui para o progresso do campo de três maneiras: geração de um mercado de consumo, emprego no setor agrícola de capital oriundo do comércio e pela introdução da “boa administração” e segurança nos habitantes dos campos (WN, III.iv.1-4).

do curso natural de desenvolvimento implica dificuldades para a sociedade progredir, pois aspectos importantes para esse processo ainda não foram consolidados.

Os apontamentos de Smith sobre as instituições feudais são muito próximos da crítica, contida em *Considerações*, ao gramático Sanctius: ambos casos apresentam regras sem se atentar para os princípios gerais do progresso humano²⁰⁸. Nesse sentido, *A Riqueza das Nações* não é uma obra sobre quais instituições devem ser adotadas na Europa no século XVIII ou como elas devem ser planejadas, mas orienta sobre os princípios a serem observados durante a elaboração de leis e políticas econômicas. Smith não realiza a proposta de uma constituição, trabalho de um estadista, mas contribui para a iluminação da política exercida pelos legisladores. Isto é, sua obra não deve ser percebida como normativa e nem como puramente descritiva, ela vai pertencer ao campo da filosofia e/ou ciência. A filosofia para Smith não é somente descritiva, pois vai além dela por procurar provar preposições. Mas, ao mesmo tempo, não é normativa, porque não indica quais regras particulares devem ser tomadas pelos legisladores do século XVIII na Inglaterra e na Escócia.

De maneira similar, o terceiro livro de *A Riqueza das Nações* não deve ser compreendido como uma história narrativa, nos próprios termos de Smith, e sim enquanto composição didática (LRBL, ii.125 e 126). Apesar das diversas passagens narrando os acontecimentos após a queda do Império Romano na Europa, a ênfase na apresentação de um sistema prevalece. Os fatos e relatos históricos servem para examinar a adequação das instituições a partir dos princípios apresentados. Por isso, o Livro III não é um texto de História, e sim parte da proposição de um sistema de Economia Política (Political Economy) que visa orientar os legisladores.

É possível interpretar *A Riqueza das Nações* como a proposição de um sistema de Economia Política com o intuito de guiar os estadistas na elaboração de leis. Esse modelo, baseado principalmente no princípio de propensão à troca, teria, segundo Smith, uma capacidade explicativa superior aos demais, principalmente ao mercantilista e ao fisiocrático. O Livro III, por exemplo, ilustra sobre como as instituições não se adequam automaticamente às circunstâncias vigentes de forma a orientar as medidas do soberano. Esse esforço de explicar a estrutura do enriquecimento da nação é evidente ao longo de toda a obra. Esta constrói uma orientação, não tão distante do quadro fisiocrático, para a aplicação de políticas de cunho administrativo (*police*) e propõe um modelo explicativo baseado nas trocas.

* * *

²⁰⁸ A crítica ao gramático Sanctius é abordada na terceira parte desse capítulo. Cf. *Considerações*, 30.

3.5. A ciência das trocas

Ao olhar *A Riqueza das Nações* à luz da noção de composição didática e das concepções epistemológicas apresentadas por Smith ao longo de seus mais diversos ensaios, é possível interpretar a obra enquanto a proposição de um sistema de Economia Política. Essa proposta tem o objetivo de elaborar um modelo simples – ter o menos número de princípios possíveis – e geral – presente nas mais diversas circunstâncias. De forma análoga aos sistemas sobre o movimento dos astros apresentados em *História da Astronomia*, um sistema de Economia Política corresponde a um modelo de compreensão do processo de enriquecimento. Ou seja, é o estabelecimento de poucos princípios capazes de explicar os mecanismos do acúmulo de riquezas em diversas situações. Nesse contexto, Smith propõe, baseando-se na propensão à troca, o trabalho como “real medida” de riqueza (WN, I.v.1), buscando formular um princípio de conexão mais geral que de outros modelos.

É importante destacar que *A Riqueza das Nações* é a elaboração de um sistema que se contrapõe, principalmente, aos modelos mercantilista e fisiocrático²⁰⁹. Ambas teorias são apresentadas no Livro IV da obra, ressaltando-se os efeitos, muitas vezes negativos, gerados por suas aplicações (WN, I. 8 e IV.2). O princípio apontado por Smith do trabalho ser a verdadeira medida de valor é uma regra mais geral ao longo do progresso da história do que as noções da riqueza como exclusivamente os metais – atribuída ao modelo mercantilista – ou apenas nos produtos agrícolas – visão da Fisiocracia. Nesse sentido, *A Riqueza das Nações* equivale ao que Smith apontou como a maior contribuição de Newton para o estudo da astronomia: “a descoberta de uma imensa cadeia das verdades mais importantes e sublimes, todas intimamente conectadas entre si, por um fato capital, da realidade que temos experiência cotidianamente” (HA, IV. 76).

Com base na noção do trabalho como medida geral de valor, Smith aponta críticas substanciais, explicitadas nas *Lições sobre Jurisprudência* e ainda presentes em *A Riqueza das Nações*, aos sistemas de Economia Política adeptos das crenças da opulência nacional residir apenas nos metais ou somente na produção agrícola. Em relação ao mercantilismo, os metais, conforme critica Smith, não podem ser um padrão de medida para avaliar a riqueza em diferentes circunstâncias, pois seu valor varia ao longo do tempo. Aliás, são estabelecidos como padrão de medida²¹⁰ em certas sociedades devido, principalmente, a sua beleza e à facilidade de determinar com precisão seu peso e seu conteúdo, sendo algo mais ligado ao costume e,

²⁰⁹ Smith utiliza, respectivamente, os termos sistema de comércio e sistema da agricultura (WN, IV.2)

²¹⁰ Uma medida de valor é uma mercadoria utilizada como padrão de referência para o intercâmbio entre as demais mercadorias. Ser o padrão de referência não significa a sua utilização para permear as trocas, mas apenas para fornecer as referências dos valores das demais mercadorias.

portanto, particular de uma sociedade²¹¹. A alusão aos metais como medida de riqueza geral seria, portanto, atribuir a uma construção social o caráter de universal.

A confusão de metais como a principal fonte de riqueza para Smith é causa de uma dupla função do dinheiro: medida de valor e instrumento de comércio. Como os indivíduos calculam o valor dos bens desejados – medida de valor – e o adquirem pela troca com o dinheiro – instrumento de comércio – seria comum associar a pessoa rica ou a nação soberba com a quantidade de dinheiro acumulado. Smith cita o exemplo dos tártaros que “costumavam perguntar-lhe [ao Plano Carpino, monge enviado como embaixador da França] se havia muitas ovelhas e bois no reino da França” (WN, IV.i.2) de forma análoga aos espanhóis perguntando sobre os metais nas Américas. Portanto, os metais, assim como o trigo e os animais, por terem seu valor alterado pelas determinações do mercado e dos costumes, não podem ser o padrão de medida geral²¹² nem fornecer o valor real das mercadorias ou da riqueza²¹³. Eles não são, pois, a medida de valor em todas as sociedades, isto é, não são uma regularidade na história do progresso humano, mas uma manifestação circunstancial da forma de barganhar e persuadir proveniente dos costumes encontrados na Europa do século XVIII.

Já o sistema fisiocrático²¹⁴ é bastante elogiado no Livro IV de *A Riqueza das Nações*²¹⁵. Ele é considerado superior em comparação ao Sistema Mercantilista por avaliar a riqueza como bens consumíveis, embora apenas os agrícolas, e não como os metais, não passíveis de consumo. Entretanto, ao apontar diversas críticas ao sistema baseado na agricultura, Smith destaca o erro de não considerar os produtores de manufaturas enquanto trabalho produtivo, pois um artífice que produz o equivalente a 10 libras (pounds) em poder de compra, fornece bens de consumo correspondente a 10 libras, assim como um agricultor que colhe 10 libras em cereais (WN, IV.ix.32)²¹⁶.

²¹¹ Vale ressaltar como um padrão de medida para Smith não é definido a partir de critérios utilitários, mas por questões ligadas fortemente ao costume, à familiaridade e à estética de cada sociedade, o que explicaria o uso de animais como ovelhas por sociedades pastoris. O ser humano para Smith é uma espécie com um forte apelo estético e pode ser atraído por fatores ligados à beleza e não à utilidade de determinados objetos. Tal ponto é melhor explorado no segundo capítulo dessa dissertação.

²¹² As mercadorias têm seus valores determinados pelas circunstâncias de mercado. Cf. WN, Capítulo 3.

²¹³ Os metais para Smith são mercadorias necessárias para realizar a circulação das demais, e, assim como quaisquer mercadorias, têm seu valor em sua capacidade de comandar trabalho, o qual varia a depender das circunstâncias (WN, I.v.7).

²¹⁴ Smith não utiliza o termo Fisiocracia, mas a referência à Escola é clara ao citar Quesnay e Mercier de la Riviere, além de se referir aos *Os Economistas* (*The Economists*), maneira pela qual era conhecida a escola na França (WN, IV.ix). Sobre Smith e a Fisiocracia, ver Rodrigues (2017).

²¹⁵ A análise de Smith sobre os fisiocratas concentra-se no último capítulo – intitulado *Do Sistema agrícola, ou daqueles sistemas de Política Pública que representam o produto da terra enquanto a única ou a principal fonte da riqueza e da receita de cada país* – do Livro IV de *A Riqueza das Nações*.

²¹⁶ Pode-se destacar uma importante diferença dos produtores de manufaturas para os servidores (menial servants), aqueles que trabalham sem produzir algo de material e, conseqüentemente, sem acrescentar valor ao fundo de riquezas da sociedade, segundo Smith (WN, II.iii.1)

Por trás dessa crítica está a importante noção do trabalho como a verdadeira medida de afluência, pois a riqueza é considerada os bens passíveis de serem consumidos e estes, por sua vez, são frutos do esforço dos indivíduos da sociedade. Dessa forma, a aquisição de um bem nada mais é que se poupar o trabalho de produzi-lo, em outras palavras, de persuadir alguém a fazer algo para nós. Entretanto, tal processo só é possível mediante a troca, porque, sem esta, cada indivíduo apenas usufruiria dos resultados do próprio esforço, além de não haver motivação para obter excedente. O trabalho como medida de valor, portanto, está ancorado no princípio de propensão à troca, pois é apenas devido à possibilidade de intercâmbio de objetos que se pode usufruir dos frutos do trabalho alheio.

Apesar de não se delongar muito no tema da propensão à troca, Smith escreve sobre a grande probabilidade da origem dela ter sido em outra propensão humana: a de persuadir. Ora, quando se quer algo de um semelhante, tenta-se persuadi-lo ou convencê-lo, sendo a troca de mercadorias apenas uma forma de persuasão específica elaborada conforme o desenvolvimento da sociedade. As trocas surgem enquanto forma de comandar o trabalho alheio, de convencer o outro a realizar uma tarefa para nós: “dê-me aquilo que eu quero e você terá o que você quer é o significado de qualquer oferta dessa espécie, e é dessa maneira que obtemos uns dos outros a maior parte dos ofícios os quais tanto precisamos” (WN, I.ii.2). Seguindo essa perspectiva, interpretamos a noção de Smith das trocas como o estabelecimento de uma linguagem de barganha, pela qual pode-se obter objetos de desejo a partir do trabalho alheio.

O valor de uma mercadoria, portanto, é associado ao trabalho que pode movimentar. Ele, de acordo com Maurício Coutinho (1990, p. 116 e 117), deve remeter à faculdade que as mercadorias têm, na troca, de comandarem trabalho. Portanto, a nação para Smith, de maneira análoga ao indivíduo, é mais ou menos rica conforme sua capacidade de comandar trabalho alheio a fim de adquirir objetos de seu desejo. A riqueza, dentro dessa perspectiva, corresponde a um poder de persuasão sobre o esforço dos demais, podendo ser percebida como um exercício de domínio, o qual “[...] essa posse [de uma fortuna] propicia-lhe [...] certo comando sobre todo trabalho, ou sobre toda a produção do trabalho presente no mercado” (WN, I.v.3). Afinal, conforme menciona Smith, a “riqueza, segundo Hobbes, é poder” (WN, I.v.3). Na sociedade feudal, tal poder é expresso pela propriedade da terra, enquanto na sociedade comercial, pela posse de mercadorias, como os próprios metais. Todavia, o princípio comum entre essas e outras circunstâncias é a capacidade de comandar trabalho.

Porque os metais, assim como outras mercadorias, não são uma referência de medida presente ao longo do tempo, é necessário buscar um princípio comum. Para tanto, é imprescindível o estudo do progresso do enriquecimento de várias nações. Sem tal comparação,

não há como destacar o que é regular nesse processo²¹⁷. Essa proposta de investigação fornece as bases para as futuras ciências humanas: a procura de um julgamento imparcial para apreciar as instituições sociais. A obra *A Riqueza das Nações*, pois, pode ser interpretada enquanto uma tentativa de sintetizar todo um conjunto de fenômenos da maneira mais simples possível. A medida de riqueza como a capacidade de comandar trabalho é um princípio válido para todas as etapas de desenvolvimento do corpo social. Logo, é mais geral que os modelos fisiocrático e mercantilista. Adam Smith elabora, portanto, um sistema de Economia Política, seguindo o seu próprio modelo de composição didática, com o objetivo de fornecer os princípios do processo de acumulação de riquezas visando a orientação para a formulação de leis da nação.

* * *

3.6. Considerações sobre o capítulo

A obra de Adam Smith, antes de pertencer ao âmbito da economia ou da história, é filosófica. Filosófica no sentido de apresentar uma reflexão em torno das formas e possibilidades de produzir conhecimento. A metodologia proposta por Smith, além de contribuir para o estabelecimento das ciências humanas, é fundamentada em uma refinada teoria do conhecimento. Esta, por sua vez, é constituída pela análise do funcionamento da própria mente humana. Ou seja, os sistemas contidos na *Teoria dos Sentimentos Morais* e em *A Riqueza das Nações* são construídos assim como a linguagem e os modelos astronômicos são formados. A análise das composições didáticas permite observar como a elaboração desse método já estava bastante aprimorada no trabalho de Smith.

Durante este capítulo, buscamos mostrar como Smith utiliza a composição didática ao longo da maior parte de sua obra, tornando-a um trabalho dedicado, prioritariamente, à filosofia – ou, ciência. Isso não significa a ausência de narrativas, mas a predominância de um princípio de instrução com a finalidade de orientar o exercício dos legisladores. Por exemplo, ao decorrer pelo progresso dos sistemas astronômicos ou da Europa após a queda do Império Romano, os trabalhos de Smith não apresentam ênfase em escrever uma história particular, e sim em expor um sistema explicativo sobre os processos tanto de formação do conhecimento quanto da acumulação de riquezas.

Tais investigações empreendidas por Smith têm como objeto a estrutura comum entre as mais variadas circunstâncias de maneira a construir um sistema, isto é, nas propriedades

²¹⁷ De uma forma análoga ao exemplo contido no ensaio *História da Lógica Antiga e da Metafísica*, uma investigação filosófica precisa encontrar os princípios comuns entre as diferentes circunstâncias da água, nesse caso, da riqueza em diversas sociedades.

imanescentes ao longo do progresso da humanidade. Distanciam-se da prática da história narrativa de estabelecer as relações de causalidade entre certos acontecimentos singulares ocorridos ao longo de um período, pois a tarefa da História é conectar certos acontecimentos particulares no tempo de modo a compor uma narrativa e não envolver uma ambição de generalização e de formação de ideias abstratas como uma investigação sistemática.

Entretanto, o uso da história é imprescindível para Smith realizar suas investigações, pois só é possível depreender os princípios imanescentes da humanidade a partir de um estudo comparativo entre as mais distintas situações. Essa importância é bem colocada por Duncan Forbes ao destacar as regras formuladas por Smith como “leis históricas”, não no sentido de ser uma determinação, e sim de consistirem em uma presença universal no decorrer do tempo. Portanto, a investigação da essência da espécie humana passa necessariamente pelo estudo do progresso dele, o que marca uma mudança epistemológica considerável no século XVIII²¹⁸. Por último, percebemos como a proposta do trabalho como real medida de valor está inserida na ideia de estabelecer um sistema simples e geral que abarcasse as forças presentes nas mais distintas situações.

²¹⁸ Thomas Reid (1852 p. 735), em seu texto sobre a Universidade de Glasgow, ressalta como as aulas passam a abarcar uma perspectiva histórica do tema geral a ser abordado.

Considerações Finais

Esta pesquisa surge com a curiosidade de compreender a relação entre o progresso da sociedade – em seus mais variados aspectos, como moral, institucional e cultural – e o crescimento econômico na obra de Adam Smith. Apesar da extensa análise sobre a divisão do trabalho contida em *A Riqueza das Nações*, a economia não aparece enquanto a ciência autônoma que viria a ser já no século XVIII, pois não tem mecanismos automáticos de ajuste independentes de outras esferas da sociedade. O famoso emprego da mão invisível refere-se à capacidade da sociedade de produzir o próprio equilíbrio sem precisar do planejamento do soberano. No entanto, ela age sobre todo um sistema com suas partes interconectadas. Conforme aponta Polanyi “a riqueza para Smith era apenas da vida da comunidade, sob a qual continuava subordinada” (POLANYI, 2001 [1944], p. 116). A opulência, portanto, corresponderia apenas um dos aspectos envolvidos no desenvolvimento da humanidade.

O crescimento econômico, conseqüentemente, é condição necessária, embora não suficiente, para engendrar as transformações sociais. Em outras palavras, a ideia de progresso para Smith é mais ampla que a acumulação de materiais (ou algo correlato ao que hoje chamamos de PIB *per capita*), pois cada instituição desempenha funções imprescindíveis para o exercício do corpo social. Este, como já mencionado, corresponde a uma máquina, composta por diferentes peças, todas necessárias para o seu desempenho. Por causa dessa interdependência, esta dissertação examina as investigações de Smith sobre os mais diversos temas, em especial ciência e linguagem. A expansão do mercado, por exemplo, não ocorre sem o surgimento de leis e governo. Sem a noção de propriedade nem uma instituição para assegurá-la, não há como estabelecer um meio de trocas. Nessa perspectiva, a mão invisível provê um ajuste, um equilíbrio que abrange todas as esferas da sociedade. Ela não atua na economia apesar das demais instituições, mas junto delas. Em síntese, tentamos argumentar que a economia – embora seja de suma importância – na obra de Adam Smith ainda não ganha maior relevância para o desenvolvimento social em detrimento de outros fenômenos.

Ao considerarmos a atuação ainda mais restrita dos fatores econômicos, mostramos que tais aspectos não são determinantes no aprimoramento da sociedade e no comportamento do indivíduo na obra de Smith, apesar de sua importância. Como o estabelecimento do mercado não prescinde das demais instituições, as relações mercantis não demarcam todas as mudanças sociais. Ademais, nem sequer há uma determinação na trajetória apresentada por Smith. Apesar das regularidades do progresso humana destacadas – seja pela teoria dos quatro estágios, seja pelo curso natural do Livro III de *A Riqueza das Nações* – serem de caráter universal, as inúmeras contingências também influenciam o percurso de cada comunidade. Buscamos mostrar que Smith não está afirmando que toda nação deve necessariamente passar,

respectivamente, pelas etapas venatória, pastoril, agrícola e comercial. O autor expõe, apenas, as regras gerais – isto é, as condições normalmente necessárias – ao desenvolvimento da sociedade.

Embora não mencione explicitamente a existência de um limite para o progresso, Smith parece apontar certas limitações para o aprimoramento da sociedade. A principal é a possibilidade de declínio devido ao aumento da dívida pública. Ela torna-se cada vez mais iminente conforme o desenvolvimento da nação. Nenhuma sociedade pode escapar ao declínio. Este é certo como a morte para os indivíduos. O Estado pode somente buscar postergá-lo com medidas paliativas. A certeza do fim de todas as nações mostra que o progresso para Smith não é o caminho em direção às circunstâncias ideais. Segundo essa interpretação, não faz muito sentido conceber *A Riqueza das Nações* enquanto a proposta de uma utopia liberal. A obra é fundada em um método empírico, portanto está voltada a compreender aquilo que se observa, e não em propor uma sociedade imaginária ideal. Aliás, não devemos esquecer que Smith menciona diversas consequências negativas do desenvolvimento da sociedade, em especial a estupidez generalizada da população e o aumento do grau de imperfeição das línguas.

A sociedade comercial descrita por Smith tanto não pode ser considerada uma utopia que o resultado do desenvolvimento não pode ser calculado ou planejado pelo ser humano. Por isso, é tão importante conhecer os mecanismos por trás do progresso, única forma de conseguir estabelecer leis – seja de justiça, seja de linguagem – adequadas às instituições e aos arranjos sociais. Não é por acaso que Smith, na *Teoria dos Sentimentos Morais*, equivale as regras de gramática às de justiça (TMS, III.6.11), pois as duas precisam estar de acordo com os princípios de formação de seus respectivos fenômenos. Caso contrário, elas tornam-se aleatórias, pertencendo ao campo da casuística, e não da ciência. E, apesar de investigar os princípios de diversas áreas, Smith não chega a realizar uma prescrição. Ele não propõe regras de gramaticais para o inglês nem leis específicas para serem adotadas pelos legisladores escoceses. Portanto, é difícil interpretar a obra de Smith enquanto utopia ou proposta de transformação social.

Ademais, a organização de cada coletividade não poder ser planejada porque é resultado não intencional das interações entre os indivíduos. Em vista de compreender esse processo, Smith volta suas investigações para as propensões e as faculdades humanas. São estas que marcam as relações interpessoais. Podemos destacar três principais inclinações naturais do ser humano apontadas por Smith: a propensão à troca, a atração pela regularidade e o desejo de dominação. A primeira imprime a possibilidade da constituição do mercado. A segunda, por sua vez, demarca as percepções humanas do mundo e conforma os costumes de cada nação. Já a cobiça pelo poder impele os indivíduos a persuadir os demais por meio da troca. Essas disposições, entretanto, não devem ser percebidas como axiomas ou pressupostos. Elas são

formuladas por meio da comparação entre diversas sociedades, o que possibilita extrair as características essenciais da espécie humana que permitem a formação de um corpo social coeso.

Como a sociedade independe do cálculo e da intenção de seus membros, a motivação destes não se encontra no bem-estar público. Ela decorre, segundo Smith, dos sentimentos despertados nos indivíduos em contato com o ambiente. As propensões e as faculdades, em especial a inclinação a encontrar regularidades, fornecem ao ser humano uma sensibilidade estética bastante aprimorada. Vale lembrar que apenas o arranjo ou as cores dos objetos podem despertar sensações agradáveis ou repulsivas. Nesse sentido, o desejo por certos artigos está muito mais ligado aos juízos estéticos formados pelos costumes e pela aparência de utilidade²¹⁹ do que aos benefícios advindos da própria manufatura. As vantagens da aquisição de produtos para Smith não estão no usufruto material, mas em um deleite estético muito próximo ao suscitado pela música nos ouvintes.

O mesmo movimento também se encontra na formação da linguagem e da ciência. Todo o esforço empregado nelas não é causa da antecipação de seus usufrutos, apenas do desejo de acalmar a imaginação por meio da conexão entre distintos fenômenos ou objetos. Os indivíduos, portanto, não tem em vista as vantagens derivadas de modelos astronômicos ou de um sistema de comunicação, somente procuram satisfazer seu próprio interesse ao pesquisar a natureza. Embora não haja um cálculo em relação à utilidade, a disposição para criar regularidades acaba por proporcionar a formação de instituições que são úteis para toda a nação:

O mesmo princípio, o mesmo amor ao sistema, a mesma estima pela beleza da ordem, da arte e da invenção, frequentemente serve para recomendar aquelas instituições que tendem a promover o bem-estar público. [...] A perfeição administração, a extensão do comércio e das manufaturas, são objetos magníficos e nobres. A sua contemplação nos deleita e estamos interessados em tudo que podem fazê-los progredir. Eles pertencem ao grande sistema de governo, e as rodas da máquina política parecem mover-se mais harmoniosamente por meio deles (TMS, IV.i.11).

Além de conformar os juízos estéticos e motivar a constituição da ciência e das línguas, vimos que a atração pela regularidade também permite o estabelecimento de uma ordem social estratificada. Devido à maior inclinação de simpatizar com a alegria que com o sofrimento, os seres humanos procuram expor a prosperidade e esconder a penúria. Essa disposição torna o enriquecimento e a aquisição de artigos associados à fortuna como um comportamento moralmente desejado. Dentro desse contexto, os indivíduos perseguem o acúmulo material por buscarem o prazer da simpatia mútua, isto é, da aprovação. E acabam, sem ter a intenção

²¹⁹ O costume e a aparência de utilidade são conceitos apresentados no segundo capítulo desta dissertação.

promovendo certa coesão social como em uma música em que todas os instrumentos procuram seguir o mesmo ritmo. Portanto, o estabelecimento de um padrão de conduta cria um critério para a hierarquização dos estratos da sociedade, o que é indispensável para o bom funcionamento da máquina social.

Apesar do prazer associado à aprovação estar fundado na simpatia mútua, ele não deixa de também estar atrelado ao desejo de dominação presente nos seres humanos. A cobiça pelo poder sobre outrem é, conforme explica Smith, a motivação por trás do estabelecimento das trocas. Esse anseio se traduz na vontade de comandar o trabalho alheio, de persuadir alguém a fazer algo por nós. Ao seguirmos essa interpretação, a troca de mercadorias não deixa de ser uma linguagem da barganha. O comércio, portanto, não deixa de estabelecer relações de poder. Os ricos, de acordo com Smith, são objetos de tanta admiração que acabam por guiar os julgamentos da sociedade. Afinal, todos passam a querer se portar como aqueles que detém fortuna. Embora as diferenças entre a vida de um simples trabalhador e de um rei sejam mais aparentes que de fato substanciais, a imaginação ilude os indivíduos, fazendo-os crer que a prosperidade leva a maior felicidade. Essa ilusão é o suficiente para engendrar a máquina social e proporcionar o enriquecimento da nação:

[...] se considerarmos a satisfação real que todas essas coisas são capazes de fornecer – por si próprias e separadas da beleza do arranjo adequado para promover tal satisfação – sempre aparecerá, no mais alto grau, desprezível e superficial. Mas nós raramente vemos por essa perspectiva filosófica e abstrata. Confundimos esse contentamento, naturalmente, em nossa imaginação com a ordem, a regularidade e o movimento harmônico do sistema, da máquina ou da economia (œconomy) dos meios que o produzem. Os prazeres da fortuna e da grandeza, quando considerados sob esse complexo ponto de vista, choca a imaginação como algo grandioso, belo e nobre, e obtê-lo vale todo o esforço e toda a ansiedade que estamos tão dispostos a conferir-lhe. (TMS, IV.1.9).

A ênfase de Smith nessa ilusão, baseada no desejo por aprovação e poder, ressalta como o crescimento econômico está menos atrelado à subsistência do que às satisfações de caráter puramente social. Seguindo essa interpretação, podemos afirmar que a perseguição pelo enriquecimento é um comportamento construído socialmente. Embora haja um cálculo no processo de aplicação do capital, esse raciocínio é bastante limitado na obra de Smith. Se os indivíduos tivessem a capacidade de realmente antever os benefícios materiais de suas ações, eles veriam que todo o trabalho dispendido nessa empreitada não valeria a pena. Ao olharmos para o exemplo contido na *Teoria dos Sentimentos Morais*, se o filho do homem pobre conseguisse vislumbrar seu futuro, ele dificilmente abriria mão de tantos prazeres para tentar ascender socialmente. No fundo, o nosso argumento é que o interesse individual para Smith é dado pela sociedade mais que pelo simples cálculo econômico. Em outras palavras, as vontades

de cada membro da sociedade conseguem produzir uma convergência porque a mão invisível as conforma. Em suma, a própria máquina social produz o ajuste entre as peças.

A sociedade humana, quando contemplada de certa perspectiva abstrata e filosófica, aparece como a grande, a imensa máquina que produz milhares de efeitos prazerosos por meio de movimentos regulares e harmônicos. Assim como em qualquer outra bela e nobre máquina que foi inventada pelo ser humano, seja qual for o meio para tornar seus movimentos mais suaves, ele proporcionaria beleza por seus efeitos e, ao contrário, seja o que tentasse obstruí-los seria desagradável (TMS, VIII.iii.1.2)

A proposição de princípios que dão conta de explicar o surgimento de diversas instituições condiz com os moldes da composição didática exposta em Lições de Retórica e Belas letras. Talvez a principal contribuição de Smith – junto de outros autores do período – são as bases metodológicas para o estabelecimento das ciências humanas. A formulação de certas propensões humanas está atrelada ao escopo de encontrar princípios simples e gerais capazes de explicar os mais diversos fenômenos sociais. Essa proposta procura investigar as relações humanas para além dos valores de cada comunidade. Ela tenta compreender o funcionamento da sociedade sem precisar julgar as instituições mediante certo quadro valorativo. E, mais além, busca apreender como a própria moral é construída enquanto um fenômeno social.

A obra de Adam Smith, portanto, é sem dúvida um marco importante na constituição da ciência econômica. Acompanhada por trabalhos como de John Millar, David Hume, Adam Ferguson e Lord Kames, fornece os alicerces para a fundação das ciências humanas no geral. Todavia, sua visão sobre os fatores econômicos tem muitas distinções com a que prevalece hoje entre a maior parte dos economistas. *A Riqueza das Nações* não trata sobre a alocação de recursos escassos ou sobre a teoria da escolha do consumidor baseado na utilidade material. Ela fornece uma análise do processo de enriquecimento enquanto parte fundamental da máquina social. Atribui à produção de manufaturas um caráter supérfluo, excedente. As decisões individuais são impulsionadas por fenômenos primordialmente sociais e estéticos. Chega a ser irônico, de certa forma, considerar a gênese do *Homo Economicus* em uma obra que percebe a satisfação de bens materiais como subordinada à sociabilidade.

Referências²²⁰

- AMROZOWICZ, M. C. Adam Smith: History and Poetics In: BERRY, C.; PIA, M.P.; SMITH, C. **Oxford Handbook for Adam Smith**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- ALVEY, J. E. Adam Smith's view of history: consistent or paradoxical? **History of the Human Sciences**, v. 16, n. 2, p. 1-25, 2003.
- ARTHMAR, R. Hume, Smith e as etapas da sociedade comercial. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 1 (56), p. 1-23, abr. 2016.
- ASPROMOURGOS, T. **The Science of Wealth: Adam Smith and the framing of political economy**. New York: Routledge, 2009.
- BEAUZÉE, N. Gramática. In: DIDEROT, D.; d'ALEMBERT (ed.). J. R. **Enciclopédia, ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios**. Volume 2: O sistema dos conhecimentos. PIMENTA, P.P.; SOUZA, M.G (org). São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- BERRY, C. Adam Smith's Considerations on Language. **Journal of the History of Ideas**, University of Pennsylvania Press, vol. 35, n. 1, 1974, pp. 130-138.
- _____. **Social Theory of the Scottish Enlightenment**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1997.
- _____. Smith and Science. In: BROADIE, A. (org.). **The Cambridge Companion to Adam Smith**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- BESSONE, M. & BIZIOU, M. (eds.). **Adam Smith Philosophe**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2009.
- BEVILACQUA, V.M. Adam Smith's Lectures on Rhetoric and Belles Lettres. In: **Studies in Scottish Literature**, vol. 3, n. 1, 1965.
- BREWER, A. Luxury and economic development: David Hume and Adam Smith. **Scottish Journal of Political Economy**, v. 45. n. 1, 1998.
- BROWN, V. **Adam Smith's Discourse**. London: Routledge, 1994.
- BRYCE, J.C. Introduction. In: SMITH, A. **Lectures on rhetoric and belles lettres**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983.
- CAMPBELL, R.H.; SKINNER, A. General Introduction. In: SMITH, A. **An Inquiry into the nature and causes of the Wealth of Nations**, vol. I. Indianapolis: Liberty Fund, 1981[1976].
- CAMPBELL, T.D. **Adam Smith' Science of Morals**. London: George Allen and Unwin, 1971.
- CERQUEIRA, H. G. A Mão invisível de Júpiter e o método newtoniano de Smith. **Estudos Econômicos**, São Paulo, vol. 36, n. 4, 2006.

²²⁰ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

- _____. Para ler Adam Smith: novas abordagens. **Síntese**. Belo Horizonte, v. 32, n. 103, 2005.
- _____. Sobre a filosofia moral de Adam Smith. **Síntese**. Belo Horizonte, v.35, n. 111, 2008.
- _____. Adam Smith e seu contexto: o iluminismo escocês. **Economia e Sociedade**. Campinas, v.15, n.1 (26), 2006.
- CONDILLAC, E. Essai su l'origine des connaissances humaines. In: **Ouvres completes**, v. 1. Publiées par A.F. Théry. Genève: Skatline Reprints, 2012.
- COUTINHO, M. C. **Lições de Economia Política Clássica**. Tese de Livre Docência. Campinas, 1990.
- DARWIN, C. **On the Origin of Species**. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- DASCAL, M. Adam Smith's Theory of Language. In: BROADIE, A. (org.). **The Cambridge Companion to Adam Smith**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- DELEULE, D. **David Hume et la naissance du libéralisme économique**, Paris: Aubier, 1979.
- DELEULE, D. Preface. In SMITH, A. **Essais esthétiques**. Paris: J. Vrin, 1997.
- DELEYRE, A. Épingle. In: DIDEROT, D.; D'ALEMBERT, J.R. (org). _____. **Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.** MORRISEY, R.; ROE, G. (eds). University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Project, Autumn 2017. Disponível em: <http://encyclopedia.uchicago.edu/>. Acesso em 27 de janeiro de 2018.
- DIDEROT, D. & D'ALEMBERT, J. L.R. **Enciclopédia, ou dicionário razoado das ciências das artes e dos ofícios**. PIMENTA, P.P. e SOUZA, M. G. (org.). São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- _____. **Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.** MORRISEY, R.; ROE, G. (eds). University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Project, Autumn 2017. Disponível em: <http://encyclopedia.uchicago.edu/>. Acesso em 27 de janeiro de 2018.
- EVENSKY, J. **Adam Smith's Moral Philosophy: A Historical and Contemporary Perspective on Markets, Law, Ethics, and Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- FERGUSON, A. **An essay on the History of Civil Society**. Edited by Fania Oz-Salzberger. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- FLEISCHACKER, S. **A Short History on Distributive Justice**. Massachusetts: Harvard University Press, 2004.
- FLEISCHACKER, S. **On Adam Smith's Wealth of Nations: a philosophical companion**. Princeton University Press: Princeton e Londres, 2004.
- FORCE, P. **Self-interest before Adam Smith: A genealogy of economic science**. Nova

York: Cambridge University Press, 2003.

FORMAN-BARZILAI, F. **Adam Smith and the circles of sympathy: Cosmopolitanism and moral theory.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FOUCAULT, M. **O nascimento da Biopolítica.** Tradução de Eduardo Brandão. Martins Fontes, 2008.

GRISWOLD, JR. C. L. **Adam Smith and the Virtues of Enlightenment,** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

HAAKONSSSEN, K. Introduction: The Coherence of Adam Smith's Thought. In: BROADIE, A. (org.). **The Cambridge Companion to Adam Smith.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

_____. Lectures on Jurisprudence. In: HANLEY, R.P (ed.). **Adam Smith: His life, thought, and legacy.** New Jersey: Princeton University Press. 2016.

_____. **The Science of a Legislator: the natural jurisprudence of David Hume and Adam Smith.** Cambridge, Cambridge University Press, 1981.

HANLEY, R. P. **Adam Smith and the character of virtue.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

HAYEK, F. The Overrated Reason. In: **Journal of The History of Economic Thought.** Vol 35, issue 02, junho de 2013. p. 239- 256.

_____. **New studies in Philosophy, Politics and the History of Ideas.** Routledge, 1990 [1978].

HEILBRONER, R. L. The Socialization of the individual in Adam Smith. **History of Political Economy**, n.14, vol.3, Durham: Duke University Press, 1982.

HIRSCHMAN, A. **The Passions and the Interests: Political arguments for Capitalism before his Triumph,** Princeton: Princeton University Press, 1977.

HONT, I. The Language of sociability and commerce: Samuel Puffendorf and the theoretical foundations of the 'Four-Stages Theory'. In: PAGDEN, A. (Ed.) **The languages of political theory in early-modern europe.** New York: Cambridge University Press, 1987.

HUME, D. **Dialogues and Natural History of Religion.** Oxford and New York: Oxford World's Classics, 1998.

_____. **Essays moral, political and literary.** Indianapolis: Liberty Fund, 1994 [1777].

HUTCHESON, F. **An Inquiry into the Original of Our Ideas of Beauty and Virtue: in two treatises.** Indianapolis: Liberty Fund, 2004.

_____. **An essay on the Nature and Conduct of the Passions and Affections, with Illustrations on the Moral sense.** Indianapolis: Liberty Fund, 2002.

- JAFFRO, L. Transformation du concept d'imitation de Francis Hutcheson à Adam Smith, In: TROTTEIN, S. (ed.). **Naissance de l'esthétique au XVIII^e siècle**. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- JAFFRO, L. Language and Thought. In: HARRIS, J. (ed.). **The Oxford Handbook of British Philosophy in the Eighteenth Century**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- JOHNSON, S. (1755). **A Dictionary of the English Language**: A Digital Edition of the 1755 Classic by Samuel Johnson (B. Besalke, ed.). Disponível em: <http://johnsonsdictionaryonline.com/>. Acesso em 12 de maio de 2018.
- JONES, P. The Aesthetics of Adam Smith. In: JONES, P.; SKINNER, A. (ed.). **Adam Smith Reviewed**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1992.
- KAMES, L. **Sketches of The History of Man**. 3 vol. Edited by James A. Harris. Indianapolis: Liberty Fund, 2007 [1774].
- _____. **Elements of Criticism**. 2 vols. Edited by Peter Jones. Indianapolis: Liberty Fund, 2005 [1762].
- KEPLER, J.H. **Adam Smith and the Economy of Passions**. New York: Routledge, 2010.
- KLEER, R. A. The role of teleology in Adam Smith's *Wealth of Nations*. **History of Economics Review**, n. 31, p. 14-29, 2000.
- KUNTZ, R. **Fundamentos da Teoria Política de Rousseau**. São Paulo: Barcarolla, 2012.
- _____. **Locke, Liberdade, Igualdade e Propriedade**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/kuntzlocke.pdf>. Acesso: 29 de março de 2018.
- LABIO, C. Adam Smith's Aesthetics. In: BERRY, C.; PIA, M.P.; SMITH, C. **Oxford Handbook for Adam Smith**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- LAND, K.S. Considerations Concerning the First Formation of Languages. In: **Journal of the History of Ideas**, University of Pennsylvania Press, vol. 28, n. 4, 1977.
- LAPIDUS, A. Le profit ou la domination : La figure de l'esclave dans l'économie d'Adam Smith. In: CELIMÈNE, F.; LEGRIS, A. (eds.). **L'Économie de l'Esclavage Colonial**. Paris: CNRS Editions, 2002.
- LARRÈRE, C. **L'invention de l'économie au XVIII^e siècle**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- LEWIS, T. Persuasion, Domination and Exchange: Adam Smith on the Political Consequences of Markets. **Canadian Journal of Political Science**, Vol. 33, No. 2, 2000. pp. 273-289.
- LOCKE, J. **Two Treatises on government**. Student Edition. Edited by Peter Laslett. Cambridge: Cambridge University Press, 1988 [1689].

- MAROUBY, C. Adam Smith and the Anthropology of the Enlightenment: the “ethnographic” sources of economic progress. In: CIPOLLONI, M.; WOLFF, L (ed.). **The anthropology of the Enlightenment**. Stanford, California: Stanford University Press, 2007.
- MEEK, R. L. **Smith, Marx and After: Ten Essays in the Development of Economic Thought**, Chapman and Hall. 1977.
- _____. **Social science and the ignoble savage**. New York: Cambridge University Press, 1976.
- _____. RAPHAEL, D. D.; STEIN, P.G. Introduction. In: SMITH, A. **Lectures on jurisprudence**. Indianapolis: Liberty Fund, 1982
- MCLEAN, I. **Adam Smith radical and egalitarian: An interpretation for the 21th century**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- MILLAR, J. **The Origins of the Distinction of Ranks**. Edited and with an Introduction by Aaron Garrett. Indianapolis: Liberty Fund, 2006.
- MITCHELL, R. Beautiful and orderly systems: Adam Smith on the aesthetics of political improvement. In: SCHLIESSER, E.; MONTES, L.; HAAKONSEN, K. (Org.) **New Voices on Adam Smith**. New York: Routledge, 2006.
- MIZUTA, H. **Adam Smith’s Library: a supplement to Bonar’s Catalogue with a checklist of the whole library**. London: Cambridge University Press, 1967.
- MONTES, L. Newtonianism and Adam Smith. In: BERRY, C.; PIA, M.P.; SMITH, C. **Oxford Handbook for Adam Smith**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- _____. On Adam Smith’s Newtonianism and general economic equilibrium theory. In: SCHLIESSER, E.; MONTES, L.; HAAKONSEN, K. (Org.) **New Voices on Adam Smith**. New York: Routledge, 2006.
- MONTESQUIEU. **O espírito das leis**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MÜLLER, L.A.P. **A filosofia de Adam Smith: imaginação e especulação**. São Paulo: USP, 2016. (Tese de doutorado). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-22082016-132153/pt-br.php>. Acesso em 15 de outubro de 2016.
- PIMENTA, P. P. **A imaginação crítica: Hume no século das luzes**. Rio de Janeiro, Beco do Azougue, 2013.
- _____. **O Iluminismo Escocês**. São Paulo: Alameda, 2011.
- PHILLIPS, M. S. Adam Smith, Belletrist. In: HAAKINSEN, K. (Ed.) **The Cambridge Companion to Adam Smith**. New York: Cambridge University Press, 2006.
- _____. **Society and Sentiment: genres of historical writing in Britain, 1740 – 1820**. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- PHILLIPSON, N. Language, sociability, and history: some reflections on the foundations of Adam Smith’s science of man. In: COLLINI, S.; WHATMORE, R.; YOUNG, B. (ed.).

Economy, Polity, and Society: British Intellectual History 1750-1950. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

PLANK, F. Adam Smith: grammatical economist. In: JONES, P.; SKINNER, A. (ed.). **Adam Smith Reviewed**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1992.

POCOCK, J.G.A. Adam Smith and History. In: BROADIE, A. (org.). **The Cambridge Companion to Adam Smith**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

POLANYI, K. **The Great Transformation:** The Political and Economic Origins of Our Time. Boston: Beacon Press, 2001 [1944].

RAPHAEL, D. D. **Adam Smith**. Oxford: Oxford University Press, 1985.

_____. The Impartial Spectator: Adam Smith's moral philosophy. Oxford: Clarendon Press, 2007.

RAPHAEL, D.D.; SKINNER, A.S. General Introduction. In: **Essays on Philosophical Subjects**. Liberty Fund, 1982.

RASMUSSEN, D. C. **The problems and promise of commercial society:** Adam Smith's response to Rousseau. The Pennsylvania State University Press: State College, 2008.

REDMAN, D. Adam Smith and Isaac Newton, **Scottish Journal of Political Economy**, v. 2, n. 1, 1993.

REID, T. **The works of Thomas Reid**. Edited by William Hamilton. Edinburgh: Edinburgh University, 1852.

REISMAN, D.A. **Adam Smith's sociological economics**. New York: Harper & Row Publishers, 1976.

RODRIGUES, A.A. **Ambição e Prudência: os sistemas econômicos de Adam Smith**. São Paulo: USP, 2017. (Tese de doutorado). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-02022018-114751/pt-br.php> Acesso em 15 de outubro de 2016.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Edição Os Pensadores. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril cultural, 1973.

_____. **Emílio ou Da Educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Edição Os Pensadores. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril cultural, 1973.

_____. Verbete Imitação. In: YASOSHIMA, F. **O Dicionário da Música de Jean-Jacques Rousseau:** introdução, tradução parcial e notas (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

_____. Economia. In: DIDEROT, D.; d'ALEMBERT (ed.). J. R. **Enciclopédia, ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios**. Volume 4: Política. PIMENTA, P.P.; SOUZA, M.G (org). São Paulo: Editora Unesp, 2015.

- _____. Imitation. In: DIDEROT, D.; D'ALEMBERT, J.R (ed.). _____. **Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.** MORRISEY, R.; ROE, G. (eds). University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Project, Autumn 2017. Disponível em: <http://encyclopedia.uchicago.edu/>. Acesso em 27 de janeiro de 2018.
- SANTOS, R. C. O Estado na Riqueza das Nações. Texto para Discussão. Série Economia, 2005. Disponível em: https://www.fearp.usp.br/images/pesquisa/Anexos/Publicacoes/Textos_discussao/REC/2005/wpe47.pdf. Acesso em 27 de maio de 2018.
- SCHUMPETER, J. **History of economic analysis**. Londres: Routledge, 1954.
- SCOTT, W.R. **Adam Smith as Student and Professor**. New York: Augustus M. Kelley, 1965 [1937].
- SKINNER, A. A Scottisch contribution to Marxist sociology? In: BRADLEY, I.; HOWARD, M. (Ed.). **Classical Marxian Political Economy: Essays in honour of Ronald L. Meek**. London: The Macmillan Press, 1982.
- _____. Adam Smith: an economic interpretation of history. In: SKINNER, A; WILSON, T. (Ed). **Essays on Adam Smith**. Oxford: Claredon Press, 1975.
- _____. Natural History in the age of Adam Smith, **Political Studies**, v. 15, n.1, p.32-48, 1967.
- SMITH, A. **Theory of Moral Sentiments**. Indianapolis: Liberty Fund, 1982.
- _____. **An Inquiry into the nature and causes of the Wealth of Nations**. Indianapolis: Liberty Fund, 1981.
- _____. **Essays on Philosophical Subjects**. Indianapolis: Liberty Fund, 1982.
- _____. **Lectures on Rhetoric and Belles Lettres**. Indianapolis: Liberty Fund, 1983.
- _____. **Lectures on jurisprudence**. Indianapolis: Liberty Fund, 1982.
- _____. **The Correspondence of Adam Smith**. Indianapolis: Liberty Fund, 1987.
- _____. **A Riqueza das Nações: Investigação Sobre sua Natureza e suas Causas**, 2 vols. Tradução de Alexandre Amaral Rodrigues. São Paulo: Martins Fontes, [1776] 2013.
- _____. **A Riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**, 2 vols. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo, SP: Nova Cultural, [1776] 1985.
- _____. **Teoria dos sentimentos morais**, ou Ensaio para uma análise dos princípios pelos quais os homens naturalmente julgam a conduta e o caráter, primeiro de seus próximos, depois de si mesmos, acrescida de uma dissertação sobre a origem das línguas. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Martins Fontes, [1759]1999.
- _____. **Conferências sobre Retórica e Belas Letras**. Tradução de Rebeca Schwartz. Coleção Liberty Classics. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

- SMITH, C. Adam Smith on progress and knowledge. In: SCHLIESSER, E.; MONTES, L. (Org.) **New Voices on Adam Smith**. New York: Routledge, 2006.
- SPADAFORA, D. The idea of progress in Eighteenth-Century Britain. New Haven and London: Yale University Press, 1990.
- STEWART, D. Dugald Stewart: Account of the Life and Writing of Adam Smith. In: SMITH, A. **Essays on Philosophical Subjects**. Indianapolis: Liberty Fund, 1982.
- SUZUKI, M. **A forma e o sentimento do mundo: Jogo, humor e arte de viver na filosofia do século XVIII**. São Paulo: Editora 34, 2014.
- SWEARINGER, J.C. Adam Smith on Language and Rhetoric: The Ethics of Style, Character, and Propriety. In: In: BERRY, C.; PIA, M.P.; SMITH, C. **Oxford Handbook for Adam Smith**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- VIVENZA, G. **Adam Smith and the Classics**. New York: Oxford University Press, 2002.
- TAYLOR, W. L. **Francis Hutcheson and David Hume as predecessors of Adam Smith**. Durham: Duke University Press, 1965.
- WASZEK, N. **L'Ecosse des Lumières: Hume, Smith, Ferguson**. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.
- WIGHTMAN, W.P.D.; BRYCE, J. C. Introduction to The History of Astronomy, The History of Ancient Physics and The History of the Ancient Logics and Metaphysics. In: SMITH, A. **Essays on Philosophical Subjects**. Liberty Fund, 1982a.
- WIGHTMAN, W.P.D.; BRYCE, J. C. Introduction to Of The Imitative Arts. In: SMITH, A. **Essays on Philosophical Subjects**. Liberty Fund, 1982b.
- WINCH, D. **Adam Smith's Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- _____. **An Essay in historiographic revision**. New York: Cambridge University Press, 1978.